

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA**

Otávio Chagas Rosa

**A FICÇÃO DO HOMEM: UM ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO  
MASCULINA DE TELENVELAS**

Santa Maria, RS

2018



**Otávio Chagas Rosa**

**A FICÇÃO DO HOMEM: UM ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO  
MASCULINA DE TELENÓVELAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Comunicação**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS

2018

ROSA, Otávio Chagas

A ficção do homem: um estudo sobre a recepção masculina de telenovelas / Otávio Chagas ROSA.- 2018.

177 p.; 30 cm

Orientadora: Veneza Mayora RONSINI

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2018

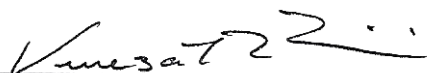
1. Recepção 2. Mediações 3. Telenovela 4. Masculinidades I. RONSINI, Veneza Mayora II. Título.

**Otávio Chagas Rosa**

**A FICÇÃO DO HOMEM: UM ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO MASCULINA DE  
TELENOVELAS**

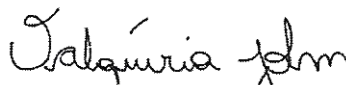
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Comunicação**.

**Aprovado em 29 de junho de 2018**



---

**Veneza Mayora Ronsini, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**  
**Presidente/Orientadora**



---

**Valquíria Michela John, Dr.<sup>a</sup> (UFPR)**



---

**Fernando de Figueiredo Balieiro, Dr. (UFSM)**

Santa Maria,

2018



## RESUMO

### A FICÇÃO DO HOMEM: UM ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO MASCULINA DE TELENOVELAS

AUTOR: Otávio Chagas Rosa  
ORIENTADORA: Veneza Mayora Ronsini

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa teórica e empírica, de caráter qualitativo, sobre a recepção de telenovelas entre homens em diferentes contextos sociais no que diz respeito a construção social de suas masculinidades. Delineamos como objetivo geral deste estudo investigar como os confrontos e anuências entre as representações sobre as relações de gênero presentes nas telenovelas e as mediações socioculturais conformam as masculinidades dos receptores. Alinhamo-nos à vertente dos estudos culturais, especificamente à perspectiva teórico-metodológica latino-americana das mediações de Jesús Martín-Barbero (2004; 2009). Ainda em termos teóricos, nossa ênfase está centrada nas discussões referentes à construção social das masculinidades, precipuamente, a partir das formulações de Raewyn Connell (1995; 2003). Metodologicamente, realizamos um estudo de recepção com três homens residentes no interior do Rio Grande do Sul (RS) a partir da confecção de retratos sociológicos individuais (LAHIRE, 2004). Com base nos casos estudados, constatamos que as telenovelas figuram-se como um espaço privilegiado de discussão sobre dissidências sexuais e de gênero. Além do mais, ao retratarem personagens transexuais e homossexuais de forma humanizada – e denunciarem casos de violência doméstica em suas tramas – oferecem subsídios de enfrentamento ao machismo e a homofobia.

**Palavras-chave:** Recepção. Mediações. Telenovela. Masculinidades.





## **ABSTRACT**

### **THE MEN FICCTION: A STUDY ABOUT THE RECEPTION OF TELENOVELAS BY MALES**

AUTHOR: Otávio Chagas Rosa  
TUTOR: Veneza Mayora Ronsini

This work is the result of a qualitative theoretical and empirical research about the reception of telenovelas among men in different social contexts and the social construction of their masculinities. We outline as the general objective of this study to investigate how the confrontations and nuances between the representations about the gender relations present in the telenovelas and the sociocultural mediations conform the masculinities of the viewers. We are aligned to the cultural studies field, specifically to the Latin American theoretical-methodological perspective of the mediations of Jesús Martín-Barbero (2004; 2009). Still in theoretical terms, our emphasis is centered on discussions about the social construction of masculinities, primarily from the formulations of Raewyn Connell (1995, 2003). Methodologically, we conducted a study of reception with three men living in country towns of Rio Grande do Sul (RS), departing from the elaboration of individual sociological profiles (LAHIRE, 2004). On the cases studied, we find that telenovelas appear as a privileged space for discussions about sexual and gender disagreements. Moreover, by portraying transsexual and homosexual characters in a humanized way – and denouncing cases of domestic violence in their narratives – the telenovelas offer subsidies to fight against machismo and homophobia.

**Keywords:** Reception. Cultural Studies. Mediations. Telenovela. Masculinities.



## AGRADECIMENTOS

Talvez seja um pouco injusto fazer por último os agradecimentos àqueles (as) que nos foram tão substanciais para esta pesquisa. Isso porque, pela exaustão da chegada, corre-se o risco de faltarmos com alguma poética que de conta da fiel dimensão daquilo que sentimos. Entretanto, tentando superar esse impasse, começo por agradecer:

- a todos os meus familiares, principalmente à minha irmã Lívia, por acreditar – antes mesmo de mim – que a pesquisa me traria muitas alegrias; à minha mãe Rita, pela trajetória de superações e por compartilhar com entusiasmo de meus sonhos e ao meu pai Jair, pelos amparos materiais e exemplos práticos, que desde muito antes, me ensinaram que ao homem não cabem definições maniqueístas.

- à professora Veneza Ronsini pelas tantas orientações, que ultrapassaram as fronteiras acadêmicas. Com ela, aprendi a extrair para a vida os ensinamentos dos livros e, disso, tenho buscado (espero que com algum êxito) ser uma pessoa melhor. Também agradeço aos componentes da banca, professores Fernando Balieiro e Valquiria John, pelos ensinamentos e trajetórias de pesquisa – que me encorajam a seguir escalando a montanhosa estrada acadêmica.

- aos informantes – que deram corpo a este trabalho; pela confiança e acolhida sempre gentil mesmo no decurso extenso de entrevistas. Obrigado, sobretudo, por compartilharem conosco suas memórias, contradições, pensamentos íntimos e também os silêncios.

- aos meus colegas-amigos: Camila Marques, Gustavo Dhein e Hellen Barbiero, que me ajudaram de todas as maneiras que alguém pode ser ajudado. Foram incentivos, empurrões, olhares de complacência e discussões teóricas: em palestras, na fila do baile funk, no avião à caminho de congressos e também nos áudios extensos de whatsapp às três da manhã.

Finalmente, agradeço também à Capes, por financiar parcialmente esta pesquisa.



*A maior riqueza do homem é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.  
[...]  
Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas*

*Retrato do artista quando coisa  
Manoel de Barros (1998)*



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>A RECEPÇÃO DA TELENVELA NO CONTEXTO DOS ESTUDOS CULTURAIS</b> .....	21
2.1	A CONTRIBUIÇÃO DA “INTERRUPÇÃO” FEMINISTA NOS ESTUDOS CULTURAIS.....	22
2.1.1	<b>As telenovelas pelo olhar latino-americano</b> .....	26
2.2	A DIMENSÃO MUDIÁTICA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS.....	29
2.2.1	<b>Vitrine eletrônica: os papéis sociais da telenovela</b> .....	31
<b>3</b>	<b>A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE</b> .....	35
3.1	ACERCAMENTOS ÀS TEORIAS DE GÊNERO.....	35
3.2	DO CORPO À INCORPORAÇÃO DA MASCULINIDADE.....	39
3.2.1	<b>Masculinidade(s) no plural: hegemonia e subalternidade</b> .....	42
<b>4</b>	<b>APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....	45
4.1	AS MEDIAÇÕES NA TEORIA.....	45
4.2	PRÓXIMOS E DISTANTES: A VALIDADE DOS CONCEITOS DE MEDIAÇÃO E MUDIATIZAÇÃO NOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO.....	49
4.3	A TOTALIDADE POSSÍVEL PARA OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO.....	53
4.3.1	<b>Retratos sociológicos individuais</b> .....	54
4.3.2	<b>Aproximação com o campo</b> .....	55
<b>5</b>	<b>ESTUDOS DE CASO: AS MEDIAÇÕES NA PRÁTICA</b> .....	59
5.1	E CRIOU DEUS O HOMEM À SUA IMAGEM?.....	59
5.1.1	<b>Os modos de ser Marcelo: socialidade</b> .....	62
5.1.2	<b>Os modos de Marcelo perceber o gênero</b> .....	68
5.1.3	<b>O consumo cultural e midiático de Marcelo</b> .....	72
5.1.4	<b>Os modos de Marcelo ver e ler a telenovela: ritualidade</b> .....	74
5.2	O TRABALHO (IN)DIGNIFICA O HOMEM.....	79
5.2.1	<b>Os modos de ser Fernando: socialidade</b> .....	81
5.2.2	<b>Os modos de Fernando perceber o gênero</b> .....	86
5.2.3	<b>O consumo cultural e midiático de Fernando</b> .....	93
5.2.4	<b>Os modos de Fernando ver e ler a telenovela: ritualidade</b> .....	94
5.3	A ILUSÃO DE QUE SER HOMEM BASTARIA.....	100
5.3.1	<b>Os modos de ser Gustavo: socialidade</b> .....	103
5.3.2	<b>Os modos de Gustavo perceber o gênero</b> .....	110
5.3.3	<b>O consumo cultural e midiático de Gustavo</b> .....	120
5.3.4	<b>Os modos de Gustavo ver e ler a telenovela: ritualidade</b> .....	121
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	135

<b>ANEXO A – PERSONAGENS DAS TELENVELAS CITADAS PELOS RECEPTORES.....</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO.....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA CONSUMO CULTURAL E MUDIÁTICO.....</b>	<b>168</b>
<b>APÊNDICE D – ROTEIRO ENTREVISTA SOCIALIDADE.....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE E – ROTEIRO ENTREVISTA PERCEPÇÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICE F – ROTEIRO ENTREVISTA RITUALIDADE.....</b>	<b>176</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em abril de 2014, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apresentou o estudo *Tolerância social à violência contra as mulheres*<sup>1</sup>. Nele, constatou-se que para 58,8% dos entrevistados haveria menos estupros se as mulheres soubessem se comportar. E, para 26% dos consultados, aquelas que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas. Além disso, os casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família para 63% dos informantes. Essa foi também a porcentagem dos que concordaram (total ou parcialmente) com a ideia de que os “homens devem ser a cabeça do lar”. Ademais, 52% da amostra assentiu na ideia de que o casamento entre pessoas do mesmo sexo deve ser proibido.

No mesmo ano, foi divulgado o resultado da pesquisa *Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências*<sup>2</sup>, na qual se observou que uma entre cada três meninas não tem tempo suficiente para brincar e estudar. Conforme o relatório, elas são obrigadas pelos pais a desempenhar atividades domésticas que, comumente, não são delegadas aos meninos. O levantamento apontou que 82% das entrevistadas arrumam suas camas, 77% lavam louça, 65% limpam a casa e 41% cozinham. Já entre seus irmãos, os dados relativos às mesmas atividades não superam os 13%. A atribuição do cuidado com as crianças à figura feminina é outro dado sugestivo. São as mães, em 76% dos casos, que zelam pelos descendentes, ou seja, essa atividade ainda é percebida e naturalizada como algo que cabe prioritariamente às mulheres, mesmo quando elas trabalham fora de casa.

Estatísticas como essas, a exemplo de tantas outras igualmente consternadoras – como a diferença de renda salarial entre gêneros<sup>3</sup>, a pouca participação feminina na política brasileira<sup>4</sup> e os elevados índices de violência contra mulheres e LGBTs – revelam que, apesar das transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, a dominação masculina, ancorada em uma matriz heteronormativa, permanece vigente em nossa sociedade. Ela é reforçada, cotidianamente, na desvalorização de características ligadas ao feminino, na imposição de

---

<sup>1</sup> Foram ouvidas 3.810 pessoas em 212 cidades brasileiras entre maio e junho de 2013. Os dados integrais da pesquisa estão disponíveis em <http://www.ipea.gov.br>

<sup>2</sup> Pesquisa realizada pela ONG *Plan Internacional Brasil* no ano de 2013. Foram entrevistadas 1.700 meninas, entre 05 e 14 anos, de diferentes etnias e classes sociais das cinco regiões brasileiras. Os relatórios completos da pesquisa estão disponíveis em: <http://plan.org.br>.

<sup>3</sup> De acordo com a pesquisa *Estatísticas de Gênero 2014*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a renda média das brasileiras corresponde a 68% da renda média dos homens. A informação está disponível em <http://ibge.gov.br>

<sup>4</sup> A participação feminina no Congresso Nacional, tendo como foco a eleição de 2014, não chega a 10%. Na Câmara Federal, das 513 cadeiras para o cargo de deputado, apenas 47 são ocupadas por mulheres. No senado, a proporção é de 10 para 81. Essas informações podem ser encontradas nos sites do TSE, Câmara Federal e Senado.

diferentes papéis sociais a serem desempenhados por “eles” e “elas”, na tolerância às agressões domésticas e, até mesmo, na opressão a varões que não compactuam com tais condutas.

Convém ressaltar que se “o masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo” (WELZER-LANG, 2001, p. 464), essa estrutura de dominação impõe pressão, mesmo que em níveis muito diferentes, aos dois termos da relação. Dessa forma, homens também podem ser impactados de maneira prejudicial. Constantemente, sobretudo os jovens, são convocados a provar sua “macheza” por meio da demonstração de força, violência e virilidade. Pesquisas em saúde, por exemplo, têm registrado problemas prevalentemente masculinos, dos quais chamam atenção: a) mortes por acidentes de trânsito<sup>5</sup>, homicídios e suicídios<sup>6</sup>; b) abuso de drogas – principalmente o álcool<sup>7</sup> e o cigarro e c) resistência à assistência médica.

Frente a esse cenário inóspito e, na mesma proporção, naturalizado, continua pertinente a discussão da problemática das relações de gênero na academia. Isso porque, filiados os Estudos Culturais, defendemos a produção intelectual em articulação com um projeto político que faz frente às ideologias que asseguram a dominação. Com isso em vista, a problemática de gênero em nossa investigação será desenvolvida a partir do olhar teórico sobre as masculinidades e sobre a recepção masculina de telenovelas.

Parafraseando Simone de Beauvoir, partilhamos da perspectiva teórica de que ninguém nasce homem, mas torna-se um. Compreendemos a masculinidade como uma construção social, não podendo ser definida fora de contexto – distante das condições históricas e culturais nas quais o sujeito se constitui. Daí o emprego de “a ficção do homem” no título de nosso trabalho. Para além do sentido de ficção teledramática (telenovela), sua construção foi pensada enquanto defesa à ideia de que o homem é menos o inato e mais o adquirido.

Sublinhamos que nossa investigação, de modo abrangente, poderá contemplar como estão estruturadas as relações de gênero a partir da questão da masculinidade, mas nossa intenção não é a de apontar algozes ou vítimas. Compreendemos que a construção e a manutenção social desse fenômeno não exime os homens da responsabilidade em relação às

---

<sup>5</sup> De acordo com o levantamento do IBGE realizado em 2013, os homens são os principais envolvidos em acidentes de trânsito. Conforme a pesquisa, o percentual de brasileiros que se envolveu em acidentes de trânsito, com lesões corporais, foi de 3,1% no referido ano. A proporção foi maior entre os homens (4,5%) do que se comparado entre as mulheres (1,8%).

<sup>6</sup> Um estudo da OMS indica que os homens cometem mais suicídio que as mulheres. O Brasil é o oitavo país em número de suicídios. Em 2012, foram registradas 11.821 mortes, sendo 9.198 homens e 2.623 mulheres.

<sup>7</sup> Segundo relatório da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), lançado em agosto de 2015, no Brasil, 73,9 homens a cada 100 mil habitantes morreram por causa do álcool em 2010, deixando o país na terceira posição entre os países das Américas. Entre as mulheres foram registradas 11,7 mortes a cada 100 mil habitantes.

consequências da dominação masculina sobre as mulheres. Contudo, espera-se que disso possam ser apontados caminhos para a desarticulação do modelo tóxico de masculinidade.

A escolha pelo objeto telenovela, por sua vez, advém do fato de que esse produto cultural midiático ainda ocupa um papel de protagonista no dia a dia dos brasileiros<sup>8</sup>, tendo o país tornado-se referência mundial do segmento nas últimas décadas. Somando-se a isso, alguns estudos (BORELLI, 2000; ANDRADE, 2003) demonstram que a audiência masculina das telenovelas tem, com o passar dos anos, se equiparado à feminina. Essa percepção foi reforçada em pesquisa que realizamos recentemente (ROSA; MARQUES; DHEIN, 2016). Ao investigar as apropriações da trama por parte dos fãs da telenovela *Velho Chico* (Rede Globo) em um grupo do Facebook, constatamos que metade das publicações e dos comentários analisados foram produzidos a partir de usuários masculinos.

A popularidade alcançada pelas telenovelas brasileiras há décadas (especialmente as da Rede Globo), também nos convida a interrogá-las como subsídios importantes no processo de construções identitárias.

Os corpos e os comportamentos mais imitados na cultura brasileira estão, sem dúvida alguma, nas telenovelas da Rede Globo. Elas podem ser vistas como um reflexo dos corpos e comportamentos existentes na sociedade, mas, ao mesmo tempo, mostram inovações comportamentais e novos estilos de vida. [...]. Muitas telenovelas exploram situações polêmicas e provocam discussões em todas as regiões do País, misturando ficção e realidade. Roupas, acessórios, cortes de cabelo, esmaltes, móveis, são imitados por mulheres e homens que assistem às novelas. Mais ainda, comportamentos e estilos de vida também se transformam quando veiculados pelas telenovelas da Rede Globo (GOLDENBERG, 2011, p. 545).

Por esse enfoque, a produção televisiva ficcional, compreendida como um “recurso comunicativo”, por ativar a correspondência entre o *habitus* do mundo narrado e o *habitus* vivido pela recepção (LOPES, 2009), permite processos de identificação/desidentificação da audiência com os personagens das tramas. Além disso, o reconhecimento público da telenovela como um importante e amplo espaço de problematização nacional ajuda a explicar o relevo dado a esse produto midiático nas pesquisas em Comunicação do país.

De acordo com a coletânea Meios e Audiências II (SILVA, 2014, p.121), foram produzidos, na década de 2000, 24 trabalhos sobre recepção de telenovela nos programas de Pós-Graduação em Comunicação do país. Desses, contudo, apenas quatro fizeram um recorte a partir das relações de gênero. Quanto aos estudos de recepção voltados à problematização de

---

<sup>8</sup> Segundo levantamento do Ibope Media, referente ao 1º semestre de 2015, a telenovela é o conteúdo de televisão preferido da maioria dos brasileiros. Fonte: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/07/23/Ibope-analisa-consumo-de-TV.html>

gênero, independente do produto midiático a que estavam relacionados, foram identificadas trinta pesquisas (JOHN; COSTA, 2014, p. 220) – sendo nenhuma delas pela ótica das masculinidades.

Destarte, tomando esse levantamento como ponto de partida, procuramos mapear novas produções acadêmicas na área da Comunicação que contemplassem a articulação entre mídia e masculinidades. O protocolo metodológico que utilizamos para tal empreendimento estruturou-se com base na criação de três eixos combinados: 1) comunicação, mídia, recepção; 2) masculinidade, masculino, homem, virilidade e 3) ficção seriada, telenovela, teledramaturgia, televisão. Eles foram conjugados nos instrumentos de busca da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT e do Banco de Teses e Dissertações da CAPES. O recorte temporal escolhido contemplou os trabalhos produzidos nos últimos de 10 anos.

Dos resultados obtidos, ficou evidente a quase inexistência de trabalhos que articulassem recepção e masculinidade. A exceção ficou a cargo da dissertação *Masculinidade em Anúncio(s): recepção publicitária e Identidade de Gênero*, defendida por Filipe Bordinhão dos Santos, em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Nessa pesquisa<sup>9</sup>, investigou-se o papel das representações sobre a masculinidade de anúncios publicitários televisivos na formação da identidade de gênero de homens de classes sociais distintas. Quanto aos demais estudos na área da Comunicação, foram localizadas três produções com enfoque na análise textual<sup>10</sup>.

Frente à pertinência da problematização de gênero na atualidade, como exposto anteriormente, e diante da constatação da quase inexistência de pesquisas que articulem masculinidades e recepção midiática, propomos um estudo de recepção de telenovelas para averiguar como os textos ficcionais são articulados por receptores homens no tocante à construção social de suas masculinidades.

Dito isso, a problemática de nossa pesquisa gravita em torno dos seguintes questionamentos: a) como as representações sobre as relações de gênero presentes nas telenovelas incidem na produção de sentidos realizadas por homens em diferentes contextos sociais? b) de que maneira esses textos ficcionais são empregados no espaço de negociação

---

<sup>9</sup> Com essa investigação, Bordinhão constatou que a publicidade aparece como importante fonte de padrões e referências para que sujeitos contemporâneos vivenciem a masculinidade; da mesma forma que contribui para a relativização do padrão masculino tradicional, relacionado ao machismo e ao patriarcado.

<sup>10</sup> *A construção dos sentidos da masculinidade na telenovela “A Favorita”: um diálogo entre representações da masculinidade na telenovela e as representações discursivas do ambiente social brasileiro*, tese defendida por Daniela Jakubasko, em 2010 (USP); *Vida e Morte de um projeto editorial: um estudo da representação do masculino da Revista Alfa*, dissertação de Thatiana de Souza Lino, de 2015 (UNIP); e *Homem-Homem, Homem com H e Homem-Imagem: masculinidades midiáticas nas culturas do Consumo*, trabalho de mestrado de Danilo Postinguel, concluído em 2015 (ESPM/SP).

entre valores morais e sexualidade e, assim, se configuram como elementos que contribuem para a questionar ou reforçar a masculinidade hegemônica?

Na intenção de respondermos essas perguntas, objetivamos investigar como os confrontos e anuências entre as representações sobre as relações de gênero presentes nas telenovelas e as mediações socioculturais conformam as masculinidades dos receptores. Por conseguinte, nossos objetivos específicos são: 1) examinar as trajetórias sociais dos receptores nos âmbitos privado e público (família, escola, trabalho); 2) analisar as percepções que eles fazem acerca das relações de gênero 3) mapear o consumo cultural e midiático dos informantes e 4) analisar as apropriações e usos que os receptores fazem das narrativas das telenovelas na (re)configuração de suas masculinidades.

Com vistas a contemplar esses objetivos, estruturamos nosso trabalho em seis capítulos. Após a introdução, no segundo capítulo, dedicamo-nos ao exame teórico sobre a trajetória dos estudos de recepção de telenovelas (melodrama televisivo) a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. A começar disso, sublinharemos a substancial contribuição da crítica feminista na consolidação desse produto midiático como objeto de estudo, bem como sua importância para uma ruptura epistemológica, que expandiu radicalmente a noção de poder, reivindicando a centralidade das questões de gênero e de sexualidade para o entendimento dessas próprias relações (de poder) – outrora circunscritas na problemática de classe.

Problematizamos, por conseguinte, a dimensão midiática decorrente do capitalismo tardio em um contexto globalizado na constituição das identidades contemporâneas. Em nossa concepção de identidade – ancorada nas formulações de Stuart Hall (2011) – adotamos a perspectiva de que elas não são rígidas ou imutáveis, mas sim contingenciais. Dessa compreensão, e diante do reconhecimento da atual onipresença da mídia, bem como da constatação de que nosso contato com a realidade é substancialmente mediado por ela, resulta a necessidade de tensionarmos as implicações do consumo cultural de representações midiáticas na constituição identitária dos sujeitos. Sublinharemos, também, as particularidades e potencialidades da telenovela – entendida como um recurso comunicativo, na conformação desse processo.

No capítulo subsequente, adentramos nas conceituações de gênero – a começar pelo panorama das principais vertentes teóricas desse campo de estudos. A partir disso, versamos acerca da construção social das masculinidades, fundamentalmente a partir das enunciações teóricas de Raewyn Connell (1995, 2013, 2016). Apresentaremos, ademais, uma discussão complementar sobre as diferentes maneiras (hegemônicas e subalternas) de vivenciá-las.

No quarto capítulo, no intento de investigarmos empiricamente a produção de sentidos por sujeitos homens a partir das representações sobre as relações de gênero presentes nas telenovelas, apresentamos nosso aporte teórico-metodológico. Considerando a relevância do critério epistemológico nas escolhas de determinados métodos e técnicas – e compreendendo que “mesmo táticas metodológicas comprovadas e pertinentes devem ser ajustadas a características concretas do objeto e ao desenho específico da investigação” (BRAGA, 2011, p. 01) – deliberamos sobre a Teoria das Mediações e sua aplicabilidade empírica, amparados, respectivamente nas proposições de Martín-Barbero (2004, 2009), Ronsini (2011) e Lahire (2004).

Posterior a isso, no capítulo imediato, apresentamos os retratos sociológicos individuais de nossos informantes, assim como a interpretação dos dados obtidos em campo. No referido momento serão tensionadas e articuladas as mediações socialidade (contextos), e ritualidade (leituras) a fim de compreendermos que sentidos são construídos pelos receptores a partir das representações sobre as relações de gênero presentes nas telenovelas que assistem.

## 2 A RECEPÇÃO DA TELENOVELA NO CONTEXTO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Embora existam dissidências<sup>11</sup> quanto ao surgimento dos Estudos Culturais, muitos textos ainda indicam que as primeiras manifestações desses estudos são atribuídas aos intelectuais Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson – cujos trabalhos iniciais datam o final dos anos 1950 na Inglaterra. Impulsionado pela pesquisa que desenvolveu, *As utilizações da cultura*, Richard Hoggart, enquanto professor de Literatura Inglesa Moderna, funda o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos - CCCS), junto ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, em 1964.

Raymond Williams, a partir de excerto apresentado por Maria Elisa Cevalco (2008, p. 61), infere que a mudança de perspectiva no ensino (e a relação disso com a história e a sociedade) começou na educação para adultos e não a partir de livros publicados no final da década de 1950. Ao defender essa posição, interpreta Cevalco (ibidem, p. 62), Williams enfatiza que os estudos culturais começaram como um projeto marginal, desassociado das disciplinas e universidades consagradas.

Uma das ambições teóricas dos Estudos Culturais no estágio de sua formação, consistia – inspirados por pensadores influentes do marxismo cultural, como Gramsci – em sofisticar os modos de pensar a determinação da cultura pela base econômica (ibidem, p. 66). O historiador Richard Thompson, que já dirigiu o *Centre for Contemporary Cultural Studies*, evidencia três importantes contribuições do pensamento de Marx para os Estudos Culturais:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e formações de classes, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras, é que a cultura não é um campo autônomo nem eternamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais (JOHNSON, 2010, p. 12-13).

---

<sup>11</sup> Eduardo Restrepo (2012, p. 137-138) evidencia essas divergências a partir da reflexão de duas perspectivas: a que compreende a formação dos Estudos Culturais a partir de uma origem única – centrada nas atividades intelectuais dos ‘pais fundadores’ do CCCS (e, posteriormente, Hall) – e a que defende múltiplas genealogias, propondo que a centralidade dos britânicos nas histórias e narrativas dos Estudos Culturais deva ser explicada em termos de geopolítica do conhecimento. Martín-Barbero, por exemplo, endossa esta perspectiva ao declarar que: “Nosotros habíamos hecho estudios culturales mucho antes de que esta etiqueta apareciera” (MARTÍN-BARBERO, 1996, p. 51).

Restringindo o debate à área da Comunicação, Luís Mauro Sá Martino (2009, p.243), ressalta que muitos dos argumentos formulados pelos fundadores dos Estudos Culturais balizam inúmeras pesquisas ainda hoje. De acordo com a dedução desse autor, seguem vigentes as premissas de que: o lugar das apropriações dos meios de comunicação pela sociedade é o receptor; entender a comunicação é entender os usos feitos pelos indivíduos diante da mídia; todo espaço de cultura é um espaço político de construção de hegemonia; os meios de comunicação não são apenas instrumentos de imposição legitimada de um padrão, mas também uma arena de disputas de espaço pela construção de práticas significativas dentro de uma cultura em luta; a cultura de massa produzida pelos meios de comunicação é uma das responsáveis pela articulação de identidades cotidianas.

## 2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA “INTERRUPÇÃO” FEMINISTA NOS ESTUDOS CULTURAIS

O intelectual Stuart Hall – embora não tenha sido um membro fundador – figura entre os principais expoentes dos Estudos Culturais britânicos. Ao suceder Hoggart na direção do *Centre for Contemporary Cultural Studies* em 1968, passou a incentivar o desenvolvimento de pesquisas sobre práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos. Para além disso, “exerceu uma função de ‘aglutinador’ quando nos momentos de intensas distensões teóricas” (ESCOSTEGUY, 2010, p 29).

Um desses momentos – e que nos é deveras relevante nesta pesquisa – deu-se a partir da introdução dos estudos feministas no Centro. Nas palavras do próprio Hall (2009, p. 197), “abrimos a porta aos estudos feministas como bons homens transformados e, mesmo assim, o feminismo arrombou a janela”. O autor testemunha que a intervenção do feminismo foi decisiva aos Estudos Culturais, em termos teóricos e práticos. Das principais mudanças advindas dessa “interrupção”, o intelectual pontua:

Primeiro, a proposição da questão do pessoal como político – e suas consequências para a mudança do objeto de estudo nos estudos culturais – [...]. Segundo, a expansão radical da noção de poder, que até então tinha sido desenvolvido dentro do arcabouço da noção do público, [...]. Terceiro, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder. Quarto, a abertura de muitas questões que julgávamos ter abolido em torno da área perigosa do subjetivo e do sujeito, colocando essas questões no centro dos estudos culturais como prática teórica. Quinto, a reabertura da “fronteira fechada” entre a teoria social e a teoria do inconsciente – a psicanálise (HALL, 2009, p.196).



Convém recuperar, no entanto, que o uso da áspera metáfora do ladrão noturno – que “invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na mesa dos estudos culturais” (loc. cit.), ratificou a denúncia da resistência com a qual os estudos feministas foram recebidos, em um primeiro momento, no âmbito das teorizações dos estudos culturais. Essa “guerra de posições”, travada no período em que Hall dirigiu o centro, emergiu, segundo Escosteguy (2016, p. 63) nos planos prático e teórico. No primeiro deles, reivindicou-se a ocupação de espaços por estudantes mulheres e, no segundo, houve um esforço para inserir a dimensão de gênero nas discussões até então centradas em torno do marxismo e da problemática de classe.

“O negativismo e a violência da metáfora da invasão, da apropriação ilegal e da dessacralização empregada por Hall” (ALMEIDA, 1998, p. 39), não solapou, contudo, a proximidade entre o feminismo e os estudos culturais, sobretudo no engajamento político para além dos limites disciplinares acadêmicos. Na análise de Johnson (2010, p. 14-15), é incorreto ver o feminismo ou o antirracismo como uma interrupção ou desvio de uma política original de classe ou programa de pesquisa associado a essa política. Pelo contrário, “foram esses movimentos que fizeram com que a ‘Nova Esquerda’ fosse Nova!”.

Ainda de acordo Johnson (ibidem, p. 16), o feminismo tem produzido novos objetos de estudo, “obrigando-nos, além disso, a reformular velhos objetos”. Quanto aos estudos da mídia, o autor pontua o deslocamento do “masculino” das notícias para a importância do entretenimento “leve”. Além disso, a partir do feminismo, sofisticou-se uma crítica anterior – baseada na noção de ideologia – para abordagens que se centram nas identidades sociais, nas subjetividades e no prazer.

Essa inferência vai ao encontro do que é levantado por Escosteguy (1998, p.7), quando enfatiza que o olhar feminista desafiou os estudos dos meios ao incluir análises sobre telenovelas e outros gêneros tidos como mais ‘femininos’. Com isso, na percepção da autora, a família passa a ser reconhecida como um importante espaço de apropriação de produtos culturais, o que tornaria possível investigações inovadoras sobre as conexões entre vida privada e pública.

Esther Hamburger (2014, p. 294) também endossa esse ponto de vista ao argumentar que a introdução da variável de gênero nas abordagens da cultura de massa ampliou o campo daquilo que se considerava legítimo nas pesquisas acadêmicas até então. O melodrama – que outrora havia sido desprezado por sua associação com a baixa cultura e com universos tido como femininos – passa a ser reconhecido como raiz de diversas convenções narrativas que

estariam na base dos produtos da indústria cultural, sendo, em virtude disso, benemerente de investigação científica.

“A televisão é o ponto de encontro entre o Feminismo e Estudos Culturais” (ESCOSTEGUY, p. 7, 1998) e a crítica feminista constituiu uma das primeiras linhas teóricas a investigar o melodrama televisivo (MEIRELLES, 2009, p. 12). Resulta disso, que os estudos sobre as *soap operas*, gênero assistido majoritariamente por um público feminino, procurava, assim, respeitar a mulher como audiência, de modo que tais estudos estavam voltados na luta pela “revalorização da feminilidade e dos discursos de construção da mulher” (ibidem, p. 12).

As primeiras abordagens feministas sobre o melodrama surgiram em 1970 e enfatizaram as imagens negativas do gênero feminino veiculadas pela mídia. Naquele momento, a atenção estava voltada para o repúdio aos estereótipos. Ao argumentar que os discursos dominantes no melodrama televisivo – e nas produções melodramáticas em geral – desvalorizavam o gênero, as feministas não estavam lutando somente por imagens mais realistas das mulheres, estavam se contrapondo ao mundo ali representado (BRUNDSON, 1997 apud MEIRELLES, 2009, p. 57).

Esses estudos evidenciaram uma equivalência entre feminismo e mulheres, ou seja, todas as mulheres sofrem com o patriarcado e, por conseguinte, vivem experiências em comum. Tais análises, no exame de Escosteguy (2016, p. 66), enfatizavam as maneiras pelas quais os discursos dominantes da mídia sustentam papéis tradicionais de gênero e uma visão machista da sociedade. Para a autora, contudo, ainda que problematisassem as subordinações e desigualdades entre mulheres e homens – confrontando o determinismo biológico e deslocando o peso das determinações econômicas – esses estudos acabavam por revelar uma categoria unificadora e universalizante da mulher.

Por volta dos anos 1980 ocorreu um deslocamento das pesquisas do âmbito da produção – dimensão que, em geral, reafirma a reprodução de modelos hegemônicos – para o estudo de contextos de recepção, “o que revelou a possibilidade de interpretações diversas para textos iguais” (HAMBURGER, 2005, p. 16). Essa mudança no enfoque das pesquisas dos Estudos Culturais desponta, principalmente, em virtude do ensaio de Stuart Hall sobre o modelo de codificação/decodificação do discurso televisivo. Trabalhando com as formulações de Bakhtin, Barthes e Eco, Hall sistematizou um modelo que tornou viável a investigação empírica da recepção. Na proposição do intelectual:

Antes que a mensagem possa ter um efeito (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma ‘necessidade’ ou tenha um ‘uso’, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados

decodificados que ‘tem efeito’, influência, entretém, instrui ou persuade, [...]. Em um ‘momento determinado’, a estrutura emprega um código e produz uma ‘mensagem’; em outro momento determinado, a ‘mensagem’ desemboca na estrutura das práticas sociais pela via de sua decodificação (HALL, 2009, p. 368).

Destarte, foram realizados diversos experimentos focalizando a audiência, dentre os quais se destacam os produzidos por Charlotte Brundson, David Morley, Dorothy Hobson, Ien Ang e David Buckingham. A pesquisa de recepção passa, assim, a ser debatida de forma consistente (Messa, 2008, p. 44), primeiramente focada no texto e no receptor e, mais tarde, concentrando-se no receptor e seu contexto.

O desenvolvimento desses trabalhos, convém ressaltar, fortaleceu o diálogo entre Antropologia e Comunicação, e um dos elementos que marcaram essa aproximação foi o uso da etnografia, que desloca o polo de reflexão dos meios para os grupos sociais, “integrando os processos de recepção nas práticas culturais presentes no ambiente controlado pelo sujeito, inserido em uma estrutura social” (TONDATO, 2014, p. 308).

O estudo de Ien Ang, *Watching Dallas: soap opera and the melodramatic imagination*, publicado em 1985, é reconhecido como uma das mais interessantes abordagens etnográficas da audiência. Na arguição da pesquisadora, “Mediante ideologias, as pessoas adquirem uma identidade, se tornam sujeitos com suas próprias convicções, sua própria vontade, suas próprias preferências” (ANG, 1987, p. 410 apud GOMES, 2004, p. 197).

O trabalho de Ang foi o precursor daquilo que se denominou de etnografia da audiência – o que possibilitou novas abordagens nas pesquisas de recepção realizadas pelos Estudos Culturais até então. A partir dos estudos etnográficos, notabiliza Gomes (2004, p. 199), a prática de assistir televisão deixa de ser investigada exclusivamente no nível do discurso dos telespectadores e passa a situar-se no espaço doméstico.

A crítica feminista – em concomitância com essas modificações metodológicas e teóricas – entra em uma nova fase de pesquisas sobre o melodrama televisivo. “Adquire especial importância demarcar o encontro entre Estudos Culturais e feminismo, especialmente no que diz respeito ao âmbito da recepção” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 1). À vista disso, se os primeiros estudos foram importantes para evidenciar os caminhos pelos quais os discursos dominantes da mídia reforçavam os papéis de gênero tradicionais, com o olhar voltado para a recepção, “começou-se a questionar os modos como os textos de televisão posicionam, dirigem-se e atingem as mulheres em suas experiências culturais” (MEIRELLES, 2009, p.61).

Na contramão de uma busca por homogeneidade – que integrava as mulheres e apagava principalmente as questões de raça, etnia, orientação sexual – nos novos estudos, destacam-se

a natureza construída da identidade de gênero e seu caráter propriamente histórico (ESCOSTEGUY, 2016 p. 67). O próprio cotidiano das mulheres passou a ser investigado e revelou-se que muitas delas consideravam-se participantes ativas dos programas que assistiam, adaptando as representações da televisão em função de suas experiências culturais e de seus propósitos.

### **2.1.1 As telenovelas pelo olhar latino-americano**

Na América Latina, os Estudos Culturais despontaram em um momento de redemocratização da sociedade e de observação intensa da ação dos movimentos sociais. O principal interesse desses estudos concentrava-se, dessa maneira, na interseção entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais. A vertente latino-americana, problematizando o poder e a hegemonia em sua relação com a cultura, demonstrou, desde o princípio, preocupação com a ação social e segue até hoje produzindo “uma teoria engajada nas diferenças culturais” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 45).

Em linhas gerais, intelectuais vinculados à esquerda, como Jesús Martín-Barbero, propunham “a passagem de um marxismo determinista para um marxismo de corte gramsciano, e uma reflexão alternativa às análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas, então prevalentes” (ESCOSTEGUY e JACKS, 2005, p. 53). Além disso, questionavam se os modelos teóricos “importados” conseguiam, de fato, dar conta das singularidades latino-americanas, onde se desenrolavam, por exemplo, simultâneos processos de redemocratização, o fortalecimento de movimentos sociais contra a repressão e a discriminação e a crescente busca por uma representação política mais efetiva.

Uma das singularidades dos Estudos Culturais latino-americanos reside no fato de seus autores, desde os primeiros momentos, deixarem transparecer uma “forte tendência social” (ESCOSTEGUY, 2010, p.55), privilegiando as análises dentro e a partir do cotidiano dos investigados, sem privilegiar – como aconteceu em outros contextos – as análises de textos. Assim como ocorreu no âmbito dos Estudos Culturais britânicos, entre os autores latinos não existe uma perfeita uniformidade de conceitos. No entanto, também como se passou na Inglaterra, há uma linha de pensamento que os une. A partir da análise das obras de Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez e Néstor García Canclini é possível identificar características em comum, como a ênfase nas mediações e não nos meios de comunicação (BOAVENTURA; MARTINO, 2010, p. 6).

No livro *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero (2009, p. 29) reforça seu interesse em “mudar o lugar das perguntas, para tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural”. No entendimento do intelectual, as relações entre comunicação e sociedade são multifacetadas e há necessidades de problematizar esse vínculo, de entender os sujeitos como coadjuvantes nos processos de transformação e criatividade social e de averiguar como as memórias, demandas, lutas e imaginários dos públicos não são apenas cooptados pela indústria cultural, mas também interpelam e pautam as produções midiáticas (LOPES; OROFINO, 2014, p. 368).

O autor acredita que “o que se produz nos meios não responde unicamente ao sistema industrial e à lógica comercial, mas, também, a demandas dos receptores, ressemantizadas pelo discurso hegemônico” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 107). As mediações são justamente os “lugares” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção. São as “densas, porém secretas, conexões dos processos de comunicação com as dinâmicas culturais e com os movimentos sociais” (MARTÍN-BARBERO, 2012, p. 31).

A modernidade latino-americana, para Martín-Barbero, está diretamente vinculada à expansão das indústrias culturais, uma vez que, por aqui, o eixo que conduz a ela não é o da cultura do livro, mas a do rádio, do cinema e da televisão. A modernidade fala na América Latina, segundo ele, de uma maneira peculiar: da compenetração e da cumplicidade entre a oralidade e a visualidade eletrônica (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 169, apud. ESCOSTEGUY 2010, p. 162). Isso justifica a sua dedicação especial aos estudos que tangem a televisão e a telenovela.

Com relação à primeira, ele a entende como “un espacio particularmente significativo de reconversión económica, de preocupación política y de transformación cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2003). Já às telenovelas, ele atribui a característica de serem a narrativa que melhor demonstra os cruzamentos entre memória e formato, entre lógicas da globalização e dinâmicas culturais, pois catalisa o desenvolvimento da indústria audiovisual latino-americana ao misturar avanços tecnológicos da mídia com velhas narrativas da vida cultural desses povos (MEIRELLES, 2009, p. 42).

Ainda no entendimento de Martín-Barbero, os folhetins eletrônicos não são apenas “entretenimento” na vida dos latino-americanos, mas também produtos econômica e politicamente relevantes, estratégicos para a disseminação de práticas e valores a públicos amplos – independentemente de classe, faixa etária e gênero. Por isso, “el tomar la telenovela como un lugar en el que se manifiestan cambios importantes que atañen a la industria cultural

de América Latina permite ‘tomar el pulso’, desde un producto concreto, a las relaciones entre cultura, comunicación y una sociedad” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p 6).

O entusiasmo do autor em relação à análise dos produtos midiáticos por um viés diferente dos que colocam seu consumo como invariavelmente nocivo não significa, no entanto, seu apreço por uma perspectiva “ingênua” sobre o poder envolvido nos relacionamentos entre público e indústria cultural. O filósofo sempre defendeu a necessidade de se analisar esses desequilíbrios de forças, de buscar uma “visão global e complexa do processo comunicativo, sustentada na ideia de integração do espaço da produção e da recepção” (ESCOSTEGUY, 2008, p.115) como via para manter o viés crítico.

Resgatando a trajetória dos Estudos Culturais como um todo, e ao destacarmos também singularidades da corrente latino-americana, evidenciamos a crescente vitalidade das proposições teóricas dos autores a ela vinculados. As contribuições desses intelectuais revelam-se atuais e capazes de contribuir para o desenvolvimento de investigações pertinentes que tratem do tema da recepção em um cenário altamente complexo como o da contemporaneidade. A força das ideias dos referidos estudiosos reside, a nosso ver, em seu caráter transdisciplinar inato e na postura combativa defendida por eles ao retirarem os televidentes da posição de vítimas inertes de uma mídia perversa sem, ao mesmo tempo, negligenciar o desequilíbrio nas forças envolvidas no processo comunicativo.

Nota-se, também, que “arrombando a janela” do Centre for Contemporary Cultural Studies, os estudos feministas contribuíram significativamente para os avanços teórico-políticos dos Estudos Culturais, inclusive, pela inclusão do melodrama televisivo no plano das investigações acadêmicas. De acordo com crítica feminista, se o pessoal é político e se é no lar, nas relações, nas famílias, que a opressão íntima das mulheres é consensualmente mais rígida, “então as construções de mídia e as representações da vida pessoal se tornam um objeto de estudo urgente e fascinante”. (BRUNDSON, 1997 apud MEIRELLES, p. 60, 2009).

Corroboramos com Ien Ang (2010, p. 93) quando ela discorre sobre como os estudos de recepção de telenovelas desenvolvidos em diferentes partes do planeta convertem-se em “pontos cruciais para a articulação de culturas locais no mundo todo, reverberando no mundo da vida dos públicos nacionais enquanto estes lutam para aprender a lidar com os desafios culturais de uma modernidade capitalista globalizada”. No Brasil, isso torna-se bastante evidente em razão de o gênero melodramático não apenas ocupar o horário nobre na televisão, mas atravessar a vida do público nas mais diversas esferas por meio de mídias e formatos que perpassam diversas telas.

## 2.2 A DIMENSÃO MIDIÁTICA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS

“Na época atual, a produção de identidades, tanto como a de cidadanias, passa, necessariamente pelas telas” (OROZCO, 2011, p. 132). Este enunciado do pesquisador mexicano proclama a expressividade dos meios de comunicação (cada vez mais onipresentes e sob a égide de grupos cada vez mais concentrados) na construção de identidades contemporâneas.

Tratar desse assunto nos exige, inicial e impreterivelmente, que pensemos nos processos de globalização e também em suas dimensões tecnoeconômicas. Entendemos, em consonância com Anthony Giddens (2002, p. 27), que a globalização expressa aspectos fundamentais relativos ao distanciamento entre tempo e espaço, gerando uma interseção daquilo que está presente e ausente, e que entrelaça eventos ou relações sociais distantes juntamente com contextualidades locais.

As tecnologias mediadoras da comunicação, nesse cenário, são responsáveis pela maior parte das trocas culturais entre as sociedades – que ocorrem agora em um nível mundial. Giddens (2002, p. 29) afirma que “a modernidade é inseparável de sua ‘própria’ mídia”, na medida em que, segundo ele, o desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente relacionado com o aumento na mediação da experiência que essas formas de comunicação proporcionam.

De acordo com Stuart Hall (2011, p. 74), ao passo em que as culturas nacionais ficam expostas às influências externas, torna-se difícil de conservar intactas as identidades culturais, ou mesmo impedi-las de enfraquecerem:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas (HALL, 2011, p. 75).

Não nos esqueçamos, contudo, que – embora a comunicação e a informação sejam difundidas em uma escala global – “a apropriação dos produtos da mídia é um fenômeno localizado” (THOMPSON, 2012 p. 225), uma vez que envolve indivíduos específicos que estão situados em contextos sócio-históricos particulares. As mensagens da mídia, assim, são frequentemente transformadas nesse processo conforme os sujeitos as adaptam, por meio de recursos que lhes são disponíveis, aos contextos práticos da vida cotidiana.

Dentre as múltiplas possibilidades de se compreender o conceito de identidade, nosso estudo dialoga com aquele proposto por Hall, no qual:

a identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um ‘eu verdadeiro e único’, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente e inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídos para nós por alguns discursos (HALL, 1997, p. 7).

Desta forma, o autor sugere que as identidades sociais devam ser pensadas como construídas no interior de um sistema de representações, através da cultura, e não fora delas. As identidades, enquanto um processo de identificação, assegura Hall (*ibidem*, p. 8), “permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles)”. Nossas subjetividades são, portanto, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico.

Entender a constituição das subjetividades e identidades dos sujeitos pela perspectiva dos Estudos Culturais convida-nos à reflexão de que – por meio do consumo cultural – esse processo se efetiva. Alinhamo-nos à perspectiva sociocultural do consumo de Néstor García Canclini, que o concebe como um “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (GARCÍA CANCLINI, 1999, p. 7). Outrossim, por meio disso, a mídia adquire maior potencialidade nas construções identitárias através das representações que oferta.

De acordo com Hall (2016, p. 31), as representações conectam os sentidos e a linguagem à cultura. Segundo ele, o sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” (*ibidem*, p. 21). Os sentidos são também produzidos a partir de uma variedade de mídias, especialmente, no complexo cenário tecnológico atual. Para o autor, os sentidos são criados sempre que nos expressamos por meio de ‘objetos culturais’ que consumimos: “deles fazemos uso ou nos apropriamos; isto é, quando nós os integramos de diferentes maneiras nas práticas e rituais cotidianos e, assim, investimos tais objetos de valor e significado” (*ibidem*, p. 22).

Kathryn Woodward (2012, p. 17-18) sustenta que ‘é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos’. Pela argumentação da pesquisadora, os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os sujeitos se posicionam e a partir dos quais podem falar. “A narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero”, exemplifica (*ibidem*, p. 19).



Reconhecido crítico na área dos Estudos Culturais da atualidade, Douglas Kellner (2001) problematizou a maneira pelas quais os textos culturais midiáticos agem nas lutas sociais e políticas, moldando a vida diária e incidindo sobre comportamentos e construções identitárias. Para o investigador, os produtos da indústria cultural “fornecem modelos daquilo que significa ser ou homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente” (KELLNER, 2001, p. 9).

Organizada a partir de um modelo de produção de massa, a cultura da mídia é industrial – e seus produtos são mercadorias que intentam atrair o lucro privado para grandes empresas. Contudo, pondera Kellner (ibidem, p. 27) ainda que em grande medida haja promoção de interesses daqueles que controlam os grandes conglomerados midiáticos, seus produtos também veiculam posições conflitantes, promovendo, às vezes, forças de resistência e progresso.

### **2.2.1 Vitrine eletrônica: os papéis sociais da telenovela**

À vista do que foi exposto anteriormente, nos parece convincente a relevância da mídia na conformação dos nossos modos de ser e de “ver” na contemporaneidade. A “compreensão do mundo fora do alcance da nossa experiência pessoal, e do nosso lugar dentro dele, está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas” (THOMPSON, 2012, p. 38) apresentadas via meios de comunicação.

Pensar a televisão como um objeto de estudo é reconhecê-la como “el medio dominante del discurso y de la representación social en nuestra sociedad” (HALL, 2010, p. 175). Já a opção pela investigação a partir das telenovelas, resulta do fato de elas, desde a exibição de *Sua Vida me Pertence*, em 1951, na TV Tupi, permanecerem com destaque na grade de programação da televisão brasileira, ocupando lugar privilegiado no campo cultural e na vida cotidiana da população (BORELLI, 2001, p. 29).

Esta posição foi conquistada, possivelmente, em razão desse gênero televisivo, ao longo de sua história no País, ter assumido características singulares e construído, entre produção e público, um repertório compartilhado de representações identitárias sobre a realidade social e/ou do indivíduo (LOPES; BORELI; RESENDE, 2002, p. 23). A ficção televisiva, desse modo, é objeto profícuo para melhor compreendermos como a comunicação e as indústrias culturais atuam na reorganização das identidades coletivas e das formas de diferenciação simbólica e, assim, tensionam as fronteiras entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno, o próprio e o alheio (LOPES, 2004, p. 126).

Com relação às telenovelas brasileiras especificamente, Lopes (2009) fala delas como “narrativas da nação”; como fonte de conhecimento e reconhecimento coletivo e individual; como ponto de partida e arena para embates, debates e acordos sobre demandas da cultura popular, interesses da indústria cultural, direitos dos cidadãos e deveres dos governos; e, ainda, como capazes de pautar as agendas nacionais e de inserir-se nos laços familiares, nos lares e nas mais prosaicas tomadas de atitude e/ou decisão. Ou seja, as tramas televisivas são “fonte de entretenimento, mas o reconhecimento e a relevância que a audiência imputa às narrativas revela o significado social, cultural e até mesmo a função política que pode ser atribuída a elas” (TUFTE, 2004, p. 297).

A importância por nós conferida às formas com que os receptores leem essas representações midiáticas vai ao encontro de Hamburger (2005): na medida em que há uma apropriação das mais diversas narrativas ficcionais, ao se “tomar partido” de um ou outro personagem, há, simultaneamente, um posicionamento em relação à interpretação dos dramas vividos pelos receptores em suas vidas cotidianas. A questão do reconhecimento é também levantada por Maria Carmen Souza, que afirma que a telenovela é (ou deveria ser) um espaço “privilegiado de identificações afetivas com alto poder transformativo na dimensão da vivência cotidiana” (SOUZA, 2009, p. 14).

Para Hamburger (1998), as telenovelas brasileiras a partir da década de 1970 se caracterizam por tramas que se apresentam como espaço de dramatização da liberação dos costumes e do nascente mercado consumidor, como duas faces de um mesmo processo modernizante. Heloísa Buarque de Almeida (2013, p. 165), por sua vez, destaca que nas telenovelas há mensagens recorrentes e que são socialmente incorporadas aos poucos. Ela exemplifica: desde os anos 1980, elas mostraram mulheres independentes economicamente que buscam o amor ativamente, sendo a experimentação (hetero)sexual parte desse processo. Ao longo dos anos, estes valores, associados às camadas urbanas de maior poder aquisitivo, especialmente de grandes cidades, estão se espalhando pelo resto do país.

Embora reconheçamos a possibilidade de as telenovelas trazerem à tona aspectos capazes de despertar a crítica, de enaltecer culturas "subalternas" e/ou reivindicações dos grupos minoritários, não é possível negligenciar que são produtos comprometidos com recursos e interesses econômicos e ideológicos. Em anuência com Renata Pallottini (2012, p.187), defendemos que estudar telenovela não é o mesmo que louvá-la. Entendemos que, de modo geral, ela “busca manter os padrões vigentes, respeita a moral convencional, aceita a hegemonia dos poderosos. Se assim não fosse, aliás, dificilmente seria veiculada na televisão comercial”.

O argumento principal aqui é o de que as telenovelas - as do horário nobre com mais ênfase – são parte dos processos ideológicos e culturais que reproduzem e modificam os laços sociais no País ao incitarem reflexões das pessoas comuns sobre a formação social brasileira e sobre temas como as desigualdades de classe e gênero (RONSINI et. al., 2017, p. 1).



### 3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE

Embora possa ser abordado por variados ângulos, existe um entendimento, compartilhado entre diferentes estudiosos da área, de que o termo “gênero” refere-se à “construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2004, p. 45). Assim, de maneira abrangente, podemos compreendê-lo como a “institucionalização social das diferenças sexuais” (OKIN, 2008, p.306). Acreditamos que – juntamente com as questões de classe social e raça – as relações de gênero compõem a tríade analítica que ajuda a esclarecer os mecanismos pelos quais poder e recursos são distribuídos na estrutura social.

Como bem sabe o leitor(a), a lucidez sobre gênero, via de regra, demanda certa obstinação por parte de quem o investiga. Isso porque, quando seu estudo não está restrito ao âmbito acadêmico, ele não ganha muito endosso – é mais comum o rechaço das demais instituições sociais, a julgar pela “consolidação de um pânico moral que reflete a oposição a políticas de reconhecimento das diferenças de gênero e sexualidade e à crescente visibilidade das questões sobre diversidade sexual no Brasil” (BALIEIRO, 2018).

Com vistas a adentrar nesse complexo (e, por vezes, intimidador) terreno, aventuramo-nos pelas trilhas do subcampo dos estudos sobre masculinidades. Partimos da premissa, cabe antecipar, de que não existe uma única masculinidade e que não é possível falar em formas binárias que supõem a distinção entre formas hegemônicas e subordinadas. Essas divisões existentes “baseiam-se nas posições de poder social dos homens, mas são assumidas de modo complexo por homens particulares, que também desenvolvem relações diversas com outras masculinidades” (MEDRADO; LIRA, 2008, p. 824).

Antes de investirmos teoricamente na (des)construção social do homem, sublinhamos que estudamos o gênero masculino por um viés relacional (oposição ou comparação) com o gênero feminino. Os estudos feministas foram responsáveis pelo estímulo e, conseqüentemente, a origem dos estudos sobre masculinidade. À vista disso, apresentamos um painel com questões conceituais sobre a categoria gênero, notadamente, a partir dos compêndios realizados por Rebeca Pearse e Raewyn Connell (2015); Miriam Adelman (2009) e Adriana Piscitelli (2002).

#### 3.1 ACERCAMENTOS ÀS TEORIAS DE GÊNERO

O século XIX marcou o contato da ciência com as questões de gênero, principalmente, a partir das descobertas de Charles Darwin que, apesar de não ser considerado um teórico de gênero, como apontam Connell e Pearse (2015, p. 124), difundiu a ideia de uma base biológica

para todas as formas de diferença social – o que incluía (e talvez por isso, legitimava) a divisão de gênero e as hierarquias raciais. As autoras observam que questões de gênero se faziam presentes nas primeiras formulações de uma ‘ciência da sociedade’. Naqueles tratados inaugurais, relatam, havia uma conformação da desigualdade a partir da superioridade da força física do homem e um cerceamento das mulheres à esfera do cuidado.

No mesmo século, contudo, a ideia de "direitos iguais à cidadania", que propunha a igualdade entre os sexos, impulsionou uma mobilização feminista importante no continente europeu, na América do Norte e em outros países. Como observa Adriana Piscitelli (2002, p. 9), as mulheres conseguiram, entre as décadas de 1920 e 1930, romper com algumas das expressões mais agudas de suas desigualdades em termos formais ou legais, particularmente no tocante ao direito ao voto, à propriedade e ao acesso à educação.

Quando escritos teóricos de mulheres começaram a ser desenvolvidos, centraram-se, sobretudo, em questões econômicas. De acordo com Piscitelli (ibidem, p. 10), essas produções, seguindo a argumentação de Engles, no livro *As origens da família, a propriedade privada e o estado*, eram orientadas pela ideia de que as formas de opressão sexual, tais como as formas de parentesco e a família, teriam uma base material na estrutura de classes. Essa compreensão, todavia, teria recebido críticas de vertentes do próprio feminismo socialista, sob o argumento de que as hierarquias de gênero persistiram nos países nos quais teve lugar a transformação na organização social que, supostamente, libertaria as mulheres. A socióloga Heleieth Saffioti, por exemplo, endossa essa visão, ao mencionar que:

a teoria socialista, na medida em que tenta derivar os fatores que envolvem a condição da mulher exclusivamente da estrutura econômica, perde de vista um certo grau de autonomia apresentado pelas outras estruturas e, com isso, a possibilidade de perceber plenamente, de um lado, a singularidade da condição feminina e, de outro, os possíveis sociais abertos ao planejamento central. [...] Engels caiu vítima de seu economicismo (SAFFIOTI, 2013, p. 131).

Das teóricas menos próximas ao marxismo, vieram contribuições que resgatavam outras preocupações, particularmente, questões de poder e sexualidade. Nesse contexto, como aponta Miriam Adelman (2009, p. 112-113), a grande obra clássica sujeita à revisão era a psicanálise freudiana, que oferecia uma vantagem em relação ao marxismo: a teorização da sexualidade e da subjetividade humana. Esse novo campo auxiliou na revelação da natureza cultural e social de questões anteriormente pensadas como biológicas, conduzindo, ainda, à abertura para o estudo do simbólico na construção das relações de dominação masculina. Segundo Connell e

Pearse (2015, p.129), os estudos psicanalíticos resultaram em uma mudança decisiva nas ideias sobre gênero.

Com a emergência de uma nova apropriação do conhecimento – a antropologia social – surgiram críticas à psicanálise, que alegavam, via dados etnográficos, que o “complexo de Édipo”, como descrito por Freud, não era universal. De acordo com Adelman (ibidem, p. 118), os estudos da americana Margaret Mead rejeitaram a ideia de uma relação fixa entre sexo biológico e as características do gênero. Na compreensão de Connell e Pearse (ibidem, p. 131), isso ajudou a popularizar o conceito de “papeis sexuais”. Essa perspectiva, segundo Piscitelli:

preocupa-se com os fatores que influenciam o comportamento humano. Nessa perspectiva, os indivíduos ocupam posições na sociedade, e o desempenho de seus papéis nessas posições é determinado por normas e regras sociais, assim como pelo desempenho que outros fazem de seus papéis (PISCITELLI, 2002, p.18).

Apesar de haver uma fecunda produção feminista em discussões sobre papéis sexuais, a renovação das teorias de gênero ocorreu pelo trabalho de Simone de Beauvoir, que parte da psicanálise, da literatura e da filosofia para compor, em 1949, o livro *O Segundo Sexo*. De acordo com Adelman (2009a, p. 85), Beauvoir foi responsável por uma virada epistemológica ao identificar claramente um viés masculinista que permeava todo o pensamento social ocidental, apresentando a possibilidade de se pensar a partir da alteridade, explorando como as mulheres se constituíam como um “outro” na consciência dos homens.

A influência do trabalho de Simone de Beauvoir, indicam Connell e Pearse (2015, p. 133), deu-se de forma lenta, ao contrário dos inúmeros conflitos por emancipação política de países colonizados. Essas disputas, argumentam as autoras, apesar de terem sido lideradas por homens, contou com forte mobilização das mulheres. No entanto, os regimes pós-coloniais que se instauraram, também sob o domínio masculino, fizeram pouco pela emancipação feminina. Por outro lado, ao visarem pelo desenvolvimento econômico, as reivindicações pela educação de meninas e mulheres acabaram, de alguma maneira, sendo contempladas.

As lutas por libertação – que foram travadas no terceiro mundo, tiveram um impacto crescente no Norte Global, em especial nos movimentos de juventude dos anos 1960. Isso acabou inspirando uma nova onda do feminismo que surgiu no final da década: O Movimento de Libertação da Mulher, que inspirou muitos estudos feministas (ou inspirados no feminismo) em quase todas as disciplinas das humanidades e das ciências sociais. A história feminista “se tornou um amplo empreendimento, fomentado pela necessidade de corrigir os fortes vieses da

história patriarcal” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 139). Além disso, a categoria de gênero ganhou importância na análise histórica<sup>12</sup>.

A expansão de tais estudos, “burocráticos e acadêmicos” - vista em um primeiro momento com grande entusiasmo - deu lugar ao temor pelo esvaziamento político e distanciamento com movimentos de base. De acordo com as citadas autoras, boa parte da teoria de gênero gestada na metrópole anglófona tornou-se abstrata, deixando de problematizar questões como: educação de meninas, violência doméstica, saúde das mulheres, etc.

Nos anos de 1980, os movimentos das décadas passadas já haviam se fragmentado e a Libertação das Mulheres tinha desaparecido enquanto movimento coerente, sendo dividido por questões ligadas à sexualidade, à raça e às relações com o Estado. Disso, despontaram distintas revisões teóricas – e uma delas foi liderada pelo movimento de feministas negras, que denunciavam o uso pouco crítico de uma categoria unificadora de “mulher”. Esse argumento levou a um retorno do radicalismo inclusivo dos primórdios do Movimento de Libertação da Mulher e renovou a preocupação com a integração entre as lutas de classe, raça e gênero.

Outra revisão teórica, que surge nesse contexto de fragmentação, passou a enfatizar a fragilidade de todas as categorias identitárias e via o gênero, em princípio, como fluido e não fixo. Uma nova onda no pensamento lésbico e gay, conhecida como Teoria *queer*, bebeu dessa fonte. Essa perspectiva procurava contemplar um variado conjunto de reflexões sobre a heterossexualidade, compreendendo-a como um regime político e social que regula a vida das pessoas. A imposição desse regime criaria desigualdades nas mais variadas instâncias, “em especial, no menor reconhecimento político e de direitos daquelas pessoas cuja sexualidade e/ou gênero entram em desacordo com as normas sociais” (MISKOLCI, 2014, p.8).

Ainda durante os anos 1980, o nítido interesse de feministas “do Norte” pela realidade das mulheres de outras partes do mundo, suscitou outra contundente crítica, em especial a feita pela indiana radicada nos Estados Unidos, Chandra Talpade Mohanty. Suas produções, como sinalizam Connell e Pearse (2015, p. 147), procuraram demonstrar a diversidade global nas políticas de mulheres e argumentavam em favor de uma teoria que abordasse o gênero levando em consideração a experiência histórica do imperialismo. Havia, portanto, a defesa em se fazer e refazer o gênero, compreendendo-o como um processo entrelaçado com a produção da raça e as dinâmicas do capitalismo global.

---

<sup>12</sup> A historiadora Joan Scott introduz a necessidade do estudo do gênero como uma categoria útil de análise histórica. Para a autora, essa categoria pode ser entendida a partir de uma conexão integral de duas proposições: como “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 21).



### 3.2 DO CORPO À INCORPORAÇÃO DA MASCULINIDADE

A dominação dos homens sobre as mulheres e sobre o feminismo não possui autoria única, mas uma coleção de autores, que inclui, além dos homens, a mídia, a educação, a religião, as mulheres e as próprias políticas públicas. Em outras palavras, partimos da perspectiva que o poder coletivo dos homens não é construído apenas nas formas como homens interiorizam, individualizam e o reforçam, mas também nas instituições sociais (MEDRADO; LIRA, 2008, 826).

O excerto acima nos convida a pensar o gênero não como uma entidade em si, mas a partir de construções que são interdependentes. Atentemos, porém, que o relacional, sobretudo nesse caso, não implica complementaridade, mas, assimetria de poder. À vista disso, como defendem os autores ali referidos – e com os quais concordamos – faz-se imperativo submeter o conceito de “gênero” a uma leitura feminista. Isto é, a uma perspectiva que busque compreender “como as diferenças se constituem em desigualdades, indo além dos sexos como determinantes biológicos e da divisão sexual do mundo” (MEDRADO; LIRA, 2008, p. 819).

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, as diferenças biológicas entre o corpo masculino e o feminino são vistas como justificativas naturais para a disparidade socialmente construída entre os gêneros (2012, p. 20). A partir dessa “verdade”, a dominação masculina converte as mulheres em objetos simbólicos e as coloca em um permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência também simbólica: elas existem primeiro pelo – e para o – olhar dos outros (2012, p. 82).

Embora exista alguma consonância com as premissas desse estudioso, a crítica feminista avista em Bourdieu forte tendência ao funcionalismo, que tende a compreender as relações de gênero como autônomas, operando em um sistema autorreprodutor. Para Connell e Messerschmidt (2013, p. 260), a dominação masculina dos homens e a subordinação das mulheres constituem um processo histórico, estando aberta, portanto, à contestação. Connell (1995, p. 187) ainda enfatiza que esse reconhecimento do caráter histórico já constitui um pressuposto estabelecido. De acordo com ela, essa consciência representa a característica distintiva da política da masculinidade.

Como já observamos – através da panorâmica por diferentes vertentes teóricas – ser homem ou mulher não é um estado predeterminado. É um tornar-se, é uma condição ativamente em construção. A filósofa feminista Simone de Beauvoir apresentou isso em sua famosa frase: “não se nasce mulher, torna-se”. Em consonância com Connell e Pearse (2015, p. 38), compreendemos que esse princípio é verdadeiro também para os homens, ainda que as posições de homens e mulheres não sejam paralelas.

Para as autoras, a incógnita que recai sobre o gênero reside no fato de um padrão, que parece tão rígido e nítido na sua superfície – ser tão complexo e incerto, quando observado mais de perto. Nesse sentido, elas defendem que não se pode pensar “o ser homem” como experiência fixada pela natureza. De mesmo modo, não é correto pensá-lo apenas como uma imposição externa, realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. “Reivindicamos um lugar na ordem de gênero, ou respondemos ao lugar que nos é dado, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana” (ibidem, p. 39).

Partindo da compreensão de que “estrutura” é a manutenção de padrões amplamente difundidos entre relações sociais, as supracitadas autoras sustentam que o gênero deva ser compreendido com uma estrutura social: “É um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formatadas por esse padrão” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 47). A especificidade dessa estrutura social, todavia, reside na relação específica com os corpos. No lugar de uma base biológica fixa para o processo social do gênero, há uma arena em que os corpos são trazidos para processos sociais.

Na concepção delas, que também são nossas, corpos tem agência e são construídos socialmente. “Análises biológicas e sociais não podem ser separadas uma da outra nem tampouco reduzidas uma à outra” (ibidem, p.111). Ademais, acrescentam:

corpos são interconectados por meio de práticas sociais e de coisas que fazemos em nosso cotidiano. Simultaneamente, corpos são objetos e agentes das práticas sociais. Os mesmos corpos, ao mesmo tempo são ambos. As práticas em que os corpos são envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, o que, por sua vez, fornece condições para novas práticas nas quais os corpos são envolvidos. Processos corporais e estruturas sociais se conectam pelo tempo. Somam-se ao processo histórico no qual a sociedade é corporificada e os corpos são arrastados para a história (CONNELL; PEARSE, p.112).

Referente ao conceito de masculinidade, Connell o define como “uma configuração prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p.188). Convém precautelar – como a própria autora o faz – que, ao falar em “configuração prática”, coloca-se ênfase naquilo que as pessoas realmente fazem e não naquilo que é esperado ou imaginado que elas façam. Já ao mencionar a “posição dos homens”, a autora evidencia que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere aos corpos. Isso porque, ela pondera, “homens” significam pessoas adultas com corpos masculinos.

No gênero, prossegue a intelectual, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, “as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais” (ibidem, p. 189). Ainda no processo de desconstrução do próprio conceito, ela reitera que falar em “estrutura das

relações de gênero” significa realçar que o gênero vai além da interação face a face entre homens e mulheres. É compreendê-lo como uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade.

Recentemente, Connell recupera a discussão sobre a temática das masculinidades e – em um capítulo específico sobre a adolescência – sustenta que “as histórias de vida dos meninos são o principal lugar social da construção da masculinidade” (CONNELL, 2016, p. 141). As perspectivas estereotipadas de muitos textos da psicologia são criticadas pela autora por enfatizarem apenas as mudanças físicas da puberdade. Essas mudanças, embora sejam importantes, não determinam, segundo ela, como a adolescência é vivida em absoluto.

Tornar-se heterossexual, para Connell (ibidem, p. 142), envolve um aprendizado complexo. A heterossexualidade é aprendida, e esse aprendizado, para os meninos, demanda que outras possibilidades sexuais sejam marginalizadas, principalmente o erotismo homossexual. Além da sexualidade, todavia, a pesquisadora caracteriza o esporte como outra prática corporal importante para construção da masculinidade:

Uma atividade de lazer envolvendo corpos em combate ritualizado, assim é apresentada a um grande número de jovens, como um lugar de camaradagem masculina, uma fonte de identidade, uma arena de competição pelo prestígio [...]. A prática do esporte envolve lesões. Existe uma pressão social sobre jovens para demonstrar resistência, negar a dor e continuar jogando mesmo machucado (ibidem, p. 144).

Essa assertiva encontra correspondência nos argumentos de Daniel Welzer-Lang (2001, p. 463). Para este sociólogo, a prática esportiva é uma forma inicial de se dizer ‘eu quero ser como os outros rapazes’, deste modo, se distinguindo do oposto (ser uma mulher). Para mais, aprender a jogar futebol, por exemplo, é também aprender a respeitar códigos e ritos, que no esporte são as regras, que nos obrigam a incorporar uma série de “não-ditos”. Um destes, endossa Welzer-Lang, é que “o pequeno homem” deve aprender a aceitar sofrimentos: 1) psíquicos, de não conseguir jogar tão bem quanto os outros e 2) corporais, uma vez que pés, mãos e músculos devem ser enrijecidos para que seja possível jogar corretamente.

Ainda de acordo com este estudioso – como também endossaram os demais autores já citados – para ser um homem, dentro desse processo de socialização masculina, é necessário não ser associado a uma mulher. “O feminino se torna até o polo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal” (WELZER-LANG, p. 465). Ademais, o paradigma da dominação masculina, vislumbra o autor, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. Em contrapartida, aos que

não compartilham dessa reprodução, “a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais de virilidade” (loc. cit.).

A partir dessa asserção, abrem-se caminhos para pensar que o homem, mesmo dominante, está submetido às hierarquias masculinas. Nas palavras de Connell (1995, p. 190), “grupos de homens lutam por domínio através da definição social da masculinidade”.

### **3.2.1 Masculinidade(s) no plural: hegemonia e subalternidade**

Em geral, apesar de homens se beneficiarem das desigualdades da ordem de gênero, esse benefício não ocorre de maneira uniforme. De fato, muitos pagam um preço considerável. Meninos e homens que desafiam as noções dominantes sobre a masculinidade por serem gays, afeminados ou considerados fracos são, às vezes, alvo de violência. Diferenças entre classes sociais e raciais também afetam os benefícios concedidos a diferentes grupos de homens (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 47).

Essa passagem acima revalida o que já vem sendo dito a respeito de se pensar a masculinidade como uma categoria plural. Diferentes homens, vivenciam suas masculinidades de maneiras distintas. E na arena social, sobressaem-se aqueles que melhor se ajustam aos ordenamentos instituídos. Essa premissa nos convida a refletir sobre hegemonias e subalternidades.

O conceito de masculinidade hegemônica, cunhado por Raewyn Connell, é entendido como um padrão de práticas que possibilita a dominação dos homens sobre as mulheres. O termo foi originalmente formulado em relação ao conceito de feminilidade hegemônica – prontamente renomeada de “feminilidade enfatizada” para reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e das feminilidades em uma ordem patriarcal de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265).

Na concepção da autora, as relações de gênero são sempre arenas de tensão. Desta forma, um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições. Um padrão de práticas (isto é, uma versão de masculinidade) que forneceu soluções em condições anteriores, mas não em novas situações, é aberto ao questionamento – ele, de fato, será contestado, afirma.

A masculinidade hegemônica não se assume normal num sentido estatístico: apenas uma minoria dos homens talvez a adote, mas, certamente é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem e exige que todos os outros homens se posicionem em relação. Connell ainda argumenta que os homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar

uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. “Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz” (ibidem, p. 245). A hegemonia não significa violência, apesar de poder ser sustentada pela força, significa ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão, complementa.

É importante sublinharmos que a masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. “As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (ibidem, p. 250). As masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim, esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas (ibidem, p. 253).

Michael Kimmel (1998) é outro importante estudioso que aprofunda a problemática das masculinidades. Em sua concepção, “o hegemônico e o subalterno emergem em mútua desigual interação, em uma ordem social e econômica com uma demarcação prévia distorcida de gênero” (KIMMEL, 1998, p. 103). Nessa perspectiva:

As masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (ibidem, p. 105).

Ainda de acordo com este autor, a masculinidade – como uma construção imersa em relações de poder – é frequentemente invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada. “É um luxo que somente pessoas brancas em nossa sociedade não pensem sobre raça a cada minuto de suas vidas. É um luxo que somente homens em nossa sociedade façam de conta que o gênero não importa” (loc. cit).

Kimmel (1998, p. 106), por fim, também argumenta que os significados de masculinidade variam de cultura para cultura e alternam em diferentes períodos históricos. Dessa maneira, entendemos não se pode falar de masculinidade como se ela fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança.



## 4 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Com vistas a contemplar os objetivos desta pesquisa – sendo que o principal deles consiste na investigação dos confrontos e anuências entre as representações das telenovelas e as mediações socioculturais na conformação das masculinidades de nossos receptores – estruturamos nosso modelo teórico-metodológico amparados nas proposições de Martín-Barbero (2009); Lopes (2010); Ronsini (2011) e Lahire (2004).

Considerando a relevância do critério epistemológico nas escolhas de determinados métodos e técnicas – e compreendendo que métodos não são simples instrumentos ou meios, mas antes “cristalizações de enunciados teóricos que permitirão ou não revelar aspectos e relações fundamentais no objeto estudado” (LOPES, 2010, p 103) – deliberamos sobre a Teoria das Mediações e sua aplicabilidade empírica.

### 4.1 AS MEDIAÇÕES NA TEORIA

Eu sempre parti do ponto que a comunicação não era apenas os meios e que, para a América Latina, era muito mais importante estudar o que acontecia na igreja aos domingos, nos salões de baile, nos bares, no estádio de futebol. Ali estava realmente a comunicação das pessoas. Não podíamos entender o que o povo fazia com o que ouvia nos rádios, com o que via na televisão, se não entendíamos a rede de comunicação cotidiana” (Martín-Barbero, 2000, p. 153).

Ao formular a Teoria das Mediações, Jesús Martín-Barbero realocou o processo comunicativo em um cenário mais complexo. A compreensão do fenômeno comunicacional estaria, a partir dessa perspectiva, no âmbito sociocultural – especificamente no uso social dos meios. Com isso, a proposição do intelectual incluiu as diversas instituições e a diversidade da recepção na discussão sobre a comunicação.

Na obra *Dos Meios às Mediações*, de 1987, Martín-Barbero propõe “o deslocamento da análise da comunicação para onde o sentido é produzido, ou seja, para o âmbito dos usos sociais” (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 33). Pressupondo a existência de um receptor ativo e com capacidade criativa de reapropriação e interpretação das mensagens, o autor defende que a experiência é parte fundante na análise da recepção das mais variadas mensagens, considerando as conexões das pessoas comuns com a mídia, principalmente a partir da “interação entre o espaço da produção e do consumo” dos meios (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 292).

Em um movimento dialético de reconhecimento de si e do outro e entre ficção e realidade, Martín-Barbero crê que a interpretação dos produtos midiáticos por parte do receptor não foge de uma leitura da vida cotidiana, já que os produtos das indústrias culturais não são fabricados apenas para atender às necessidades mercadológicas e estratégias industriais, mas também para dar conta da demandas que emergem dos próprios modos de percepção e apropriação desses produtos. Tais leituras são realizadas a partir de diversos “filtros mediadores” – ou mediações socioculturais, como a família, a escola, grupos sociais, o bairro, a igreja, etc., que funcionam como negociadores em uma complexa teia de relações entre os meios de comunicação de massa e a trama cultural.

Ponderamos que o próprio autor não apresenta definição única acerca do termo “mediação” – seu conceito chave e mais influente. Luiz Signates (1998) faz uma crítica a essa imprecisão ao inferir que “parece sintomático que um dos principais autores responsáveis pela revivência da figura das mediações na pesquisa latino-americana não tenha trabalhado rigorosamente na sua delimitação conceitual” (SIGNATES, 1998, p. 41). Contudo, reconhece que essa lacuna não implica na redução da importância do pensamento de Martín-Barbero.

De acordo com Lopes e Orofino (2014, p. 367), para compreender tal conceito é preciso pensá-lo como uma noção plural, ou seja, “mediações”. Parte considerável dos estudos de recepção que mobilizam esse conceito o fazem a partir do trecho de pesquisa realizada por Martín-Barbero em coautoria com Sônia Munhoz. Nas palavras destes, as mediações apresentam-se como:

[...] esse lugar desde donde es posible comprender la interacción entre el espacio de la producción y el de la recepción: lo que se produce en la televisión no responde unicamente a requerimientos del sistema industrial y a estratagemas comerciales sino también a exigencias que vienen de la trama cultural y los modos de ver (MARTÍN-BARBERO; MUNHOZ, 1992, p. 20).

Lopes e Orofino (2014, p. 367) se apropriam dessa definição e a interpretam como uma chave que “capta a comunicação a partir de seus nexos, dos lugares a partir dos quais se torna possível identificar a interpretação entre o espaço da produção e do consumo da comunicação” fazendo com que “a própria produção seja vista em diálogo com as demandas sociais”.

Na supracitada obra de 1987, Martín-Barbero aponta três lugares das mediações – que destaca como centrais para o estudo da comunicação e da cultura: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. O autor aponta a família como unidade básica de audiência na América Latina, visto que representa a situação primordial do reconhecimento. Assim, o modo como a TV interpela a família não pode ser entendido sem investigar a



cotidianidade familiar, “âmbito de conflitos e de fortes tensões” e um dos poucos lugares “onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram a possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 295).

No tocante à temporalidade social, pode-se dizer que é relação entre o tempo do capital (produtivo, acelerado, valorizado economicamente) com o tempo da cotidianidade (repetitivo, fragmentado), que conforma a rotina diária. No entendimento de Ronsini (2009, p. 3), a televisão ligaria esses dois tempos, colocando em contato o ritual e a rotina domésticos com o mercado. Por fim, a competência cultural, “é resultante do *habitus* de classe e relacionada a questões étnicas e de gênero” (RONSINI, 2007, p. 42). Em outras palavras, essa mediação é concebida como o contexto cultural que os indivíduos adquirem ao longo da vida, não somente através da educação formal, mas por experiências advindas de seus cotidianos.

Passados dez anos dessa teorização – e reconhecendo “que a comunicação estava mediando todos os lados e formas da vida cultural e social dos povos” – Martín-Barbero formulou um novo mapa (Figura 1), que fosse capaz de dar conta da complexidade nas relações constitutivas da comunicação na cultura. Ocorreu, assim, uma inversão na lógica de mediações culturais da comunicação para mediações comunicativas das culturas.

Figura 1 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura



Fonte: MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 16

Este mapa movimenta-se sobre dois eixos: um diacrônico, ou histórico de longa duração, entre Matrizes Culturais e Formatos Industriais; e outro sincrônico, entre Lógicas de

Produção e Competências de Recepção ou consumo. As relações entre os componentes de cada eixo são conectadas por distintas mediações. As interações entre Matrizes Culturais e Lógicas de Produção são mediadas pela *institucionalidade*. Já a *tecnicidade* é a mediação entre Lógicas de Produção e Formatos Industriais. As relações entre Matrizes Culturais e Competências de Recepção, por sua vez, são mediadas *pela socialidade* e, enfim, a *ritualidade* efetua-se no espaço entre Formatos Industriais e Competências de Recepção.

A socialidade, na formulação do autor, “gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se é o lugar de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos da comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 16). Em outras palavras, diz respeito às relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades. Essa mediação conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva. “É o lugar das práticas sociais, onde as pessoas estão em constante negociação com a ordem vigente” (RONSINI, 2011, p. 87).

A institucionalidade está relacionada aos meios empregados para a produção de discursos públicos com finalidade de atender às lógicas dos interesses privados. A partir dessa mediação, analisa Nilda Jacks (2008, p. 21), duas ordens contrapostas podem ser pensadas: o regime estatal, que concebe os meios como serviço público, e o regime de mercado, que converte a liberdade de expressão em comércio.

Já a tecnicidade remete ao processo de globalização, de construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas. Para Martín-Barbero (2004, p. 235), a técnica extrapola a ordem instrumental, operando como um organizador perceptivo que, por meio das práticas, articula a transformação material às inovações discursivas.

A ritualidade, por fim, “remete-nos ao nexos simbólico que sustenta toda a comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19). Refere-se aos diferentes usos sociais das mídias e aos diferentes trajetos de leitura. Esses últimos, estreitamente associados à qualidade da educação, aos saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e aos costumes familiares de convivências com a cultura letrada, oral e a audiovisual.

De acordo com Lopes (2014, p. 70), a partir desse segundo mapa, “fica evidente que a teoria das mediações ultrapassava a configuração de uma teoria da recepção e alcançava a proposta de uma teoria da comunicação”. Ainda de acordo com a autora, “o olhar não se inverte no sentido de ir dos meios para as mediações e nem das mediações para os meios, senão para ver a complexa teia de múltiplas mediações” (ibidem, p. 72).

## 4.2 PRÓXIMOS E DISTANTES: A VALIDADE DOS CONCEITOS DE MEDIAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO NOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO

No percurso acadêmico percorrido até aqui, ainda que seja incipiente, já foi possível vislumbrar os constantes obstáculos e encruzilhadas teórico-metodológicas que apontam no campo da produção científica. A compreensão dessa dimensão, ainda mais na área da Comunicação – cuja característica constituinte é sua permanente transformação – coloca-nos diante de um ininterrupto exercício de reflexividade epistemológica. À vista disso, no subcampo dos estudos de recepção deparamo-nos com uma discussão cada vez mais emergente acerca da indispensabilidade da adoção do conceito de mediatização para darmos conta dos objetos de estudo atuais.

Uma hipótese suscitada por essa demanda, entre outras coisas, é a de que as teorias empregadas até então – e aqui nos referimos peculiarmente à teoria das mediações, engendrada por Jesús Martín-Barbero – não estaria contemplando as complexas afetações dos meios de comunicação massivos na tessitura social atual, cuja (re)configuração dá-se de forma vertiginosa frente à miríade tecnológica.

Indo na contramão dessa tendência, o esforço que empreendemos converge na tentativa de justificar a pertinência (porque acreditamos que se mantêm atual) das proposições latino-americanas, em específico as de Martín-Barbero, na compreensão das correspondências entre mídia e sociedade. Nosso ponto de partida dá-se, por conseguinte, a partir da formulação do mapa das mediações comunicativas da cultura, ocasião na qual o intelectual passou a reconhecer “que a comunicação estava mediando todos os lados e formas da vida cultural e social dos povos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 152).

Nos apontamentos feitos na obra *Ofício de Cartógrafo*, Martín-Barbero assegura que assumir um novo olhar para a comunicação, implica, primeiramente, na superação da ideia de que a comunicação constituía o “motor” último da interação social:

Uma coisa é reconhecer o peso decisivo dos processos e das tecnologias de comunicação na transformação da sociedade, outra bem diferente é afirmar aquela enganosa centralidade e suas pretensões de totalização do social (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 222).

Ademais, outro movimento de ruptura imprescindível reside na suplantação do pensamento midiacentrista. Na visão do autor, a centralidade que atualmente ocupam as mídias resulta de maneira desproporcionada e paradoxal em países com necessidades básicas insatisfeitas na questão da educação e da saúde, por exemplo. Nesse cenário, a comunicação

aparece constituindo uma cena nova de mediação e reconhecimento social, na qual as imagens e representações das mídias “ao mesmo tempo que espetacularizam e enfraquecem o político o reconstituem” (ibidem, p. 225).

A reinscrição do estudo da comunicação no campo da cultura – e aqui podemos notar o grande esforço teórico de Martín-Barbero para abarcar as novas tramas culturais à luz dos avanços tecnológicos – resultou numa “desterritorialização conceitual”, que abriu caminho à compreensão da pluralidade dos atores sociais, bem como à complexidade de suas dinâmicas:

O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural: a tecnologia remete hoje não à novidade de alguns aparelhos, mas a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas, à mutação cultural que implica a associação do novo modo de produzir com um novo modo de comunicar que converte o conhecimento em uma força produtiva direta. E o lugar da cultura na sociedade muda também quando os processos de globalização econômica e informacional reavivam a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.228).

Essas mudanças no âmbito da tecnicidade e da identidade, que exigiram do autor o desenvolvimento de um novo mapa – uma vez que “as mídias passaram a constituir um espaço-chave de condensação e interseção da produção e do consumo cultural, ao mesmo tempo em que catalisam hoje algumas das mais intensas redes de poder” (ibidem, p. 229), exigiram também o enfrentamento do pensamento único que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o “grande mediador” entre os povos e o mundo. Em sua convicção, o que a tecnologia medeia hoje mais intensa e aceleradamente é a transformação da sociedade em mercado.

O entendimento da tecnicidade como um organizador perceptivo, como uma mediação que transpassa todas as demais, nos faz compreender a mídia como uma instituição que, em maior ou menor medida, opera na organização da produção de sentido dos receptores por permear todas as instituições sociais. Assim, devido ao protagonismo dos meios, o estudioso espanhol preocupa-se em compreender a forma como a experiência é remodelada a partir da vivência em uma cultura mediada pela mídia.

Uma visão bastante semelhante a essa é proposta por Couldry e Hepp (2013, p. 196) ao tratar do conceito de midiatização. Para esses estudiosos, o termo envolve a análise crítica da inter-relação entre as mudanças nos meios de comunicação e as comunicações, por um lado, e as mudanças na cultura e na sociedade, por outro. Os autores apresentam duas abordagens que têm sido utilizadas para pensar os processos de midiatização: uma institucional e outra social-construtivista (ibidem, p. 195).

A primeira delas é advinda das pesquisas em jornalismo e compreende a midiaticização como a adaptação de diferentes campos ou sistemas sociais às regras da instituição mais ou menos independente dos meios de comunicação, baseada em uma lógica da mídia que opera de forma padronizada no sistema social. Já a abordagem social-construtivista é marcada pela maior abertura no conceito de lógica midiática por buscar enfatizar o papel dos diversos meios como parte do processo de construção comunicativa da realidade social e cultural.

Para Couldry, há uma falta de especificidade sobre como as abordagens da midiaticização compreendem a ontologia social, o que o leva a questionar se todo o mundo social seria suscetível de ser transformado por materiais de mídia de forma fácil ou mesmo se este não apresentaria resistências ou adaptações frente à concepção da lógica midiática, visão esta que entraria em absoluto desacordo com abordagens de cunho sociológico (COULDRY, 2012, p. 136).

O que parece haver, então, é uma reivindicação do contextual para o entendimento das formas como a mídia penetra o espaço social, as relações sociais e a sociedade em geral, na medida em que é contestada a substituição das lógicas de diferentes instituições ou campos pela lógica midiática, já que esta maneira de conceber o processo é válida apenas para análises de transformações de práticas sociais e institucionais específicas, em contextos situados (COULDRY, 2008, p. 379).

Diante disso, o conceito de midiaticização apresentado por Couldry (2008; 2012) parece estar localizado entre uma abordagem institucional ampliada e que, de forma a valorizar o social frente à preponderância do midiático, apresenta inclinações em direção à abordagem social-construtivista. Somos levados a esse entendimento dado que o processo de midiaticização – quando entendido a partir de uma única lógica midiática – tende a apresentar consequências para a vida social e cultural de maneira padronizada.

Assim, ao valorizar a força das instituições e do espaço social, e de forma mais ampla, da própria cultura – frente às pressões da mídia para uma espécie de reorganização, a compreensão da midiaticização do pesquisador britânico se aproxima da dos mapas complexos das mediações socioculturais e comunicacionais de Martín-Barbero. Estas, que se constroem em uma relação de complementaridade, na medida em que ambos os autores, ainda que reconheçam a preponderância de uma cultura midiaticizada, descartam a possibilidade do abandono do social. Martín-Barbero, ao se referir ao modelo informacional centrado na análise da relação produção-texto-receptor, afirma que deixar de fora a análise das condições sociais de produção de sentido elimina a análise das lutas pela hegemonia, do discurso que articula o sentido de uma sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 283).

Couldry entende que o conceito de mediação “fornece mais flexibilidade para pensar sobre as transformações sociais abertas e dialéticas” da narrativa digital – e que aqui nos servem para refletir sobre a produção de sentido dos receptores. Segundo o autor, não devemos esperar uma resposta unitária para a forma como os meios de comunicação transformam o social, uma vez que “eles próprios são sempre, pelo menos, duplamente articulados - tanto como tecnologia de transmissão, quanto como conteúdo representacional em contextos de prática vivida e luta situada que estão abertas a múltiplas interpretações ou mesmo ignoradas” (COULDRY, 2008, p. 376).

É o entendimento amplo do conceito de mediação utilizado por Couldry – aquele que ultrapassa a tradução e a circulação de significados através da mídia, mas que abarca o processo de transformação do ambiente no qual ocorrem as relações entre os próprios sujeitos e as instituições – que visionamos a possibilidade do estudo dos processos de midiatização a partir das mediações comunicativas da cultura apresentadas por Martín-Barbero. A complexidade da proposição do intelectual espanhol permite que sejam investigadas as formas como a tecnicidade se abeira nas outras mediações, o que, no âmbito da recepção, remete ao papel que desempenham os meios, bem como suas consequências nas interpretações e usos que os sujeitos realizam dos textos.

Intentamos não aprofundar a exposição acerca do subcampo de recepção latino-americano, mas se faz basilar a compreensão de que a recepção midiática é entendida aqui como um modo de analisar o processo todo da comunicação, não correspondendo, portanto, apenas a uma parcela do circuito comunicacional e, ainda, exige que se pense tal processo considerando as dimensões micro e macro em que se inserem os receptores. Dessa forma, entendemos, a partir de Lopes (2014, p. 67), que a recepção é um “contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas”.

No cerne da recepção encontra-se a produção de sentidos, esta que, na perspectiva das mediações latino-americanas, não corresponde unicamente aos sentidos propriamente ditos, mas se constitui como uma questão de poder (LOPES, 2014, p. 67). É de acordo com este sentido mais amplo que entendemos a validade da teoria das mediações, que, semelhante ao conceito de Roger Silverstone, extrapola a investigação da mídia como mero ponto de contato entre texto e receptor, uma vez que:

envolve tanto produtores, quanto consumidores de mídia em uma lógica de engajamento e desengajamento com significados que tem sua fonte ou foco

em textos mediados, mas que dilatam a experiência e são avaliados à sua luz numa infinidade de maneiras (SILVERSTONE, 2002, p. 33).

Embora não tenha adotado o termo midiatização, Jesús Martín-Barbero, “abriu decisivamente a porta de uma pesquisa de mídia, que atravessou um domínio mais amplo de investigação do que apenas mensagens de mídia de massa, ainda que, infelizmente, seu livro tenha permanecido pouco notado na língua inglesa” (COULDRY; HEPP, 2013, p. 193).

#### 4.3 A TOTALIDADE POSSÍVEL PARA OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO

A partir do modelo das mediações comunicativas da cultura, que apresentamos anteriormente, Maria Immacolata Lopes (2014, p. 71) argumenta que “é possível operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política, impondo-se como uma dimensão da articulação entre produtores, mídia, mensagens, receptores e cultura”. De acordo com a pesquisadora, a importância desse mapa está em reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade (ibidem, p. 72).

Ronsini (2011, p. 75) também compreende que a perspectiva de Martín-Barbero visa abarcar todo o processo da comunicação e não apenas o da recepção. Não obstante, defende que:

a pesquisa de recepção tangencia os processos produtivos da indústria cultural, não se dedicando, teórica ou empiricamente, ao exame de suas rotinas, ideologias profissionais, produtos e práticas, embora não possa abdicar do estudo formal do texto midiático e, eventualmente, compile conclusões levantadas por outros pesquisadores acerca do gênero/texto em questão, das características industriais do processo produtivo, etc. (RONSINI, 2011, p. 76).

Sujar as mãos na cozinha empírica, ratifica a pesquisadora, é o que se pode fazer na recepção, ou seja, devemos pôr à vista, na relação com os informantes, o sentido que se produz a partir da experiência cotidiana com os meios. Ao fazer um diálogo crítico com as formulações dos mapas das mediações de Martín-Barbero, Ronsini propõe uma “totalidade possível para a recepção”, focalizando nas mediações da tecnicidade, socialidade e ritualidade. Segundo a autora, é possível aplicar a perspectiva barberiana de um modo “mais restrito”, “menos ambicioso” no que se refere à sua amplitude empírica e teórica (RONSINI, 2011, p. 80). A defesa desse recorte diz respeito à necessidade de teorias e metodologias específicas que contemplem o processo de comunicação com foco em algum ou alguns de seus elementos, sem

que isso signifique desconsiderar teoricamente a questão do poder que perpassa todas as etapas do processo comunicativo, da produção ao consumo (loc. cit.).

Em concórdia com as delimitações feitas por Ronsini, sinalizamos que avançamos em direção a uma totalidade possível para a recepção, não sendo abordada, portanto, a mediação da institucionalidade. Ademais, como será visto, não nos debruçamos de maneira satisfatória (ou idealizada?) sobre a mediação da tecnicidade – estritamente compreendia como o texto midiático. Há de se sinalizar, todavia, a (in)exequibilidade, sobretudo a partir da problemática da construção identitária, da produção de uma análise semiológica das inúmeras narrativas teleficcionais, haja vista as distintas tramas que são invocadas pelos informantes no processo investigativo.

Compartilhando da assertiva que “o pesquisador (a) é um sujeito que toma decisões a partir de situações concretas e em condições determinadas de produção” (FIGARO, 2017, p. 16), priorizaremos o exame dos sentidos que os receptores constroem a partir das representações que eles próprios mobilizam dos textos ficcionais. Ainda assim, a ficha técnica das telenovelas e a descrição dos principais personagens das tramas por eles mencionados estão disponíveis no anexo deste trabalho. Intencionamos, com a reprodução dessas sinopses oficiais – ainda que de maneira rudimentar, apresentar as estratégias de enquadramento utilizadas pelo produtor (emissora e autores/escritores) nas confecções dessas representações.

#### **4.3.1 Retratos sociológicos individuais**

Para investigarmos empiricamente a produção de sentidos por homens a partir das representações que são produzidas e disseminadas pelas telenovelas, lançamos mão de retratos sociológicos individuais, baseados na proposição de Bernard Lahire (2004) e alicerçados, prioritariamente, em entrevistas semiabertas em profundidade<sup>13</sup> e na observação participante<sup>14</sup>. Segundo Lahire (2004, p. 10-11), cada indivíduo é “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são resultados de múltiplas experiências socializadoras, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos e em diferentes formas de relações sociais.

---

<sup>13</sup> Segundo Jorge Duarte (2014, p. 66), a entrevista semiaberta em profundidade constitui-se a partir de uma matriz, um roteiro de questões-guia que darão cobertura ao interesse da pesquisa. Com esse recurso metodológico, os dados não são meramente colhidos, “mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo crítico com a realidade” (ibidem, p. 63).

<sup>14</sup> Na observação participante, indica Peruzzo (2014, p.133), o pesquisador se insere no grupo pesquisado, acompanhando a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação.



Compreender as diferentes impacções das “grandes matrizes socializadoras”, como a família, o trabalho e as instituições educacionais, religiosas, etc. – em uma estreita correspondência com a mediação da sociabilidade proposta por Martín-Barbero – consiste na essência de sua abordagem metodológica. Na interpretação de João Lopes et. al (2014, p. 3), o retrato sociológico consiste, sobretudo, em uma entrevista biográfica semiestruturada. De acordo com ele, sua grande especificidade reside no roteiro, onde se procura, como objetivo principal, perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do ator nos múltiplos “mundos da vida” onde habita. Ademais, em sua análise:

O indivíduo, corpo socializado e socializador, reflete no seu percurso a arquitetura invisível das forças sociais, desenvolvendo modos de relação consigo próprio e com os contextos e situações onde se move. Essa forma de produção de si incorpora os mais pesados constrangimentos sociais e nada deve às teorias encantadas e ilusórias do livre-arbítrio. Lahire refere-se a este processo como sendo o da constituição das pregas singulares do social, advogando a autonomia e a pertinência complementares de uma escala de observação e de um nível de análise que os sociólogos não podem abandonar, sob pena de se tornarem analiticamente míopes (LOPES et. al., 2014, p. 10).

Em afinidade com a “sociologia experimental” de Lahire (2004, p. 20), mas mobilizando-a de maneira aplicada, ou seja, subordinada a um problema de pesquisa, construímos nossos retratos sociológicos individuais a partir de cinco eixos: socioeconômico; sociabilidade (com base nas categorias família, escola, trabalho); percepção de gênero (com ênfase nas temáticas casamento, paternidade, masculinidade e corpo); consumo cultural e midiático e, por fim, ritualidade (com questões voltadas aos modos de ver e interpretar as telenovelas. Ao todo, partimos de 235 perguntas, que puderam ser ampliadas ou mesmo reduzidas, de acordo com cada caso.

#### **4.3.2 Aproximação com o campo**

De caráter marcadamente qualitativo, restringimos nossa pesquisa ao estudo de três casos: o do estudante universitário Marcelo, de 26 anos; o do técnico em telecomunicações Fernando, de 34 anos e o do dentista Gustavo, de 49 anos. Compreendemos o estudo de caso como “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN apud DUARTE M., 2014, p. 2016).

A profundidade da investigação – e o conseqüente número elevado de questões e de encontros – pressupôs a necessidade de se consolidar certa confiança no entrevistador e disponibilidade de tempo do entrevistado (uma vez que as entrevistas foram realizadas em espaços domésticos ou em lugares que eram íntimos dos informantes). Como aponta Lahire (2004, p. 33), o fato de falar de si mesmo durante tanto tempo (e sobre temáticas pessoais, como sexualidade, relacionamento e família) excluía, quase que por completo, dois tipos de pesquisados: os muito próximos e os totalmente desconhecidos. Desse modo, nossa amostra foi composta a partir de sugestões de pessoas conhecidas – amigo de amigos, familiares de conhecidos, amigos de familiares, etc.

Marcelo (nome fictício sugerido pelo próprio informante) foi contatado por intermédio de uma ex-aluna de um projeto pré-universitário popular, de quem fui professor de redação por dois anos. Em certa oportunidade, encontrei-a em seu local de trabalho (ela é balconista no setor de fiabreria de um supermercado) e a interoguei sobre o conhecimento de algum homem que assistisse novelas para a participação em uma pesquisa. Ela prontificou-se em sondar os “noveleiros” em sua rede de contatos e, alguns dias depois – quando nos encontramos novamente em seu local de trabalho, ela passou-me três nomes. Dois declinaram e o outro era o Marcelo, seu colega de faculdade.

Após contatá-lo por telefone, combinamos um encontro pessoal para que eu pudesse apresentar-lhe o projeto. O local foi sugerido pelo próprio informante: uma biblioteca setorial da universidade em que ele estuda. Na ocasião, à semelhança de Lahire (2004, p. 32), a pesquisa foi apresentada a ele (assim como aos demais) sem que soubesse quais eram seus desafios teóricos. Expliquei-lhe, apenas, que estava investigando a audiência masculina de telenovelas e que não procurava por “entendidos” do assunto, mas sim quem gostasse de acompanhar as tramas. Foi-lhe exposto, também, que para tal intento fazia-se necessário conhecê-lo melhor – desde sua infância até sua rotina diária atual. Ele aceitou o convite e sugeriu para a semana seguinte o início das entrevistas.

Ao todo, foram realizados sete encontros com o jovem – o que totalizou, aproximadamente, em 15 horas de entrevistas gravadas. No primeiro deles (acontecido em uma sala de reuniões do diretório acadêmico de seu curso), foi aplicado o instrumento socioeconômico. Naquele momento inicial, optei por perguntar-lhe sobre sua trajetória acadêmica: impressões sobre o curso e projetos para o futuro. Procurei evidenciar minhas identificações com a rotina dele de estudos a fim de imprimir uma tonalidade mais coloquial, às entrevistas. Com receio de que ele ficasse intimidado com o gravador de voz, decidi (com a anuência da fonte) deixá-lo ligado todo o tempo, mesmo quando estávamos conversando sobre

assuntos aleatórios. A intenção foi afrouxar as fronteiras que separam uma conversa informal de uma pesquisa científica.

Nesse segundo encontro, pude perceber que a religiosidade seria um ponto importante a ser explorado – e que me possibilitaria maior aproximação. Ao contrário das críticas que recebe em seu contexto acadêmico, demonstrei-me disposto em conhecer e aprender sobre suas crenças. Assim, ficou acordado que nossa próxima entrevista seria na sede de sua igreja. Naquele *refúgio*, como ele vai reportar, obtive os depoimentos mais íntimos, principalmente sobre os constrangimentos sofridos no período escolar. Tendo as chaves da edificação, ele abriu as portas da Igreja e mostrou-me toda a estrutura: a quadra de esportes, o salão de lazer, a capela, a sala de batismos, etc. Também fui presenteado por ele com livros, dvds religiosos e muitos encartes. Quando manifestei certa encabulação por estar recebendo todos aqueles materiais, ele mencionou: “é também pra isso que serve o dízimo”.

As demais entrevistas aconteceram, repetidamente, na universidade, sem a presença de terceiros. Em algumas ocasiões, manifestei interesse em conhecer sua casa e familiares. Agendamos a visita por duas vezes, mas ele as desmarcou. Inferi com isso (e também a partir da experiência com os outros entrevistados) de que a presença de familiares poderia inibir algumas confidencialidades, haja vista, como percebe Lahire, “o sociólogo que realiza longas entrevistas é um tipo particular de confidente, aquele que desaparece depois de a confiança ter sido feita. [...], ele também pode ser o receptor de palavras às quais mesmo os mais próximos não tem acesso” (LAHIRE, 2004, p. 33).

O segundo informante recrutado foi Fernando (nome fictício sugerido por ele em homenagem ao jogador *Fernandão*, do Internacional). Cheguei até ele pela intermediação de familiares. Como não o conhecia, procurei pelo seu perfil no Facebook, mas encontrei somente o de sua esposa (posteriormente tomei conhecimento de que a conta é compartilhada entre o casal). Nessa mídia social, contatei-a e mencionei sobre a pesquisa, que ela já tivera noção através de minha família. Assim, foi-me passado o número de Whatsapp dele e, por meio desse aplicativo de mensagens, Fernando aceitou ser *cobaia* (nas palavras dele) da empiria. Marcamos o primeiro encontro, que aconteceria algumas semanas depois, em sua residência, no município de Santo Ângelo-RS.

Foram sete visitas, feitas ao longo de quatro meses, que resultaram em 10 horas de entrevistas gravadas. Todas elas aconteceram a partir das 19h, horário em que ele já havia retornado do trabalho. Diferentemente das etapas empreendidas com os demais informantes, priorizei, de início, a aplicação do instrumento da ritualidade, uma vez que a telenovela que acompanhava, *A Força do Querer* (Rede Globo), estava próxima de seu desfecho. Em dois dos

nossos encontros, assistimos juntos à trama das 21h. Em alguns momentos, nossas conversas interrompiam-se para atentarmos ao que acontecia em determinadas cenas. Todas as vezes, estive sozinho em casa. A esposa costumava regressar do trabalho por volta das 22h30min.

Fui bem recebido em sua casa desde o princípio. Era aguardado ou com chimarrão ou algum acepipe. Na ocasião em que mencionei recear estar atrapalhando seus momentos de descanso, obtive o retorno de que era uma boa companhia, de que lhe era agradável rememorar o passado e refletir sobre coisas que até então não havia problematizado. No nosso terceiro encontro, bebemos cerveja e assistimos juntos ao primeiro tempo de uma partida de futebol na televisão. A partir daquele momento, percebi o encurtamento da distância entre pesquisador e pesquisado.

Por fim, nossa última fonte foi alcançada não sem antes a recusa de algumas outras - que alegavam ou indisponibilidade de tempo ou incapacidade de depor sobre o assunto. Gustavo (nome fictício sugerido por ele em menção a um amigo de faculdade) era integrante ocasional de um grupo de vôlei do qual eu participara anos atrás e, em decorrência disso, constava em minha lista de amigos do Facebook. Enviei-lhe por essa mídia social uma mensagem, perguntando se assistia alguma telenovela, pois eu estava realizando uma pesquisa sobre audiências masculinas. Prontamente ele aceitou o convite: “sou um noveleiro fanático, acertou na escolha”.

Foram 12 encontros no decorrer de quatro meses, totalizando, aproximadamente, 18 horas de entrevistas gravadas. Todas elas aconteceram em sua casa, entre duas e quatro horas da tarde. Quando apresentei-lhe o projeto, informou que seu discurso não seria *politicamente correto*, falando abertamente sobre tudo. Fez a ressalva, no entanto, de que interromperia sua fala se a mãe ou a filha aparecessem na sala, fato que aconteceu algumas vezes. Em muitos momentos, também – principalmente quando falava sobre sua sexualidade – diminuía o volume da voz com o receio de ser ouvido por algum integrante da família.

## 5 ESTUDOS DE CASO: AS MEDIAÇÕES NA PRÁTICA

Concebendo a experiência como “matéria-prima do culturalismo para a compreensão do papel da mídia na estruturação das relações sociais e das mentalidades” (Ronsini et. al, 2016, p. 2), damos início à etapa empírica de nossa investigação a partir da confecção de retratos sociológicos individuais de três receptores: Marcelo, Fernando e Gustavo.

### 5.1 E CRIOU DEUS O HOMEM À SUA IMAGEM?

Marcelo tem 26 anos de idade. É natural e residente de Santa Maria<sup>15</sup>. Mora, juntamente com a esposa, na casa dos pais, em um bairro periférico da cidade. Não possui filhos, mas informa a intenção de tê-los após concluir a graduação em um curso de humanidades na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Recebe bolsa de Assistência Estudantil, no valor de R\$ 360,00, pelas atividades que desempenha junto a um projeto vinculado à Instituição em que estuda. Trabalhou como estoquista em uma distribuidora de medicamentos antes do ingresso na faculdade. Após a aprovação no vestibular, no entanto, não conseguiu conciliar o emprego com os estudos, optando por estes.

A esposa trabalha como copeira em um hospital e, juntos, contribuem com, aproximadamente, R\$ 500,00 para as despesas da casa. O pai de Marcelo, de 63 anos, é o principal responsável pelo sustento da família. Funcionário público aposentado e – atualmente músico em um bar da cidade, no qual se apresenta duas vezes por semana – possui rendimentos mensais que estão na faixa de um a três salários mínimos. A mãe do jovem, também de 63 anos, já trabalhou em supermercados, lancherias e em prédios como faxineira, e, ainda, como cuidadora de crianças. O entrevistado procurou evidenciar que todas essas atividades eram registradas em carteira. Atualmente, ela trabalha como diarista em uma casa de família. “A mulher [empregadora] tava assinando a carteira, mas depois [da PEC das Domésticas] ela disse que ficou meio pesado e [...] falou se ela [a mãe] podia trabalhar uma vez por semana, mas não com carteira assinada”.

Marcelo é o mais novo de três filhos e, até então, o único da família a ingressar no Ensino Superior. Seus dois irmãos (18 e 20 anos mais velhos) possuem o ensino médio

---

<sup>15</sup> Cidade da região central do Rio Grande do sul, distante 290 km da capital Porto Alegre. De acordo com o último levantamento do IBGE (2017), Santa Maria possui uma população estimada em 278.500 pessoas. A atividade econômica do município está concentrada no setor terciário, com grande participação do comércio e dos serviços na economia local.

completo e são, respectivamente, vigilante e policial da brigada militar. A esposa e o pai também possuem ensino médio completo. Este, entretanto, concluiu os estudos em um programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA). O mesmo aconteceu com sua mãe que, alguns anos atrás, concluiu o ensino fundamental.

Ainda pequeno, o jovem ambicionava cursar uma faculdade. Segundo ele, “isso ia dar uma base e tu ia conseguir ter sucesso na vida”. Grande parte do estímulo aos estudos veio a partir de sua trajetória religiosa. “A igreja apoia muito a questão do estudo. A gente acredita que aqui é uma parte da vida que a gente está sendo testado, [...], porque a gente acredita que um dia também vai poder ser Deus, sabe, como um Deus. Então, a gente tem que ter bastante conhecimento”.

No período em que serviu ao Exército, nosso informante recorda-se de também ter recebido conselhos sobre a importância dos estudos. Após a dispensa do serviço militar, prestou vestibular em uma instituição privada – e foi aprovado – em Administração. “Gosto de comandar e administrar, de dizer: ‘tem que fazer, tem que fazer assim’. Sou assim também em casa: ‘esse dinheiro é pra tal coisa’”. Não chegou a frequentar o curso, porque *é tudo pago*. Assim, desse percalço, começou a trabalhar como repositor em um supermercado.

Saiu do emprego alguns meses depois e foi para a região Nordeste do país em uma missão religiosa, pregando o evangelho, *ensinando sobre Jesus Cristo*. Quando foi *desobrigado*, regressou à cidade natal e conseguiu trabalho como estoquista em uma loja de materiais de construção. Deixou o trabalho após seis meses, por conta de um desentendimento com um superior e, pouco tempo depois, passou a desempenhar a mesma função em uma distribuidora de medicamentos. Nesse local, incentivado por duas colegas, inscreveu-se no Enem e foi aprovado.

A escolha do curso, diferentemente do que é para alguns – precisou ser feita mais por questões práticas do que por aptidões vocacionais. Por ser trabalhador, *tinha que ser um curso noturno*. Após a formatura, vislumbra passar em um concurso público. O jovem posiciona-se contrariamente a alguns professores que, de acordo com ele, mostram-se hostis às condições dos estudantes que trabalham: “Um curso que vem do Reuni, que é pra classe trabalhadora, e de uma hora pra outra os professores decidem que o curso tem que passar pra tarde? [...]. Não consultaram realmente quem é que usa isso, que somos nós”.

Fiel da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como a Igreja dos Mórmons, Marcelo afirma que os eventuais posicionamentos críticos à religião (presumível nos cursos das Humanidades), não abalam sua fé. “A gente acredita que é a igreja verdadeira, então, isso não atrapalha minha fé”. Relata testemunhar em sala de aula muitas

discussões em torno da intolerância das igrejas à homossexualidade, bem como sobre demais questões de gênero. Quando nesses momentos, posiciona-se favorável ao *livre-arbítrio*. “As pessoas têm a oportunidade de escolher suas vidas ou a maneira que são e eu tenho que respeitar todas essas pessoas”. Com relação à condição feminina, informa que o posicionamento de sua religião assegura a todos o direito de estudar, porém, ressalta a importância do *lado materno* nos cuidados com a família.

Quando perguntado sobre como costuma utilizar seu tempo livre (em uma questão fechada, que apresentava sete opções de resposta), o entrevistado, espontaneamente, acrescentou a lápis *Jesus*, marcando-o como primeira opção. Daí em diante, enumerou como prioridades, respectivamente: descansar (dormir); estudar; realizar atividades de lazer; cuidar da saúde/beleza; realizar tarefas domésticas; desempenhar atividades relacionadas ao trabalho e, por fim, fazer outra atividade para remuneração extra. Especificamente sobre a atividade de lazer favorita, exprimiu: “lazer, pra mim, seria olhar televisão”.

Não pratica esportes e não frequenta CTGs. Visita amigos e familiares com certa regularidade e, no verão, frequenta um clube militar da cidade. A ida à bares é, em média, mensal – dando preferência ao estabelecimento em que o pai é músico. Vai à igreja todos os domingos e não pertence a nenhum grupo sindical. Quando indagado sobre a participação em algum movimento social, informa ser integrante do Diretório Acadêmico de seu curso. Politicamente, diz não se posicionar nem à esquerda e nem à direita. “Pra mim, é uma questão de honestidade, sabe? Se não tá bom tem que ser trocado, dar oportunidade pros outros, porque o problema é essas histórias de partidários que acabam contaminando tudo. [...], com essas guerras de polícia, ficam enrolando as aprovações de leis, as coisas que são importantes”.

Quando inquirido sobre a classe social a qual acredita pertencer, o jovem proclama: “Eu me considero pobre, né. A gente vai desconstruindo algumas coisas. Tem gente que pensa que se tem uma casa pra morar, que não entra água e se tem um salário é classe média. [...]. Na verdade, tu é pobre”. Na Universidade, além da bolsa de Auxílio Estudantil, o entrevistado conta com o Benefício Socioeconômico – que garante o direito ao não pagamento das refeições no restaurante universitário – e está inscrito no Cadastro Único, que o isenta do pagamento de inscrições para concursos públicos, assim como também garante descontos em passagens intermunicipais. “Nosso salário geralmente é pra uma coisa básica. Quem é classe alta, classe média, é aquele que tem dinheiro. Se não trabalha, já tem acúmulo de coisas”, complementa.

Essa percepção de classe foi principiada na própria família e consolidada durante sua trajetória acadêmica: “meus pais já falavam ‘a gente é pobre mesmo’, eles sempre falavam isso. Eu tinha a ideia de quer, mais pela TV, de ser classe média, sabe. [...], a gente olha televisão,

né, os dados: ‘tal renda, tal coisa, tu é classe média’. E aí eu falei: ‘viu, mãe, nós somos classe média’ e ela disse: ‘que classe média, nada’. Então, ali eu vi que realmente não era e aqui [Universidade] eu tive a certeza mesmo”.

Marcelo se autodefine como *brincalhão*, ao mesmo tempo em que afirma ser persistente: “é difícil eu desistir de alguma coisa. Se eu comecei, eu vou até o final, por mais que seja difícil”. Descreve-se, também, *meio cabeça dura*, tendo dificuldades em mudar de opinião. Quando sugestionado a definir-se em relação à família, como filho e esposo, Marcelo diz ser responsável: “Me esforço para que tenha manutenção, aconteça tudo certo, por mais que agora meu salário seja bem abaixo do real, mas eu considero uma coisa bem importante, né, administrar. Eu tento ajudar a Andressa [nome fictício da esposa], eu e ela, administrar bem o pouco que a gente ganha”. Em conclusão, após uma moderada pausa, complementa: “e afeto, né, amoroso”.

### 5.1.1 Os modos de ser Marcelo: socialidade

Das primeiras lembranças de infância, Marcelo recorda de brincar com a sobrinha, de mesma idade. A mãe do jovem costumava cuidar dos netos em casa. O convívio com ela *era muito bom*. Era a sua maior confidente. Com o pai, a relação era *boa até*, mas a proximidade – tanto física quanto emocional – era maior com a mãe, ainda que ela fosse quem mais lhe surraste. “Quando meu pai falava comigo era só uma vez e tu já começava a chorar”. Os conflitos em casa, quando aconteciam, eram motivados por questões financeiras. “O pai não queria dar o dinheiro pra alguma coisa e a mãe brigava” – e também por ciúmes – “como o pai era músico, a mãe tinha ciúmes dele, de que ele tivesse outra mulher”.

Ele avalia como boa a educação que recebeu de sua família. O jovem rememora que se aparecesse em casa com alguma coisa diferente, sua mãe perguntava de onde era e, caso não fosse dele, o mandava devolver. Diferente de outras genitoras, na interpretação dele, a sua não o defendia: “se chegava reclamação de mim, eu ia apanhar, não importava se eu tinha razão ou não tinha. O importante era não ter causado alguma coisa”.

Havia horário pra brincar, estudar e assistir televisão. Quando apresentava mau desempenho na escola, no entanto, a assistência era suspensa, apesar de que, na prática *eles nunca conseguiram fazer isso*. A família se reunia para ver juntos os noticiários e, depois, as novelas – “na verdade a Globo, né, mandando em tudo”. Durante os telejornais, não era permitido conversar ou dar risada. Quanto às telenovelas, não havia nenhuma proibição, apesar da classificação indicativa sugerida.



As tarefas domésticas eram desempenhadas, sobretudo, pela mãe do rapaz enquanto este era pequeno. Na adolescência, porém, começou a dividir algumas atividades, como arrumar o quarto, limpar a sala, passar cera e varrer a casa, *tudo meio parelho com a mãe*. Já o patriarca da família *não fazia nada*. “Até o pátio, que é coisa de homem, ele não fazia. A mãe capinava, fazia buraco, tudo”. Na análise feita pelo próprio informante, o pai – “como ele tem o dinheiro, entendeu, a gente tem que fazer, meio que servir ele”.

No tempo livre, Marcelo costumava brincar na rua com os vizinhos. Brincava de *aula*, de *pega-pega*, amarelinha, fazia *casinha*, brincava de *lutinha*, de *homenzinho*, *Power Rangers*, *jogar bafo* com figurinhas de chiclete. Meninos e meninas costumavam brincar juntos. Quando questionado se tinha amizade com meninas, o jovem afirma que sim, *mais do que meninos*. Apesar de poder brincar na casa dos vizinhos, *a mãe tinha que saber quem era*. A liberdade para sair, relata, era permitida desde que com os amigos da igreja.

Marcelo não dirige, nunca teve *uma ambição* para isso. Reprovou duas vezes no exame prático de habilitação. Reconhece, no entanto, *que isso é uma coisa necessária e, só porque é necessário*, pretende fazer aulas novamente, mas quando tiver recursos financeiros para tal investimento. Ele também não consome bebidas alcólicas. Essa opção foi construída em consonância com os ensinamentos de sua igreja: “a gente aprende que é errado, faz mal pra saúde”.

Apesar de já ter *ficado com outras gurias*, a esposa foi a primeira e única namorada. Por *saber as coisas da igreja*, seus pais depositavam confiança nele quanto à prevenção e riscos de uma gravidez indesejada. “Sempre eles falavam essas coisas, que tudo tinha hora pra acontecer, que eu podia, de uma hora pra outra, terminar com a minha juventude”. Contudo, o jovem admite que não havia abertura para conversar sobre *todos os assuntos*, o que se estende, também, aos conselhos profissionais.

Quando questionado sobre os ensinamentos familiares acerca do comportamento adequado para meninos e meninas, Marcelo pontua alguns direcionamentos de seus pais quanto aos brinquedos, cores, modos de falar e postura, apesar de que eles não eram *tão assim*. O jovem sempre conviveu em casa com as sobrinhas, sendo assim, *não tinha tanto problema*. Contudo, admite que não tinha liberdade para escolher os brinquedos que iria ganhar: “Rosa é rosa, né? Então, tu acaba sendo obrigado a ter certas coisas. Tu não consegue fugir muito disso”. O maior ensinamento de sua família sobre ser homem diz respeito à honestidade, “ser verdadeiro, nunca mentir”. E se, por ventura, agir incorretamente, “tem que tá pronto pra arcar com as consequências”.

O percurso escolar de Marcelo foi realizado em colégios públicos. Frequentou o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) até a oitava série. Após concluir o ensino fundamental, *porque todos queriam trocar de colégio*, foi estudar em uma escola do centro da cidade. O entrevistado repetiu três vezes o primeiro ano do ensino médio. Aconselhado pela igreja sobre a importância dos estudos, o jovem encarava essa experiência como *obrigação* e culpa a si mesmo pela falta de vontade em estudar. Concluiu os estudos por meio do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), não cursando, portanto, dois dos três anos regulares.

Daquilo de que se recorda do período escolar, destaca a hora do recreio, quando a merenda era servida no refeitório. “Tinha arroz com linguiça, tinha massa, essas coisas que eram bem legais”. Além disso, recorda de palestras sobre violência, drogas e educação no trânsito – que eram ministradas no auditório do colégio. Marcelo questiona a ausência de debates sobre gênero. “Isso fazia falta pra escola, a questão de gay, de homossexual, tudo”. A exemplo do que acontece em muitas escolas, a educação sexual que aprendeu restringia-se à reprodução sexual, *camisinha, gravidez, essas coisas*. Para ele, se houvesse mais esclarecimentos sobre diversidade sexual, “talvez, muitas pessoas não tinham sofrido bullying ou preconceito”, incluindo ele próprio.

Ao ser questionado sobre o que mais gostava na escola, Marcelo sinaliza que foram as amizades que fez naquele período. Entretanto, faz a ressalva de que aquele também foi um momento pelo qual passou por recorrentes violências simbólicas: “Tinha essa questão do preconceito, né. Eu acho que por questão da igreja, assim. Acho que alguns guri também, tipo, pelo meu jeito de ser mais delicado, assim, eu não gostava muito de futebol, eu gostava de outros esporte, outras coisa. A gente recebe preconceito, te chamam de gay, outras coisas assim, por causa que a gente não faz as mesmas coisas que os outros fazem”.

O jovem recorda-se de um episódio no qual fora chamado de afeminado por um professor. Após relatar o ocorrido em casa, o pai procurou a escola para tomar providências. Contudo, esse acontecido (e também os outros) o desmotivou a frequentar as aulas: “A gente não sente vontade de ir, né, mas acaba indo porque sabe que é uma coisa importante e, tipo, como é que eu vou sair daqui, eu tenho que vir, como é que a gente vai fugir disso? Várias vezes, isso tanto no ensino médio também, a gente acaba sofrendo. Sofri no ensino médio e no fundamental”.

Havia divisões entre meninos e meninas na sala de aula. “Os guri falando com os guri, as guria falando com as guria e tinha a turma do meio, que ficava todo mundo junto”. Marcelo informa que pertencia ao último grupo e admite que tinha dificuldades em integrar-se com os

meninos: “Eu conseguia fazer parte de algumas coisa, né, mas sempre com medo de ser tachado [...], eu chegava no grupo das guria com mais facilidade”.

Tendo convivido boa parte da infância com as sobrinhas e não tendo nenhum primo homem de sua idade para brincar, nosso informante chega a constatação de que fora *desassistido*. Para além do fato de ter mais facilidade em fazer amizade com meninas, Marcelo também atribui a violência simbólica que sofria na escola ao fato de não gostar de jogar futebol: “Eu nunca aprendi a jogar bola, eu sempre fui muito ruim, sabe, e não gostava daquilo. Então, eu acho que a partir disso começou a separar, sabe, aí começa o preconceito”.

Embora gostasse de jogar vôlei, o futebol era a única modalidade esportiva oferecida aos meninos durante a educação física no ensino fundamental. “Eu ia por ir, sabe, ficava no gol. Eu não queria tá lá naquele momento, porque eu me sentia envergonhado. [...]. Não tinha nada a ver comigo e eu tava obrigado. Na verdade, eu tava sendo exposto pros outros, pra virá piada dos outros”.

Com efeito, Marcelo consente que a suspeita em torno da homossexualidade fundamentava o tratamento hostil que recebia dos colegas: “Sim, e tu acaba tendo medo, eu tinha medo. Foi a partir da quinta série que isso começou acontecer, porque, enquanto isso, tava todo mundo comum, a mesma turma e as mesmas amizade. Aí, lá na sexta série, começou esses problemas com a questão de gênero. Isso acaba atrapalhando até para tu dialogar com os outros, chegar em outras pessoas, até do mesmo sexo, porque tu tem medo de ser tachado de outras coisa e, tipo, coisas que tu nem percebe, sabe, só pela maneira de tu agir, de falar”.

Não se sentindo amparado pela escola, o jovem reproduzia a violência que sofria: “A gente não tem conhecimento, como agir, né, a criança ou o adolescente, e aí acaba também repetindo, sabe. ‘Ah, vou achar defeitos em ti, vou fazer recorte de cor, ‘seu preto’, essas coisa, ou ‘gordo’. Uma defesa, sabe, e aí tu acaba se igualando”.

No tocante a modelos de masculinidade, Marcelo revelou ter como inspiração os colegas detentores de melhor capital econômico, social e simbólico: “tu quer ser igual na maneira de vestir, né, ou de pentear, a questão social, porque ele tem mais, tem um tênis, tem outras coisas, [...]. Aí ele é o popular do colégio, porque ele tem questões financeiras melhor e, também, às vez, eu acho que os pais dão mais liberdade, não tem tantas regras, ele se expressa como quer, não tem medo de falar. [...], ou era mais pegador, assim, ou mais bonito”.

Embora hoje o jovem reconheça que tais colegas eram uns *abobados*, admite já ter chegado atrasado na escola por despender muito tempo em casa *se arrumando* para chegar *bem apresentado e ser aceito*. Em verdade, confia o medo da rejeição: “Não queria ser rejeitado, pelo menos tá ali no meio e não ser o último, né, porque sempre tem uns que tão atrás,

né. [...], porque o propósito da escola é tu aprender, e tu acaba despejando todo um esforço só pra ser aceito num grupo, não ser ridicularizado”.

Diferentemente do que acontecera na escola, ele ratifica ter sido melhor acolhido na Igreja, sendo *mais ouvido* neste espaço. Não obstante, observa que os muros sagrados não o salvaguardaram das adversidades: “Tu sabe, né, isso é uma coisa da juventude. Tanto que a gente trabalha com os jovens pra eles não reproduzir esse tipo de coisa. [...]. Tem acompanhamento da liderança, que chama atenção daí: ‘olha o que tu tá fazendo, essa não é a maneira certa’. Na verdade, a Igreja funciona como um hospital. Se tu fosse perfeito tu não vinha na Igreja. A gente vem aqui pra melhorar, né, pra receber o medicamento, as forças pra tu poder viver. Então, é um refúgio também”.

Marcelo serviu ao Exército e, reticente, disse ter gostado da experiência: “Foi boa, é, é, foi boa”. Para ele, as melhores coisas de lá relacionavam-se à questão da organização e da disciplina. Em contrapartida, a *ordem* acabava por ser injusta às vezes: “Se tu é o último, tu é tachado, tu é o patinho feio, vai receber punição”. No agrupamento, também observou a existência de discriminação pela distinção de classe social: “quem é mais pobre também acaba sofrendo, [...], porque a criação dele, ele não teve dinheiro, os pais não tinham conhecimento e aí tu acaba sendo menos. A maneira de tu falar vai ser diferente, da tua educação, as roupa que tu vem vai ser diferente por causa daquele problema da classe social e lá dentro do quartel acaba também se refletindo. Aquele vai ser piada. É sempre a piada da sociedade e é a mula, né, que faz tudo. Os superiores, eles sabem que tem isso, mas é uma coisa que acaba fugindo do controle. É uma coisa muito triste, muito doloroso”.

Interpelado a reportar as ocasiões em que se sentira um *patinho feio* no quartel, o jovem elencou duas situações, ambas concernentes à prática religiosa. “Porque eu não tomava café, por causa da religião, aí um supervisor, tipo: ‘ah, tu quer ser diferente dos outros’ e aí eu fui tachado pelos superiores. [...] ou pela lei da castidade, que tu é virgem, essas coisa. Dentro do exército acaba acontecendo isso também, porque os guri tinham a mania de sair em boate, gastar todo o salário, pagar prostituição, ir nesses lugares, isso fazia eles mais homens, botar todo o dinheiro deles fora, então, tu é tachado de gay”.

Para nosso informante, o alistamento militar não deveria ser obrigatório, uma vez que muitos jovens – principalmente *quem não teve oportunidade na vida* – deseja servir ao Exército. Ele percebe nessa compulsoriedade, de outro lado, uma tentativa de *controle sobre a sociedade* – ainda que aparente. E isso, concluiu, acaba causando *constrangimento* para alguns.

Marcelo trabalha desde os 14 anos de idade. Seu primeiro emprego, como Menor Aprendiz, foi em um supermercado. Ter dinheiro pra poder comprar as próprias coisas foi o

que motivou o jovem a procurar trabalho desde cedo. Após essa experiência, fez um curso profissionalizante de soldagem, que também era remunerado. Atualmente, recebe bolsa de Assistência Estudantil pelas atividades que desempenha em um projeto da Instituição que estuda.

Já sofreu um acidente quando foi estoquista em uma loja de materiais de construção. Uma empilhadeira passou por cima de seu pé. Questionado sobre os possíveis motivos que justificariam o maior envolvimento de homens em acidentes de trabalho, assegura que isso se deve ao fato de o homem ter de carregar peso e ter de, constantemente, demonstrar sua bravura: “Precisa mostrar que é mais homem, tipo, se tu diz: ‘Ah, isso é perigoso, não vou fazer isso’ ou ‘não vou carregar isso porque pode me machucar’ aí vão dizer que tu é mulher, não sei o que. Então, tu tem que mostrar que tem mais coragem e aí os acidentes acabam acontecendo”. Marcelo já foi desafiado por colegas a subir em empilhamentos de azulejos e a carregar geladeiras sozinho.

Por questões financeiras, o jovem menciona que gostaria de exercer outra atividade. Contudo, reconhece que o estágio – após um difícil período de adaptação – lhe possibilita maior tempo para os estudos. Para os próximos semestres, projeta vender bolos – confeccionados por ele mesmo – no intervalo das aulas para aumentar a renda familiar.

Marcelo informa que abriria mão de sua carreira para cuidar dos filhos, caso fosse preciso: “a gente até brinca, porque ela [esposa] acha que eu tenho mais jeito com as coisa de casa do que ela, então, se ela trabalhasse, eu ficaria cuidando dos meus filho”. Apesar dessa afirmação, pondera sobre a necessidade de os dois precisarem trabalhar fora para atender as necessidades da família.

A religião lhe ensinou que o homem deve ser o principal responsável pelo sustento familiar: “eu aprendo na igreja que a gente é o responsável por trazer o sustento, né, [...] a gente tem uma responsabilidade da família não passar necessidade”. Embora o homem deva ser o provedor, o discurso religioso, após *algumas mudanças que tá tendo*, consente o trabalho feminino em espaços públicos: “às vez, só a renda do homem não basta, entendeu, então, às vez, a mulher também vai ter que ajudar, mas a responsabilidade seria do homem”.

No raciocínio de Marcelo, o trabalho é constitutivo da identidade. Para além do capital econômico, ele possibilita um maior capital simbólico: “O trabalho engrandece, né. Ele te tá uma identidade. Então, ele te dá um certo respeito. [...]. O trabalho vai te trazer certas coisas. Se tu trabalhar, tu vai trazer certos benefícios pra tua vida, então é importante o trabalho. É importante tu fazer algo, mesmo que tu não ganhe dinheiro, entendeu. Até pra tu se reconhecer como pessoa, como parte da sociedade”.

### 5.1.2 Os modos de Marcelo perceber o gênero

Casado há quatro anos, Marcelo não se considera um marido ciumento e admite que o matrimônio interfere *um pouco* na liberdade do homem: “tu já tem que justificar onde tu vai, né”. Ademais, muitas das escolhas feitas devem levar em consideração não apenas a vontade própria, mas também o bem-estar do casal: “Tu sabe que tu tem outra pessoa, que tá te esperando, [...]. Tudo que tu escolhe, tu sabe que vai ter influência pra outra pessoa”.

Carinho, afeto e compreensão são as palavras que, na perspectiva de nosso informante, definem as melhores coisas do casamento. A falta delas, em contraposição, configura-se nas piores. Sugestionado a mencionar alguns exemplos cotidianos, Marcelo expõe a *questão da dívida*. A falta de um planejamento orçamentário é o propulsor dos principais conflitos do casal: “A gente não tinha mais nenhuma conta, que ela mesmo tinha feito, pra um plano de sempre comprar à vista, sabe. Aí, quando vê ela tá endividada de novo, tá fazendo conta e aí tá comprometendo novamente”.

Quanto à infidelidade no matrimônio, ele é bastante resolutivo: “É algo bem triste, né, a pessoa geralmente tá se doando, se preservando ou, às vez, até controlando certos desejos ou fazendo planos, [...]. Se tá cansado, então é melhor tu falar ‘não quero mais. Não era isso que eu esperava’ do que a traição, a infidelidade”. Para ele, a falta de carinho e atenção leva o casal a procurar relacionamentos extraconjugais.

Ao ser indagado se concordava ou não com a afirmação de que existem mulheres que são para casar e mulheres que são apenas para “diversão”, nosso respondente inicia seu argumento ressaltando o respeito a todos, todavia, evidencia que não escolheria *essa pessoa que quer se divertir*, pois, em seu raciocínio, ela não respeita a si própria e nem aos outros. Interrogado acerca do que seria essa falta de respeito, desferiu: “Ah, talvez porque ela seja mais vulgar, digamos assim, na questão de mais atirada, assanhada. [...], não respeita, mete a mão com todo mundo, essas coisa. Não tá querendo um padrão”.

Marcelo não defende que casos de violência dentro de casa devam ser discutidos somente entre os membros da família. Em seu conhecimento – adquirido, em grande medida, no percurso acadêmico – os casos de agressão doméstica precisam ser denunciados: “até pra poder ajudar o agressor também, porque, às vez, a gente não sabe como tá o agressor, [...], talvez ele seja preso, mas também a vítima, principalmente a vítima, tu vai tá ajudando pra não acontecer algo pior, matar alguém, algo assim, ou, às vez, tu tá doente mesmo e não sabe”.

O jovem não possui filhos, mas pretende tê-los após concluir a faculdade. Para ele, a educação dos descendentes é um assunto que diz respeito tanto aos pais quanto às mães:

“aprendo aqui na universidade, como aprendo também em casa, como aprendo na igreja e na televisão que os dois têm que dividir as tarefa, mesmo que a mulher fique em casa”. Questionado se deve haver papéis definidos (papel do pai e papel da mãe) nessa educação, o entrevistado recupera o argumento do pai provedor, mas ratifica que isso não exime o homem da responsabilidade de também ensinar. Ainda assim, incorre à *natureza* para definir o papel materno: “Talvez a mãe tem mais essa questão do ensino, né, que elas têm mais facilidade de ensinar. Talvez ela pode passar com mais amor”.

Não há um maior responsável em casos de gravidez indesejada na opinião de nosso informante: “o homem, se a mulher não tomou o remédio, não tomou as coisas direito, a culpa é dele também, porque ele tem que tá ali do lado, cobrando, né, ou ele tem que usar camisinha, tem que ver outros métodos pra ele também, se ele não quer ter filho ele também tem que se cuidar, né, ou fazer algum procedimento médico”. Marcelo posiciona-se favorável ao aborto apenas nos casos de estupro ou má formação do feto: “Na igreja a gente aprende sobre isso, mas, agora, quando foi uma opção tua, assim, aí tu tem que criar”, pondera.

Ser homem é ter *honra, dignidade e não faltar com a verdade*. Das melhores coisas de sê-lo, Marcelo indica a possibilidade de poder *mijar em pé*, mas, de resto, *é tudo igual pros dois*. Quanto às piores coisas, sinaliza a pressão de ter de ser o provedor da casa: “perante a sociedade, seria pior porque tu tem a responsabilidade, se tu tem uma família, tu tem que ser o provedor, assim. Isso é bem ruim, né, porque, se dá tudo errado na tua família, a culpa é tua”. Não poder ter filhos – ou tê-los e não poder sustentá-los – resultam nos seus maiores medos.

O informante admite já ter sido pressionado por colegas a provar sua coragem: “meus colega queriam que eu ficasse com alguém, tipo, aí eu fiquei com a guria, [...]. Eu nem gostava, sabe, mas só pra provar que eu... (pausa). Acho que a guria era do terceiro ano e eu era do primeiro, nada a ver com meu estilo, mas aí, enfim, arranjaram tudo e eu tive que ficar com a guria”.

No que se refere às principais diferenças entre homens e mulheres, Marcelo considera, inicialmente, que elas são mais *emotivas, sensíveis e choronas* do que eles. Entretanto, ao longo de sua fala, reconhece que a sensibilidade também é uma característica masculina, com a ressalva de que: “ele não demonstra isso. [...]. O homem se guarda mais, né. Tem esse instinto de ser mais sério, que eu acho que é uma coisa da natureza mesmo do homem e aí, depois, vem a questão mais cultural, que a sociedade faz dizer que o homem seja assim, mais casca dura. O homem não deixa transparecer isso. Uma coisa natural dele”.

Ao ser questionado se haveriam outras distinções, para além do fato do homem ter dificuldades em demonstrar os sentimentos que possui, Marcelo cita a disparidade de força

física entre ambos: “eles são mais fortes, tanto que tem a lei Maria da Penha porque os homens, às vezes, não medem a força que têm. Na verdade, nunca deveria tratar ninguém assim, mas, às vezes, ele esquece que ele é mais bruto, tem mais força, coisa da natureza dele”. Perguntado se acredita em um natural comportamento violento do homem, o entrevistado faz a ressalva de que o assunto *é complicado*. Segundo ele, o homem tem dificuldades em medir as consequências de suas ações. O jovem insinua, ademais, que a mulher pode ser igualmente violenta, porém, pelo fato do homem possuir maior força física, as consequências de seus atos são mais visíveis: “A mulher, eu acho que ela é, às vezes, também violenta. Só que o que ela faz não vai ferir o homem do mesmo jeito”.

Marcelo chora. Não vê problema algum em homem chorar: “Eu acho legal, ele tá demonstrando seus sentimentos. Eu não acho que é um sinal de fraqueza, [...], e se for fraqueza, é bom que ele chore porque as outras pessoas vão poder ajudar, né. O homem, por ele ser desse modo, acaba acontecendo suicídio, outras coisas, até questão de médico, o homem não fala o que tá passando com ele”.

Ele já chorou em diversas ocasiões: apresentando seu memorial em uma disciplina da faculdade; quando discutiu com a esposa por falta de dinheiro; quando presta testemunhos na igreja e em algumas cenas de filmes e novelas. Recordar-se de que os momentos da teledramaturgia que o levaram às lágrimas foram: 1) quando Camila, interpretada por Carolina Dieckmann (em *Laços de Família*), cortou o cabelo em virtude do tratamento contra a leucemia e 2) quando Félix, interpretado por Matheus Solano (em *Amor à Vida*) cuida do pai enfermo: “É ele que cuida do pai dele, né. Toda vida o pai desprezou ele, né, e várias coisas erradas que aconteceu na vida dele, tipo, foi por causa do desprezo que ele tinha pelo filho. [...], mas, no fim, ele fica com o filho dele. Isso ensina muita coisa”.

Para o jovem, a homossexualidade é uma questão de escolha, de *livre arbítrio*. Ele evoca novamente um discurso de respeito universal e assinala que pretende educar seus filhos da *melhor maneira*, não os privando de fazerem os próprios caminhos. Tais escolhas, contudo, não passam incólumes à sentença divina: “Tu não tá dentro de uma pessoa pra saber o que realmente leva a essa escolha. Isso não compete a mim, [...], só Deus mesmo sabe, ele vai dar oportunidade pra todos, das escolhas, mas para aquele que não tem conhecimento, Deus vai ser muito justo no seu julgamento”.

Marcelo explica que o Criador é tolerante com aqueles que não tiveram oportunidade de conhecer o evangelho, entretanto, adverte que: “quando tu tem o conhecimento daquilo, por exemplo, eu aceitei viver as coisas do Senhor, entendeu, eu tive o conhecimento e tive uma



resposta, tive um testemunho, aí, a partir daquele momento, Deus vai julgar as minhas decisões, ele vai ser mais severo comigo porque eu sabia das coisas”.

Para ele, a reversão da orientação sexual é possível. Na intensão de justificar essa crença, recupera exemplos de fiéis da Igreja que não têm relacionamentos *assim* pra cumprir com os mandamentos. Segundo o jovem, essas pessoas que têm *dificuldades* em serem heterossexuais acabam se *guardando, a lei da castidade*, e, por esse motivo, argumenta, Deus irá *preparar algo bom* para elas.

Marcelo não se considera machista, contudo, ironicamente, sugere que a pergunta seja feita às colegas feministas, *que são radicais*<sup>16</sup>. Em sua concepção, o homem machista é *arbitrário, decide tudo sozinho*. Ele, não obstante, manifesta-se em defesa do diálogo: “os dois têm que planejar junto, os dois tem que pensar junto, né. Não é um só que toma a decisão, porque os dois pensando junto é mais fácil de dar certo”.

Quanto ao corpo, Marcelo reconhece que não cuida devidamente da saúde ao afirmar que bebe pouca água, não faz exercícios físicos e exagera nos doces e refrigerantes, *quebrando um mandamento*. Ele também não faz exames médicos preventivos *por uma questão financeira*. Isso era feito, segundo ele, apenas quando possuía plano médico empresarial. Quanto aos cuidados com a aparência, o jovem é bastante minucioso: “eu uso creme no cabelo, sempre procuro usar creme todos os dias e não fico sem o creme de cabelo. Usar perfume, tomar banho, cortar as unha, depilo minhas costa no verão quando vou em algum lugar tomar banho. Já depilei toda a perna, assim, também o peito, várias vezes. Passo fio dental nos dente, vou no dentista da universidade e queria fazer clareamento também, tô planejando fazer isso”.

O jovem também informa que procura *combinar* as roupas que veste, evitando repeti-las com frequência. Admite, porém, que isso, às vezes, é *difícil* pela condição financeira que possui. Marcelo considera-se vaidoso: “perco tempo tentando ajeitar o cabelo, despendo um tempo pra cuidar dos dente, às vez, passo creme no rosto, mais por causa das alergia. Quando eu corto as unha eu lixo as unha. Tem homem que não faz isso, eu faço as voltinha em tudo. Agora eu não tenho, mas antes eu empurrava a cutícula, gastava um tempo com isso”.

---

<sup>16</sup> Essa dedução reducionista do feminismo (que também será observada na fala dos outros entrevistados) é pontuada por Heleieth Saffioti em *O poder do Macho*, de 1987. No referido livro, a autora averigua que uma vertente pouco expressiva do feminismo, o feminismo radical – cujas adeptas desejam alcançar total autonomia em relação ao homem, inclusive no terreno sexual – é estrategicamente difundida por alguns meios de comunicação de massa e por machistas na intenção de angariar antipatias para todo e qualquer feminismo, resultando em um entrave na luta pela democratização das relações de gênero (SAFFIOTI, 1987, p. 114).

Ele gostaria de diminuir medidas abdominais e ter *um pouco mais de músculo*. O que menos gosta do corpo são as espinhas do rosto, a barriga e a boca, que acha *muito pequena*. Daquilo que mais gosta, destaca: o nariz; os olhos; a sobancelha – *quando está arrumada*, e as mãos: “tem muita mulher que tem inveja das minhas mão”. Indagado sobre cirurgias estéticas, destaca a importância do bem-estar próprio, mas revela que faria um implante capilar se tivesse dinheiro.

Referente à vulgaridade feminina, nosso informante descreve uma mulher vulgar como sendo aquela que *não respeita ninguém*, que fala palavrão e *fica de bagacerice*. O mesmo vale para o homem vulgar, que na opinião do jovem, não respeita mulheres de roupas curtas – *vai achar de meter a mão*, e fazer *piada suja*. Quanto às mulheres elegantes, elas são assim definidas por vestirem-se bem, *usando uma roupa mais da moda*.

Impelido a descrever o comportamento dessas mulheres, nosso informante pressupõe que ela é educada, cumprimenta a todos, *não dá risadas altas e sabe se portar* em todos os lugares. Assim também é representado o homem elegante: educado, que sabe tratar bem as pessoas, e que se veste com roupas da moda. Questionado acerca de como seriam tais roupas, o jovem sinaliza: “o que os artista tão dizendo que é moda, o que a mídia tá dizendo. [...]. As calça mais apertada, né, não muito larga; um terno mais slim, mais colado”.

### 5.1.3 O consumo cultural e midiático de Marcelo

No tocante ao consumo de cultura culta, Marcelo não tem o hábito de ir a espetáculos artísticos, nunca tendo frequentado exposições e apresentações de dança/balé. Com relação ao teatro, relatou ter assistido a apenas uma peça, no ano retrasado, com a esposa e a sobrinha. Quanto a shows musicais, o jovem menciona já ter ido em alguns, sendo que o último recordado por ele foi o do cantor sertanejo Luan Santana, há oito anos. A ida ao cinema, em contrapartida, é uma experiência menos distante do cotidiano. Em média, costuma assistir a três filmes por ano. O mais recente foi a animação infantil estadunidense “Sing”, há um ano, quando estava na companhia de sua sobrinha pequena.

O jovem não tem o costume de ler livros de ficção e nem jornais. A leitura de revistas impressas – dessas de grande circulação nacional – também não faz parte de sua rotina. Todavia, acompanha mensalmente a edição de “A Liahona”<sup>17</sup> – periódico mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, da qual é devoto.

---

<sup>17</sup> “Liahona” é um uma espécie de bússola, que foi dada por Deus ao profeta Leí (primeiro profeta do livro de Mórmon) quando este se perdeu no mar.

Possuindo acesso à Internet e pacote de dados para smartphone, o uso de internet é diário e ininterrupto. O jovem conecta-se em casa, no estágio, na universidade, *em todos os lugares*. O celular é o principal dispositivo de acesso ao mundo virtual. As atividades online preferidas são: a interação com familiares, amigos e colegas nas redes sociais – principalmente no Whatsapp e Facebook – e o consumo de conteúdo religioso. Ao ser questionado sobre o conteúdo consumido no Facebook, mencionou curtir *várias páginas da igreja* e algumas páginas de notícias, das quais não recordou o nome no momento da entrevista.

Marcelo também não tem o hábito de ouvir rádio. Os estilos musicais favoritos, ainda que admita não se prender a nenhum ritmo específico, são: o pop, axé, *né*, *Ivete Sangalo* e *rock mais leve*, desde que não tenha *muita gritaria*. Ele manifesta o interesse por músicas em ocasiões festivas e também em momentos de introspecção, “quando dá um sentimento, aí eu boto, mas não tenho, assim, um vício. Eu já sou mais viciado em televisão”.

São seis horas diárias dedicadas à televidência durante a semana e oito horas nos sábados e domingos. Pela parte da manhã, ele e os pais (principalmente a mãe) assistem na cozinha (fotografia 1) aos programas: “Mais Você”, “Bem-Estar” e “Encontro”. À noite, após retornar da universidade, costuma acompanhar às novelas e minisséries da Rede Globo.

Fotografia 1 – Nas manhãs, a família assiste à televisão na cozinha



Fonte: acervo pessoal do informante

Por ordem de preferência, os três gêneros televisivos que mais gosta são: telenovela, humorístico e programa de auditório. Os canais mais assistidos são, respectivamente: A Globo, *não adianta, né*; o SBT e a Band. Ao ser indagado a sobre seu programa de televisão favorito, indicou o “Caldeirão do Huck” (Rede Globo).

#### **5.1.4 Os modos de Marcelo ver e ler a telenovela: ritualidade**

Nosso informante começou a assistir às telenovelas a partir dos oito anos de idade. Ao ser questionado se considera-se um fã desse produto midiático, o jovem responde apenas que gosta de olhar novela. Em seu entendimento, muitos homens têm receio em admitir isso por *vergonha*, não querem estar associados a *coisa de mulher*. Ele considera isso uma *bobagem*, principalmente nos dias atuais: “Hoje as coisas são mais modernas, né, tipo, tem essa história do homem mais sensível, que pode compreender uma história de romance”.

O que o motiva a acompanhar as telenovelas são as *mensagens* que transmitem: “te faz refletir, faz pensar sobre a tua vida, por isso que eu gosto”. Daquilo que menos lhe agrada, estão as *cenais mais fortes*, de sexo. Para ele, o amor e a paixão poderiam ser demonstrados de outras maneiras. Ademais, acrescenta: “por causa que tem crianças que tão olhando e acho que provoca uma coisa precoce. As novelas são bem perigosas nesse ponto”.

Regularmente, Marcelo assiste às tramas na companhia da esposa e, esporadicamente, junto dos pais. Na casa em que mora, há três aparelhos televisores: um na cozinha, um no quarto de seus ascendentes e outro no quarto do casal (fotografia 2). É com os familiares e com uma amiga de faculdade que nosso informante costuma comentar sobre os capítulos assistidos. Ele assente, todavia, que o assunto também está presente nas conversas do trabalho e da igreja.

Quando a novela está sendo exibida, Marcelo costuma ficar em silêncio, optando por fazer comentários apenas nos intervalos comerciais. Este, também, é o momento em que ele aproveita para acessar suas mídias sociais (Facebook e Whatsapp). Na internet, através do Gshow (site de entretenimento da Rede Globo), o entrevistado assiste aos capítulos que não conseguiu ver pela televisão e, também, procura se informar sobre o que vai acontecer futuramente nas tramas.

Durante a realização da pesquisa, assistia *Os Dias Eram Assim* e – nos dias em que chegava mais cedo em casa – acompanhava alguns capítulos de *A Força do Querer*. Acerca da primeira, descreve-a como sendo sobre a falta de liberdade de expressão no período da ditadura militar brasileira: “Isso traz bem forte, né. Também as músicas de época, então, tudo isso é

muito bom, de saber o que realmente aconteceu. A tua visão política também vai melhorando um pouco, ajuda”.

Sobre a segunda trama, destaca os dilemas de Silvana (Lília Cabral), que é *viciada em jogo*: “É bem interessante tudo o que ela faz para dobrar o marido pra conseguir dinheiro. Tipo, perde a noção do que é correto pra conseguir manter aquele vício que ela tem”. O jovem também reporta o drama vivido pela personagem Bibi (Juliana Paes): “ela tá mudando a vida dela só por causa de um homem. É algo que tem tudo pra dar errado. [...], ela tá se privando da liberdade dela, tem que tá escondida, mas tudo por um amor que ela tem, talvez seja até falso, nem ela sabe, né. [...], até o filho dela ela deixou com a mãe”.

Fotografia 2 – Marcelo assiste às novelas, principalmente às das onze<sup>18</sup>, com a esposa no quarto do casal



Fonte: acervo pessoal do informante

Na compreensão de nosso entrevistado, as telenovelas retratam a realidade, *principalmente a das nove*, que sempre procuram *passar uma mensagem real*. Ele acredita que todos os personagens apresentam trajetórias realistas, mesmo os das tramas fantásticas, como,

<sup>18</sup> Em 2011, com o remake de *O Astro*, a Rede Globo inaugurou um novo horário de dramaturgia: o das 23h. Desde então, produziu novas versões de tramas famosas, como *Gabriela* (2012) e *O Rebu* (2014) e também passou a investir em histórias originais, como *Verdades Secretas* (2015). Essas produções eram anunciadas como novelas até meados de 2017. A partir de *Os Dias Eram Assim* (2017), no entanto, a emissora as (re)classificou como superséries. De acordo com o crítico de televisão, Nilson Xavier, essa alteração de nomenclatura é apenas estratégica, visando alcançar o mercado internacional, em que séries têm um poder maior de penetração.

por exemplo, os da segunda versão de *Saramandaia*: “eu assisti a mais atual, mas eu também andei olhando um pouco da velha [de 1976], pra comparar. Tipo, mostra a história de várias pessoas, é uma coisa engraçada, tipo uma sátira, mas no fundo, ela tem uma realidade, uma verdade”.

Félix (Matheus Solano) em *Amor à Vida*, Maria do Carmo (Susana Vieira) em *Senhora do Destino*, e Coronel Afrânio (Antônio Fagundes) em *Velho Chico*, são os personagens cujas trajetórias mais se assemelham à realidade: “O Félix, porque tenta mostrar uma coisa que ele não é, né, tipo, pra agradar. As pessoas, às vez, vive toda a vida assim, tentando mostrar algo pros outros e nem é pra ela própria. [...], ele forçava aquilo para chamar a atenção do pai dele e pra ter uma aceitação. Tem várias histórias assim, tipo, tem essa da Maria do Carmo também. Ela faz uma nordestina que vira rica por causa do trabalho. Isso acontece muito, né, principalmente em São Paulo. Por exemplo, o Antônio Fagundes da novela aquela do cara que morreu [*Velho Chico*], aquilo retrata a realidade também, tipo, ele queria que toda a família ficasse ali, ele queria proteger, na verdade, mas ele tinha uma ideia que cada um tinha que fazer o que ele queria”.

No entendimento de nosso informante, as telenovelas podem influenciar o comportamento das pessoas e, ademais, naquilo que consomem de bens materiais: “lá mostra eles [personagens] comprando numa loja específica. Então, eles podem vender várias coisas com a novela. E aí as pessoas querem usar aquilo. Lá, eles largam a tendência da moda e também pode fazer as pessoas mudar de opinião, né, de visão de algumas coisas”.

Ainda que não se recorde de nenhum personagem específico, o jovem reconhece que já se inspirou em alguns figurinos para compor seu vestuário: “Por exemplo, a calça não é mais larga que se usa, o terno, a gravata que tão usando é mais fininha agora, não as larga mais. E tudo isso eu acabo olhando ali e, tipo, procuro comprar de acordo com aquilo. Isso influencia bastante. Eu tenho uma camisa xadrez porque eu comecei a ver nas novela que tem isso”.

Quanto à mudança comportamental proporcionada pelas tramas, Marcelo faz menção em *aceitar os gays* e em aprender a lidar com pessoas doentes. São citadas pelo informante a síndrome de Down, o autismo (*Amor à Vida*) e a esquizofrenia (*Caminho das Índias*). “São cuidados assim, que a família não sabe como lidar com aquilo. Às vez, tá do teu lado e tu nem tá percebendo isso. Eu acho que novela pode trazer isso, tu saber lidar com essas situações”.

Sobre a possibilidade das novelas ajudarem na reflexão de conflitos familiares, Marcelo menciona a história de duas personagens de *Mulheres Apaixonadas*: Raquel (Helena Ranaldi), *que apanhava de raquete*; e Doris (Regiane Alves), *que maltratava os velhinhos*. Nesses casos, a trama o ajudou na compreensão sobre a importância da denúncia contra agressões domésticas

e, para além disso, que tais casos não são restritos às classes populares: “a gente fica sabendo realmente que existe isso e, também, que a gente tem que ajudar as pessoas. Isso faz a gente mudar de opinião também. [...], traz uma visão que, assim, não é um apartamento feio, é de classe alta, né, e, tipo, acontecia lá, então, não era como seria em Santa Maria, na zona oeste [região onde entrevistado reside], que tem os maior índice de violência, mas tem outros lugares que acontece dentro de casa, tipo, de ricos”.

A trajetória de Maria do Carmo (Susana Vieira) em *Senhora do Destino*, alimenta o sonho de Marcelo em ascender socialmente por meio do trabalho árduo e honesto: “ela batalha, não tinha nada, chega e começa a trabalhar, né, e por meio do trabalho a gente consegue o nosso sucesso. Honesto, né, uma coisa que ela era, bem honesta. Depois, tanto que ela era honesta que ela conseguiu ter a filha dela de volta, né, por mais de tudo de ruim que aconteceu com ela”.

Ao mesmo tempo em que as telenovelas reforçam a ideologia meritocrática, elas também problematizam as relações de poder e a manutenção da desigualdade social. Isso, na interpretação de nosso informante, pode ser observado nas telenovelas *Liberdade, Liberdade* e *Os Dias Eram Assim*. Sobre a primeira, ele infere: “era um grupo pequeno que não pensava no bem-estar de todos, tudo em volta era uma miséria e eles faziam leis só pra favorecer uns e não favoreciam os outros. É a história do Brasil, mostra bem isso na novela e também tudo o que aconteceu com Tiradentes, mataram ele e também a mulher, a família. Tudo por causa de poder político e medo de perder uma estabilidade de status”. Quanto à segunda, destaca: “essa agora da ditadura, também, mostra a força estudantil, enfim, os estudantes, impondo as coisas, ensina a não ter medo, né, fazer com que o governo escutasse eles, vê a visão realmente do que a maioria quer”.

São com esses estudantes, representados em *Os Dias Eram Assim*, que nosso entrevistado diz identificar-se. Tendo participado das ocupações dos prédios da Universidade em que estuda em novembro de 2016 – em oposição a PEC 241, que propunha um teto para os gastos públicos – Marcelo vê correspondência na forma como aqueles jovens foram desacreditados por uma parcela da sociedade: “nessa história também acontece, tipo, eles querem reivindicar as coisas e ‘ah, vocês são estudantes, vocês são desocupados, vocês não fazem nada, não acrescentam nada, o que vocês entendem pra ajudar a sociedade ou entender o trabalhador?’”.

Com exceção daqueles militantes, que reivindicavam pelas Diretas Já, os demais homens são representados na trama como *machistas ao quadrado*. Na leitura do jovem, os demais personagens masculinos “tomavam as decisões deles, podiam chegar a hora que quisessem em casa, não tinham que justificar, não tinha que falar com quem eles andavam. Se

eles decidiam que iam beber, eles iam beber, mas aí se a mulher saísse”. De outro modo, as mulheres, eram retratadas como *submissas*: “tem a questão da Alice [Sophie Charlotte] que ficou grávida e teve que casar por causa disso, não importasse que não fosse o pai da criança, mas ela tinha que casar de alguma forma, pra esconder da sociedade isso, pra não sujar o nome, que aí ela ia ficar com o nome de uma mulher da vida, prostituta”.

O protagonista Renato (Renato Góes), em *Os Dias Eram Assim*, é o personagem masculino de quem Marcelo mais gosta: “ele é um cara bem íntegro. Ele demonstra que é um cara amoroso, apaixonado, que respeita as mulheres e que também tem um amor pelo trabalho dele, pela profissão”. De quem menos gosta, são citados os vilões *machistas* Arnaldo (Antonio Calloni) e Vitor (Daniel de Oliveira).

Marcelo considera que o protagonista de *Rock Story*, o músico Gui Santiago (Vladimir Brichta), é um exemplo de bom pai. Apesar de ser divorciado e ter tido uma vida *conturbada*, ele era bom para os filhos. O cuidado, a sensatez e a ponderação são as características que nosso informante associa ao bom pai: “ele tenta passar algumas coisas boas pros filhos dele”. Em contrapartida, um mau pai seria aquele que abandona os filhos, como o Josivaldo (José de Abreu), marido de Maria do Carmo em *Senhora do Destino*. Este personagem, além de abandonar a família – surge anos depois para extorquir dinheiro da antiga mulher.

Referente a personagens elegantes, nosso entrevistado associa elegância não apenas as questões estéticas, como formas de se vestir e de falar, mas também a posturas éticas. Exemplifica com o personagem Caio (Rodrigo Lombardi) de *A Força do Querer*: “ele mostra que é um homem de palavra”. Quando o inquirimos sobre o vestuário, o informante menciona roupas sociais, como as do médico Renato da novela das 23h. Novamente, o jovem associa a elegância às disposições corporais, como formas de se portar, de agir e de falar: “ele se veste bem, tipo, com recato e também a maneira dele falar, as atitudes dele, a honestidade dele”.

O mesmo movimento ocorre quando questionado sobre personagens que considera vulgares: mais do que as formas de vestir e de se comportar, Marcelo associa vulgaridade àqueles com atitudes preconceituosas e machistas, citando novamente o marido de Maria do Carmo, Josivaldo (José de Abreu): “tinha uma parte que ele tá lá já com os filhos e tem a secretária, uma que trabalha na loja da Maria do Carmo, na parte administrativa, e aí ele começa a dizer que a mulher era burra, que não sabia decidir as coisas”. Outro personagem citado pelo mesmo motivo é o marido de Alice, Vitor (Daniel de Oliveira), em *Os Dias Eram Assim*: “ele também é machista e ele também tem várias mulheres, mas a mulher dele não pode essas coisas. Ele acaba sendo, com a atitude, vulgar, né. Claro, porque ele se veste bem, que ele tem dinheiro, tudo.”



As disposições corporais e o capital cultural são realçados pelo informante também no momento de citar personagens femininas elegantes. *A educação, o bom gosto e um lado com cultural* de Helô (Cláudia Abreu) em *A Lei do Amor* são as características que aparecem como sinônimo de elegância: “ela sabia se portar na frente das pessoas, dar bons conselhos, sempre tava alegre”.

Quanto à vulgaridade feminina, a promiscuidade é o comportamento mais problematizado por Marcelo. Uma personagem vulgar citada por ele foi Nazaré (Renata Sorrah) em *Senhora do Destino*, que “além de não ter um homem só, se vende pra poder se dar bem na vida dela”. Ele pondera, entretanto, que, na vida fora das telas, tem aprendido no ambiente universitário que não se deve julgar as pessoas, pois algumas se prostituem por falta de opção. Em contrapartida, entende – e de certa forma condena – aquelas que possuem comportamento promíscuo por gostarem e sentirem prazer e, novamente, recorre à Nazaré para se fazer entender: “ela já tinha uma estabilidade, uma família e ela tinha que continuar fazendo aquelas coisa, pra conseguir o que ela queria. Ela se relacionava com outros homens pra conseguir tudo o que ela queria. Ela banalizava as questões éticas de uma família, tudo. Ela desprezava tudo isso”.

Por fim, solicitado a opinar sobre a representação da homossexualidade nas novelas, Marcelo acredita que essa abordagem nas tramas é positiva. De acordo com ele, além de dar visibilidade para uma minoria e reforçar o respeito à orientação sexual dos sujeitos, as novelas relevam que existe o *homofobismo* – a partir de cenas com personagens gays que apanham ou que são ridicularizados. Para ele, a homossexualidade abordada nas tramas é verossímil ao que acontece fora das telas: “apesar de todos os avanço, dos pensamentos que tão mudando, ainda há esse desrespeito e isso tá sendo bem tratado nas novela”.

## 5.2 O TRABALHO (IN)DIGNIFICA O HOMEM

Fernando tem 35 anos e é natural e residente de Santo Ângelo<sup>19</sup>. Mora com a esposa Alice [nome fictício], com quem é casado há um ano, e com as cachorras vira-latas, Madonna e Shakira, em uma casa própria – localizada em um dos bairros mais populosos, na zona leste da cidade. Não possui filhos, mas, no decorrer da pesquisa, noticiou a gravidez não planejada do casal. Fez graduação em Processos Gerenciais e especializou-se em Telecomunicações. É

---

<sup>19</sup> Cidade da região noroeste do Rio Grande do sul, distante 450 km da capital Porto Alegre. De acordo com o último levantamento do IBGE (2017), Santo Ângelo possui uma população de aproximadamente 76.300 pessoas. A agropecuária é a principal atividade econômica do município.

batizado na Igreja Católica, mas se diz *aberto a todas as religiões*, frequentando semanalmente reuniões espíritas.

A esposa, farmacêutica, possui a maior renda salarial. “Uns quatro mil que ela ganha. Eu acho que é isso, porque nem isso ela me diz, mas ela ganha mais do que eu”. Acrescenta que o fato de não ser o principal provedor da casa não o incomoda, *de maneira nenhuma*. Salienta, não obstante, que as despesas fixas são divididas *meio a meio* e ele é quem *controla* os gastos gerais. O dinheiro excedente do salário da esposa, *ela usa pro consumo dela*. A experiência de ter morado em outra cidade por conta de um antigo trabalho – numa república compartilhada com outras cinco ou seis pessoas – o ensinou a ser cauteloso com as finanças: “Eu penso dez vezes antes de comprar alguma coisa, dez vezes”. O que para ele foi um aprendizado – *ter uma gordura pro inesperado do mês* – é compartilhado com a esposa, que, *tá se reeducando agora*.

Seus pais já estão aposentados. A mãe, de 73 anos, trabalhava como faxineira em uma fábrica da cidade. O pai, de 76 anos, era operador de máquina, *abria açude, abria estrada, fazia esse tipo de trabalho*. Ambos possuem baixa escolaridade. A mãe concluiu o ensino fundamental e o pai *fez apenas a primeira série*. O entrevistado e seu gêmeo são os mais novos de seis irmãos, sendo três homens e três mulheres.

Fernando costuma visitar semanalmente seus pais e também os de sua esposa. Não frequenta clubes ou CTGs e não pratica esportes – ainda que admita a importância disso para a saúde. Por conta do tempo *corrido*, suas atividades físicas restringem-se à manutenção da casa, como cortar grama, limpar o quintal, lavar calçadas e mais algumas tarefas domésticas. Não é filiado a nenhum partido político e também não escolhe seus representantes pela legenda: “não vou pelo partido, não tenho essa de ‘não gosto do PT, não gosto daquele outro’. Eu vou pela pessoa, pelo político, só que hoje em dia tá meio complicado. Parece que é uma organização criminosa”.

Solicitado a responder sobre o que costuma realizar no tempo livre (a partir de sete opções que lhe foram apresentadas) enumerou: 1) atividades de lazer; 2) atividades relacionadas ao trabalho – com a ressalva de que a esposa o *mandaria subir pra primeiro*; 3) estudar; 4) realizar tarefas domésticas; 5) descansar; 6) cuidados com saúde/beleza e, por último, 7) atividade para remuneração extra. Especificamente sobre as práticas de lazer favoritas, respondeu que “é assistir TV, ver filme e ficar em casa com a Alice”. Embora essa tenha sido sua primeira opção, o casal trabalha em turnos diferentes, sendo o final de semana, portanto, o tempo que desfrutam juntos.

Fernando se autossitua entre as camadas baixa e média baixa do estrato social: “Classe média baixa, que hoje nem existe... então eu sou pobre, pobre e feliz, porque eu não tenho

reservas, nem aplicações, mas tenho a minha casa, o nosso carrinho”. Para ele, a maturidade trouxe uma mudança na percepção sobre suas ambições de futuro. Se quando jovem o pensamento esteve voltado para o acúmulo de bens, hoje, talvez ciente da improbabilidade de uma grande ascendência social, convenceu-se de que a *felicidade tá nas pequenas coisas*: “tu poder receber os amigo, tomar uma cervejinha em casa, é isso”.

Ele se autodefine como *um cara trabalhador, uma pessoa focada no trabalho, que gosta muito de trabalhar*. Considera-se extrovertido, *mas não muito calmo*: “sou estressado, mas estressado com a vida, com a política. Não aceito, assim, o Brasil do jeito que tá”. Diz-se, ainda, ser *bastante família* e também *sempre disposto a ajudar*: “Os meus irmãos fizeram casa, eu ajudei, ajudei a fazer muro, então, a gente sempre tá se ajudando. [...]. Gosto de ajudar as pessoas. Uma vez por mês a gente cuida do pai da Alice, que tem Parkinson. [...]. A gente tá sempre junto, ajudando ele a tomar banho, se vestir, ir no banheiro, deitar, trocar fralda”.

### 5.2.1 Os modos de ser Fernando: socialidade

O que primeiro rememora da infância são os churrascos familiares no final de semana e a assistência do programa do Chacrinha na televisão. Por conta das constantes viagens do pai a trabalho – que ficava ausente por até 15 dias – a família *ficava o domingo inteiro em casa para aproveitar ele*. A relação que mantinha com a mãe era *de respeito*: “a gente sempre teve muito medo da mãe. Não tinha do pai, mas da mãe sempre teve, porque o laço pegava”. Com o pai, *sempre foi mais tranquilo*, isso porque, reconhece: “ele deixava tudo nas mãos da mãe”. Não teriam êxito os irmãos, portanto, se pedissem ao pai permissão para realizarem qualquer atividade, pois “ele sempre dizia: ‘a mãe de vocês tem autonomia pra prender e pra soltar”.

Ainda que enfatize a severidade da matriarca, Fernando se diz grato a ela pela educação recebida, pois, de acordo com ele, ela o *endireitou*. A criação que teve foi *muito boa*. Uma criação *militar*, de respeito às hierarquias: “‘eu mando, tu obedece e acabou’”. Essa pedagogia, avalia, foi profícua para a vida adulta, para o trabalho e também para os relacionamentos que teve. Para ele, os jovens são muito *questionadores, geradores de conflito* hoje em dia. E isso – interpretado como um desrespeito às autoridades – se reflete no comportamento atual dos alunos nas escolas: “Eu ia no colégio, eu tinha medo do professor, de me mandarem pra direção, de chamar meus pais. Os jovens hoje batem nos professor, dão na cara, atiram livro, uma falta de respeito! Essa hierarquia infelizmente se perdeu”.

Irmãos e irmãs tinham o dever de auxiliar na manutenção da casa. Essa atividade era elegida a partir de um critério de gênero. Às filhas, cabia a limpeza da louça e dos cômodos,

bem como a lavagem e secagem de roupas. Já os homens, respondiam pela manutenção da horta, faxina do pátio, lavagem do carro e pelo banho dos cães: “o externo era nossa função e dentro de casa era as guria”. Sua mãe incumbia-se da limpeza doméstica e também da preparação das refeições, durante as quais havia a obrigatoriedade de todos estarem sentados à mesa – e apenas o pai tinha um lugar estabelecido, *na cabeceira*.

Fernando acordava cedo para ir à escola e, após seu regresso, *trabalhava até as cinco horas nas função da casa*. Cumprida as tarefas domésticas, podia sair para divertir-se na rua com vizinhos, meninos e meninas, *todo mundo junto*. Suas brincadeiras preferidas eram esconde-esconde e jogar futebol e vôlei. Por volta das oito horas da noite, *voltava pra casa para fazer os tema*. Durante a semana, assistia *muito pouco* à televisão, *alguma coisa de novela*. Um programa de que gostava era o anime “Cavaleiros do Zodíaco”, exibido na extinta TV Manchete. Ele acompanhava a saga desses heróis mitológicos na casa de amigos, uma vez que *os pais deles eram mais liberal*. “Eles estavam em uma outra vibe, que ali na nossa ditadura não deixavam”.

Os pais de nosso entrevistado, porque *eles não tiveram oportunidade de estudar* – e vislumbrando um horizonte mais próspero aos descendentes – foram exigentes com os estudos. Cobravam frequência e dedicação, *nota não era o importante*. Quando relatavam dificuldades em alguma disciplina, eram impelidos pela mãe a chamar os colegas para estudarem juntos no final de semana: “Vai atrás dos teus colega, traz eles aqui, bota aí na mesa, vão estudar junto, [...]. Chama eles, senta aí, vão estudar, estuda no sábado, estuda no domingo”.

A liberdade para sair com amigos era *restrita*. Fernando podia jogar bola na praça, mas em horários determinados. “Se tu não aparecesse em casa em tal hora, podia ter certeza que ela (mãe) ia te buscar, não importava onde, [...]. Ela fez muito isso”. Havia também um controle rigoroso sobre o consumo de bebidas alcólicas e cigarro, *eram muito terrorista nesse sentido*. “A mãe monitorava, assim, chegava em casa e se falasse alguma bobagem, ela vinha e mandava: ‘dá uma baforada aqui, vamo ver se tu não bebeu!’”. Recorda-se de ter experimentado álcool por volta dos 16 anos, quando começou a frequentar festas.

Não houve aconselhamentos sobre carreira profissional. E o trabalho – e sua importância – foi assimilado já na infância, a partir de uma vivência marcada pela escassez de recursos. Fernando e os irmãos aprenderam *a se virar muito cedo*. “A gente via o pai trabalhar, chegar cansado. A minha mãe trabalhava o dia todo fora, vinha cansada, fazia comida, então a gente evitava de pedir alguma coisa pra ela não gastar”. Por volta dos dez anos, em busca de dinheiro *pra comprar as coisinha que queria*, começou a prestar algumas tarefas braçais: “A gente procurava o que fazer, descarregava caminhão de tijolo, descarregava areia, a gente sempre tava

fazendo algum serviço. Quando a gente não limpava o nosso pátio, a gente saía pra limpar o pátio dos vizinho”. Aos 15 anos, começou a dirigir *por necessidade*. Nessa idade, já trabalhava instalando antenas parabólicas. E como viajava bastante à serviço, teve de aprender a guiar o carro pra que seu colega pudesse descansar das exaustivas jornadas.

No âmbito familiar, ele e os irmãos também não tiveram orientações sobre sexualidade. DSTs, uso de preservativos, gravidez, nada disso. Como efeito, constata nosso entrevistado, sua irmã engravidou aos 15 anos. Esse episódio resultou na *fase mais conturbada* da família. Para além das complicações na gestação – a criança nasceu com problemas mentais – a irmã foi expulsa de casa pela inconformidade da mãe diante da gravidez precoce da filha.

A matriarca *sempre foi uma pessoa muito bruta*. “Se ela falasse pra ti de manhã que tu ia apanhar, tu podia fugir o dia inteiro, mas de noite tu apanhava. Se fosse dormir, ela te acordava pra te surrar, porque ela tinha te prometido surrar de manhã”. Esse comportamento, suscita o filho, descende de um passado de abnegações. *O pai dela foi muito ruim quando ela era criança*. Assim, ainda que admita a impetuosidade da genitora, nosso entrevistado reconhece nela a existência de afeto: “A gente sabia que ela era daquele jeito ali, dura, mas é da vida. Mas ela sempre tinha uma coisa boa pra comer em casa, ela sempre foi zelosa com isso. [...]. Ela nunca foi de ficar beijando, abraçando, ela tem uma sistemática diferente, mas a gente vê que tem carinho ali”.

Ao ser questionado sobre o maior ensinamento que recebeu em casa, Fernando diz ter aprendido sobre o valor da labuta/trabalho. “Minha família sempre foi muito trabalhadora, eu sempre escutei das pessoa: ‘ah, teu pai é muito trabalhador, tua mãe é muito trabalhadora’; ‘tu é filho do seu fulano? Ele trabalha que nem um condenado, bastante trabalhador, honesto’. Isso me incentivava bastante”. Buscando elucidar sua convicção, o informante recupera a fala de seu genitor: “Meu pai sempre disse – e diz até hoje: ‘não importa a roupa que tu use, importa se tu comprou com o teu dinheiro, se tu tem o teu dinheiro, se aquilo ali foi fruto do teu esforço, do teu trabalho, não interessa se está rasgada, se é nova, o que importa é que é fruto do teu trabalho, que tu foi honesto, que tu trabalhou”.

Quando indagado sobre o que a família ensinou acerca de ser homem, ele reitera a virtuosidade do trabalho árduo e honesto: “É mais ou menos isso, de trabalhar, de ser honesto. Isso minha família sempre trouxe, assim, não espere nada de mão beijada porque não vai acontecer, sem trabalho, sem esforço, sem dedicação. [...]. Então isso eu levo pra minha vida hoje, de me dedicar, de me esforçar”.

A formação escolar de Fernando deu-se em escolas públicas. Não frequentou creche e nem pré-escola, foi *atirado na 1ª série* de uma escola municipal do bairro. Na quinta série,

estudou no CIEP – não por escolha, mas pela falta de vaga no colégio estadual próximo. Após um ano de espera, matriculou-se na pretendida escola e nela ficou até concluir o ensino médio.

Das lembranças desse período, recorda dos amigos, dos jogos de futebol, das visitas a pontos turísticos da cidade, das *traumáticas* vacinas feitas com pistolas de pressão e do leite de soja em saquinho - que ao contrário de todo mundo – ele *adorava*.

Avalia-se como um *médio aluno*, que, apesar de ter alguma dificuldade de aprendizado, era *esforçado*. Relata que o CIEP foi a instituição que mais possuía regras. *Era tudo sincronizado*. Havia fila e horário certo para as refeições, escovação dos dentes, entrada e saída das salas. Duas vezes ao dia, perfilavam e cantavam o hino nacional. Esse *patriotismo* era prestigiado por nosso entrevistado. Tal sistemática não se aplicou na escola posterior. O funcionamento *era mais autodidata*, numa lógica de  *siga o fluxo e se enturme*. Enturmou-se, fez amigos – que mantém até hoje – e conheceu a esposa, que foi sua colega por cinco anos.

Nesse período, entretanto, também presenciou e protagonizou muitos conflitos, que iam desde a participação no movimento grevista dos professores até brigas com alunos da escola. Neste caso, assegura que o principal motivo advinha da necessidade de interromper os ataques simbólicos a que ele e o irmão gêmeo eram submetidos: “Eu e meu irmão era sempre os menor da turma, então, brigava por imposição, assim, de não sofrer bullying, não sofrer maus-trato. [...]. A gente sempre foi unido nesse ponto, se acontecesse alguma coisa com um, o outro ia ajudar a defender. [...]. Então a gente tentava se impor nos colegas pra não ficar pra trás dos outros, pra não ser discriminado, não ser rejeitado pelos colega”.

Sobre esses constrangimentos, explica que eram oriundos, inicialmente, do fato de terem vindo de uma escola julgada como precária. Ademais, as coerções eram reforçadas pelo baixo capital social de que dispunham no novo ambiente escolar: “A gente começou a estudar com pessoas maiores, mais instruídas, porque antes a gente estudou no município, e quando a gente caiu no Estado, a gente era bobinho, assim, o pessoal tava num outro patamar, de se enturmar”.

Outro motivo que suscitava o comportamento hostil dos colegas fundamentava-se na aparência de *estilo próprio* que possuía: “Quando a gente era adolescente, eu e meu irmão tinha cabelo comprido, então a gente sofria bastante com isso, só que a gente nunca pensou em cortar o cabelo porque tava sofrendo bullying. A gente se impôs: ‘Esse é o nosso jeito e vocês vão aceitar ou vai ter porrada todo dia’”. Fernando acrescenta, ainda, que sempre foi *diferente* dos colegas. Além do cabelo, usava brinco e tinha a unha do mindinho comprida: “Eu deixava a unha crescer. Daí eu comecei a pintar de preto e começaram a incomodar. Daí, quer saber, um dia eu furei, botei um brinco, um pedrinha na unha”. Apesar de admitir que era *meio marginalizado* por conta do visual, afirma que isso não prostrava sua autoestima: “Eu sempre

fui seguro, não importava o que falassem. [...], isso não me atingia. Sei lá, foi bom pra criar casca, resistência”. Talvez porque, como reconhece em outro momento, esse estilo *atraia a atenção feminina*.

Sobre o relacionamento entre os diferentes sexos no período escolar, nosso entrevistado percebeu que, a partir da sétima série, já havia divisão entre meninos e meninas. “As meninas iam falar de namorado, se reuniam em locais diferentes e a gurizada queria mais jogar futebol, brigar, jogar truco”. Na educação física, entretanto, os esportes eram praticados em conjunto – com exceção do futebol de salão – que, por *ser muito bruto* era segregado. Fernando considerava-se um bom atleta, sendo sempre um dos primeiros escolhidos do time, principalmente, do futebol.

Nunca se inspirou, argumenta, em alguém da escola para forjar sua identidade masculina. “Eu tinha meu estilo próprio, eu nunca gostei dessa coisa de ‘Ah, eu me inspiro em fulano, o jeito de andar, o cabelo’. Não tinha isso”. Informou, também, que não se deixou influenciar pelo consumo de marcas: “a gente nunca tinha dinheiro e depois que eu comecei a trabalhar eu sempre fui meio pão-duro, assim, de guardar, eu não queria gastar em tênis de marca. O meu tênis tinha que tá limpo, agora, se era um tênis velho, rasgado, isso não importava”.

Na oitava série, quando tinha 14 anos, já exercia a profissão de instalador de antenas. Em vista disso, quando concluiu o ensino médio, conseguiu dispensa no exército: “O quartel nunca foi uma coisa que me chamou atenção, eu ia perder um ano ali, então eu fui bem sincero lá na apresentação, falei que não queria, que eu tava trabalhando e fui dispensado”. Fernando é contra a obrigatoriedade do alistamento militar, mas ressalta a importância da disciplina e da responsabilidade fomentada nas forças armadas.

“Trabalhar pra ter um dinheirinho, pra ajudar em casa, pra se manter”. Foi isso que levou Fernando a procurar emprego precocemente. Parte do que ganhava, somado com a ajuda fornecida pelos irmãos (todos trabalhavam), era destinado à compra de comida e pagamento de despesas da família. Permaneceu no primeiro emprego por dez anos. Após esse período, ingressou no ramo de telecomunicações, passando por três empresas até chegar a atual. Ainda no mesmo segmento, trabalha hoje com manutenção de equipamentos de transmissão de dados.

As maiores dificuldades que encontra no exercício dessa atividade são as pressões sofridas para o cumprimento de metas, o desgaste físico pelos longos deslocamentos, a falta de horários definidos, os constantes plantões e as viagens em condições climáticas adversas. Em 2011, sofreu um acidente de carro à trabalho: “Um carro vinha fazendo uma ultrapassagem e me bateu na lateral. Ele foi pro acostamento, mas me enroscou na lateral e me jogou pra pista

contrária, daí eu bati de frente num outro carro”. Quebrou o braço e teve fratura vertebral por compressão, ficando seis meses de licença médica. Na primeira semana após o término desse prazo, voltou a fazer viagens: “Não tive readaptação do trauma, nada disso”.

Afora o estresse do trabalho, Fernando diz gostar do que faz. Apesar disso, questionado sobre a possibilidade de exercer outra profissão, manifesta o interesse pela engenharia elétrica. A relação com a equipe de trabalho *é bem tranquila*. Não possui colegas mulheres. E o motivo para isso, ele acredita, é por uma *questão de risco*: “A gente vai em lugares perigosos, com incidência de roubo, assalto, violência. Acho que por isso a política da empresa de não pegar mulher pra trabalho de campo”. Todavia, defende que ambos os sexos podem desempenhar qualquer atividade, *sem problema nenhum*.

Interpelado a opinar sobre a condição na qual mulheres abrem mão de suas carreias para dedicarem-se ao cuidado dos filhos, Fernando considera isso *uma escolha pessoal*<sup>20</sup>, avaliando-a como algo positivo. Ele rechaça a ideia da existência de certa imposição velada a todas as mães: “Não, eu acredito que seja uma escolha. Até porque tem creche pra botar, tem meios pra continuar trabalhando e tem mulheres que têm filho e trabalham normal”. Quando questionado se abriria mão da própria carreira para cuidar da família, pondera: “dependendo da dificuldade dos filhos, abriria, sim, com certeza. Se tivesse algum problema”. Fernando não defende que ao homem recaia o papel de ser o principal responsável pelo sustento da casa: “Sinceramente, não. O ideal é os dois trabalhar”.

Ao ser indagado sobre a importância do trabalho na vida do homem, nosso entrevistado é incisivo: “O trabalho na minha vida é muito importante. Eu sou uma pessoa que gosta de trabalhar, eu sou focado no trabalho. Eu gosto de levantar de manhã e ir trabalhar, ter um trabalho. Eu sou grato, assim, por ter uma trabalho bom, que eu gosto de fazer. Costumo fazer o meu melhor pra preservar ele”. Ainda que enfatize o apreço pela profissão, para ele, a prioridade de um homem deve ser a família: “A família tem que ser prioridade, porque emprego a gente arruma outro, amigos a gente arruma outros, agora, família, filho, pai, mãe, irmãos, esses é pra vida toda”.

### 5.2.2 Os modos de Fernando perceber o gênero

---

<sup>20</sup> Passados alguns meses da entrevista, obtive a informação de que a esposa de Fernando, mesmo sendo a que recebe o maior salário do casal, decidiu afastar-se do mercado de trabalho pelo período de um ano, para dedicar-se aos cuidados do filho recém-nascido.



Fernando sai para trabalhar todos os dias às sete e vinte da manhã e – quando não está em viagem – retorna ao meio dia para almoçar. Ao chegar em casa, a esposa está preparando o almoço. Ele, então, dá uma *auxiliada nela*: “ajudo ali, organizo a mesa, faço o suco”. Após a refeição, lava a louça e, enquanto a esposa seca, aproveita para dar uma *olhadinha* no “Globo Esporte”. Pouco depois das 13h, saem juntos para o serviço. A esposa trabalha até as 22h e ele até por volta das 20h, apesar dos permanentes plantões. Desse excesso de trabalho – e horários indefinidos, resultam os desentendimentos do casal: “A única coisa que a gente briga é por causa do horário do trabalho. O cara chega em casa, mas tá com o Whatsapp ligado e o trabalho continua. Essa é uma coisa que ela questiona bastante: “tu tá em casa, mas tá trabalhando igual””.

Ele define-se como um *bom marido*, pois *ajuda* na manutenção da casa: “A Alice limpa a casa uma vez por semana e lava roupa umas duas vezes por semana, lava não, né, bota na máquina. É simples. E eu mantenho, tiro o pó, passo a vassoura, passo um paninho durante a semana para manter, recolho a roupa, limpo as calçada. A garagem é comigo, o pátio, cortar grama, podar árvore”.

Fernando presume que o matrimônio aguçou seu senso de responsabilidade. Quando solteiro, costumava jogar futebol e tomar cerveja com os amigos depois do expediente. Após os votos, considerou que houve uma *mudança de pensamento*, uma vez que voltou-se mais para o coletivo – o que implicou em uma nova rotina: “Hoje, tenho que sair do trabalho e ir pra casa, dar uma limpada, ir cortar grama ou passar no mercado, que eram responsabilidades que quando tu mora sozinho, ou com teus pais, tu não tem”.

Para ele, as melhores coisas do casamento envolvem a cumplicidade e o companheirismo na prática de ações corriqueiras: “ter alguém para conversar, pra sair, se divertir, assistir um filme, pra te escutar e tu poder escutar a pessoa também. Isso é o mais legal, a parceria”. As piores, referem-se às *cobranças*, especialmente resultantes da imprevisível agenda de trabalho: “Essa noite eu saí pra trabalhar era meia noite e, tipo, era um serviço que era pra demorar 10 minuto e eu só consegui chegar em casa às seis e meia da manhã. Ela me ligou umas 20 vezes eu acho. Então, tipo, essa é a parte menos legal, de ter que explicar. Claro, tá certo que ela também não dorme, preocupada. Então esta é a parte chata, de ter que explicar e da pessoa também não entender muito, né”.

Ele reconhece na esposa muitas qualidades, das quais ressalta a determinação, a afetuosidade com a família e a habilidade na comunicação. “Ela é uma pessoa esforçada, uma pessoa companheira, ela é muito família, é muito unida com os irmãos dela, com os pais, com todo mundo. [...]. Está sempre disponível pra te escutar, sabe como dar bronca, não é uma

pessoa que se exalta, tem traquejo nas palavras, assim. Ela sabe colocar as palavras certa na hora certa”. Em contrapartida, aponta alguns defeitos, como a falta de pontualidade e a implicância pelo excesso de trabalho: “se não for alguma coisa que o trabalho exija, eu sou uma pessoa extremamente pontual e a Alice, não, cara. Ela se atrasa pra caramba (risos). Ela marca quatro hora, mas quatro hora ela vai tomar banho recém. [...]. Ah, ela pega no meu pé, que eu trabalho muito, que eu não dou a devida atenção por causa do trabalho. Isso aí ela reclama bastante. O que não é um defeito, é uma verdade também”.

Nosso perfilado não vê problemas naqueles (as) que optam pela vida de solteiro (a). Pondera que, talvez por medo, possam estar abrindo mão de novas experiências. Contudo, acentua que o casamento não é regra e nem caminho único para a felicidade: “Se você me perguntar se eu sou feliz casado, eu vou dizer que eu sou feliz casado. Agora, se o cara é feliz sem ser casado é opção dele, eu respeito. [...]. Esses dias eu tava assistindo uma reportagem em que a mulher não tinha filhos, não era casada e era super feliz, bem resolvida, tinha uma outra filosofia de vida, entendeu? ‘Ah, vou viajar, vou conhecer o mundo’, e não tem o filho, não tem o casamento”.

Posiciona-se contrariamente à infidelidade. Acredita que quem trai, *pune* mais a si do que a outra pessoa, que não está ciente do que acontece. Embora julgue a traição indefensável, especula que os motivos que levam homens e mulheres à relações extraconjugais são distintos. Segundo ele, as mulheres são mais envolvidas pelo *sentimento* e os homens *deixam-se levar pelo simples momento*, decorrente de um impulso fisiológico primitivo: “É mais fisiológico do que emocional, essa é a diferença. [...]. A mulher é mais envolvida pelo sentimento, pelo tratamento que tu tem com ela, do que o homem, que é mais pelo prazer mesmo, são mais primitivo”.

Fernando acha *bastante antiquada* a frase “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Para ele, é preciso intervir em casos de agressão: “Tem que se meter, sim. Vou ver, vou escutar o meu vizinho agredir a minha vizinha e não vou fazer nada? Vou, cara. Se eu escutar e ver que ele ou ela estão sofrendo, eu vou interferir, com certeza”.

Nosso entrevistado ainda não possui filhos. No entanto, noticiou com entusiasmo a descoberta da gravidez da esposa no transcorrer da pesquisa. Ele assegura que será o melhor pai possível, procurando ser *amoroso* e *bem dedicado*. No entendimento dele, criar um filho é uma *provação*, “tu ter aquele ser ali e tu poder doutrinar ele para ele ser uma boa pessoa”. De acordo com ele, bom pai é aquele que ensina *a forma correta da vida*, “que vai ter fracasso, que vai ter vitória, que o mundo não é do jeito que a gente quer”.

Para ele, não existe um maior responsável em casos de gravidez indesejada, pois “sozinho ninguém faz filho”. Ele defende que a educação dos descendentes deva ser uma tarefa coletiva e é contrário à ideia de papéis definidos de pai e mãe nessa criação. “É no andar da carruagem que as melancias se ajeitam. [...]. Como é que a criança vai fazer a pergunta e eu vou dizer: ‘ó, filho, isso o pai não pode te responder, tu vai ter que esperar a mãe chegar’. Não tem porque ter distinção”.

Dos ensinamentos herdados quando pequeno, pretende compartilhar a importância da coparticipação na administração doméstica: “ah, responsabilidade, ter tarefa, pequenas tarefas, de organização, de limpeza, de não ter desperdício, desperdício com água, que a minha mãe sempre me falou desde que eu era criança, não deixar luz ligada, essas pequenas coisas”. E daquilo que não aprendeu em casa – educação sexual – informa que vai *ser diferente*: “Ter sempre no pai um suporte, mesmo que aquilo ali não caia muito bem pra ti como pai, mas é bom tu saber do que ficar sabendo mais tarde ou depois de acontecido alguma coisa mais grave. Ter um canal sempre aberto, né? Que é o que eu não tive com meus pais. Sabe, não ter aquele medo, aquele receio que a gente tinha com os pais da gente”.

Questionado se a criação de meninos e meninas deve ser diferenciada, alega que não. Na opinião dele, todos devem ser educados da mesma maneira. Reiterando a pergunta de forma mais objetiva, se ele irá interferir nas escolhas de brinquedos e tipos (e cores) de roupa que os filhos (as) poderão usar, mantém-se convicto: “Essa liberdade a criança tem que ter. Tu não pode: ‘ah, filho, não brinca com boneca que isso é coisa de menina’. Sabe, isso vai muito da criança. A criança vai fazer suas seleções naturais sozinha. Não precisa ter interferência do pai ou da mãe. Como eu fiz as minhas escolhas, meus filhos terão a liberdade de fazer as escolhas deles<sup>21</sup>”.

Se o ponto de vista referente à educação dos filhos tende a ser mais liberal, o mesmo não acontece em relação ao aborto. Exceto em *situação extrema*, como estupro ou diagnóstico de anencefalia, nosso entrevistado posiciona-se contrariamente a essa prática: “se a gravidez veio, aquilo ali é uma coisa que tu tem que passar, é um fardo que tu tem que suportar, eu acho que não tem por que abortar a criança, porque se tu fez foi por consentimento, e outra, se vier, não pode escolher de passar por isso ou não”. Indagado se esse *fardo* não recai, acima de tudo, sobre a mulher – uma vez que muitos homens não assumem a paternidade, ele argumenta: “Sim,

---

<sup>21</sup> Alguns meses após a entrevista, Fernando e a esposa postaram no Facebook uma foto do “chá de bebê” que realizaram em casa, para anunciar a chegada do filho. Na imagem, pôde-se observar que toda a decoração do evento era na cor azul.

mas aí tu pode gerar a criança e dar a oportunidade de alguém adotar. Deixar a criança ter um futuro, porque não parte mais da tua escolha, é muito egoísmo achar que ninguém vai querer”.

Para Fernando, ser homem pressupõe dispor de valores como cordialidade e respeito, *principalmente com as mulheres*. Esses foram ensinamentos adquiridos pela família e que nosso entrevistado traz para si. Para ele, as melhores coisas em sê-lo é a possibilidade de conquistar precocemente a *autonomia* para uma vida social – singularmente a noturna (festas e bares), e ter menor preocupação com segurança (assaltos e assédios). As piores coisas, em contrapartida, são as pressões para uma rápida inserção no mercado de trabalho. Seus maiores medos, hoje, consistem em não conseguir educar *para o caminho do bem* o filho que está para nascer. Admite, porém, que antes dessa condição de futuro pai, sua resposta seria outra: “Eu provavelmente ia falar que é a questão da falta de emprego<sup>22</sup>”.

Ele alega nunca ter sido coagido a provar sua valentia, mas admite que *sempre teve* competições dessa ordem, principalmente na escola. Nesse mesmo ambiente, embora também anuncie que não se deixou persuadir, relata a existência de *brincadeiras* acerca da virgindade: “Eu não tive essa pressão, mas, assim, na escola o pessoal tem, é claro. Sempre tem o mais velho que vai fazer a frente, que vai falar pros outros, né. Mas pressão, cara, pelo menos pra mim, nunca tive, mas tem sempre aquela brincadeira no colégio”. Sua primeira relação sexual aconteceu quando tinha 15 anos, *bem velho*, com uma colega de escola. Questionado se achava mesmo tardia essa idade, limitou-se a responder que sim.

Em sua concepção, as mulheres detêm a habilidade de administrar muitas tarefas ao mesmo tempo, ao passo que os homens são mais *limitados*. Essa restrição masculina, no entendimento dele, é forjada na cultura: “mulher trabalha, cuida casa, cuida dos filhos, cuida dos cachorros e o homem cuida só do pátio, do trabalho. Ele não consegue fazer multitarefas. Não é que não consiga, né? A mulher tem mais domínio da situação, de ter isso pra fazer. O homem, não, é mais limitado, mas também é uma coisa cultural, né, de educação. É educado a não ajudar a lavar a louça, não limpar a casa”. Outra diferença apontada por Fernando – só que esta circunscrita no campo biológico – é a disparidade de força física entre os sexos: “a mulher não tem força igual à do homem, mas é só corporal”.

A natureza também não legitima o comportamento violento do homem. *É de criação*, argumenta nosso informante: “É a criação que torna. [...] É a mesma coisa da pessoa ser racista.

---

<sup>22</sup> De acordo com Raewyn Connell, “o desejo de um melhor equilíbrio entre trabalho e vida é comum entre homens trabalhadores. Por outro lado, onde há altos índices de desemprego, a falta de um trabalho remunerado pode exercer pressão deletéria sobre homens que cresceram com a expectativa de se tornarem provedores” (Connell, 2016, p. 105).

Tu não nasce racista, tu não nasce violento. Tu se torna com os exemplos, com as atitudes de quem tu te espelha, é isso que te torna mais violento, menos violento. [...]. Porque se tu tem uma criança, uma menina, e ela chega em casa e o coleguinha mordeu ou bateu, o pai não vai falar: ‘vai lá e revida’, mas pro menino, sim: “amanhã se ele vier fazer, tu bate nele”. Não é? É uma coisa de criação. Então, a criança não nasce violenta, ela se torna pelos exemplos”.

Segundo ele, os homens também são culturalmente orientados a não demonstrar seus sentimentos: “tu se torna, mas não que tu nasça assim”. Apesar disso, acha *normal e bonito* homens que não escondem seus sentimentos e choram. Ele próprio já chorou *muitas vezes*: “Eu choro, fico triste, cara, com a violência, quando eu vejo notícia muito triste, quando algum amigo meu falece. Então tem vários momentos em que eu fico triste e choro. [...]. Eu choro até assistindo TV, no “The Voice Kids” (risos)”.

A expressão “eu te amo” não é comum no repertório de nosso entrevistado. Assim como não faz uso de abraços e beijos para demonstrar os sentimentos por quem ama: “Eu costumo demonstrar ajudando, fazendo reunião em casa, chamando meus irmãos, meus amigos. Então eu tô sempre envolvido com eles pra tentar manter o laço. [...], esse tipo de reunião eu acho que demonstra que tu ama as pessoas, né, mas, agora, abraço, beijar, eu não fui criado nesse sistema, então não tenho esse costume”.

“É errando que se acerta”. Essa é a opinião de Fernando sobre mulheres que já tiveram muitos parceiros. Em casos de estupro, ele entende que a culpa está sempre no agressor: “Não é questão do comportamento da mulher. O problema tá com o agressor, não com o agredido. [...]. Se a pessoa não está bem mentalmente, tu pode tá de burca, isso não vai mudar, até porque senão não teria nos Emirados Árabes, na Palestina”.

Ele não se considera machista. Para ele, são assim denominados aqueles que proíbem suas mulheres de sair, não as deixam trabalhar e controlam o tipo de roupa que podem usar. Inquirido a opinar sobre o feminismo, posicionou-se drasticamente contra o movimento: “vou ser bem sincero, eu acho que é uma forçação de barra. Não é tudo o que parece. Parece, assim, que é uma moda. É uma moda ser feminista. [...], estão usando a mídia só pra se promover. Eu não vejo objetivo nenhum. A bandeira que elas levantam não tem finalidade, acho até meio bobo. [...], indo pra rua com os cartaz, eu não vejo um objetivo claro na causa, entendeu? [...], ‘ah, eu uso o que eu quero, saio como eu quero’, [...], mas agora, a coisa concreta, assim: ‘vamos fazer uma ONG, vamos fazer alguma coisa pra mudar’, isso eu não vejo, eu vejo só reclamar”.

Acerca da homossexualidade, Fernando posiciona-se de forma mais condescendente. Acredita que as pessoas já nasçam com essa condição, todavia, elas são submetidas a uma vida de clausura por uma sociedade discriminatória: “geralmente o homossexual é diferente desde

criança, só que a sociedade faz a pessoa esconder aquilo, ainda que hoje em dia está mudando, né. Esses dias meu colega comentou comigo: ‘como pode, de uns anos pra cá, a juventude tá virando tudo gay’. Cara, não é a juventude, sempre foi assim, só que as pessoas se escondiam numa carapuça que não era tua, tu vivia uma vida que não era real. [...], casava, tinha filho e era infeliz. Fazia as outras pessoas infeliz”.

Ele defende que casais homossexuais tenham os mesmos direitos legais que os heterossexuais e não vê problema em demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo: “acho normal, não tem problema nenhum. [...], tipo, se o cara é gay, se a mulher é lésbica, o que tu tem a ver com a vida dela? Não muda nada. É a mesma pessoa, ela vai conversar contigo do mesmo jeito, sabe. [...]. O pior é tu disfarçar uma coisa que tu não é pra contentar outras pessoas”. Ele acredita, ainda, que as novelas não possam interferir na orientação sexual de quem as assiste, sequer de crianças: “a novela trata com mais naturalidade. [...]. É uma bobagem, é ridículo: ‘meu filho virou gay por causa da novela’. Ah, vá se catar!”

Referente ao corpo, os cuidados de Fernando com a saúde giram em torno de uma alimentação *regrada*, através do consumo de frutas, legumes e verduras. Ele não fuma e bebe esporadicamente, geralmente nos finais de semana. Não pratica exercícios físicos para além do serviço de jardinagem que realiza em casa. Todo ano, por exigência da empresa em que trabalha, faz exames de saúde preventivos.

Com relação a aparência, proclama não ter nenhum cuidado. “Corto o cabelo e a barba porque cresce (risos)”. Ele não se considera um homem vaidoso: “eu não tenho problema de sair descabelado, desarrumado, sair de bermuda, de pé descalço. Não tenho vaidade com o cabelo, fazer aqueles topetezinhos, passar gel”. As roupas que veste, são escolhidas, sobretudo, a partir da anuência da esposa: “A maioria quem escolhe é a Alice. Tipo, a gente sai junto pra comprar roupa, [...]. Ela diz: ‘essa sim, essa não’.

Para ele, homem vulgar é aquele que assedia mulheres: “é o cara que sai e fica de olho comprido para cima das mulheres, fazendo piadinha, isso pra mim é vulgar. Cara que faz piada na rua com mulher, que buzina, isso eu acho muito feio, muito chato, sem noção”. Já a mulher vulgar é aquela que faz *escândalo* na rua. Em geral, são *espalhafatosas* e brigam em espaços públicos. Quanto à elegância, Fernando a associa a mulheres e homens do setor corporativo. “Mulheres que trabalham em escritório, assim, com roupa social. Essas eu acho elegante [...]. O cara de terno, eu acho legal também, que se veste bem, assim, com gravata, tipo advogado”.

Nosso entrevistado considera que a mulher de aparência ideal é aquela que possui traços orientais. Ele identifica na esposa *um lado mais japonês* que lhe agrada. Indagado sobre como um homem deveria aparentar, tergiversa: “homem não tem que ter aparência nenhuma (risos)”.

Na avaliação dele, não são bonitos (as) quem excede na musculação: “parece que desfigura a pessoa, sabe. O cara fica com o pescoço do tamanho da cabeça [...]. Eu acho esquisito, feio. Eu tava olhando esses dias as reportagem da Gracyanne Barbosa. Cara, aquela mulher parece um monstro, as veias aparecendo. Aquilo é bom só pra pegar um acesso, não precisa nem de garrote”.

Fernando não mudaria nada em seu corpo, *mesmo que pudesse*. Ele não se diz contrário às intervenções cirúrgicas estéticas, até apoiaria a esposa caso ela realizasse alguma. Contudo, esses procedimentos são por ele considerados uma *bobagem e perda de dinheiro*. “É meio esquisito né, cara, tu mascarar a idade. [...]. Esses dias tava comentando com a Alice, da Anitta, a cantora. Cara, ela era bonita, agora ela parece um monstro. Botou enchimento na boca, sei lá. Parece que um marimbondo mordeu. Ela tinha um narizinho redondinho, [...], agora parece o Michael Jackson”.

### 5.2.3 O consumo cultural e midiático de Fernando

Referente ao consumo de cultura culta, Fernando não possui o hábito de frequentar espaços artísticos, como exposições, apresentações teatrais, museus, espetáculos de dança e shows musicais. No último ano, entretanto, assistiu às apresentações finais da turma de balé das sobrinhas pequenas. Além disso, recordou-se de ter ido ao festival Canto Missioneiro<sup>23</sup> há dois anos, no teatro municipal da cidade. A última vez que compareceu o cinema<sup>24</sup> foi em 2016, quando assistiu à comédia nacional “Minha Mãe é Uma Peça 2”.

Nosso entrevistado não costuma ler revistas impressas, mas, aos finais de semana – quando visita os pais, acompanha os acontecimentos da região através da leitura do jornal “A Tribuna<sup>25</sup>”. Uma coluna de opinião sobre os bastidores da administração pública é o que mais lhe desperta interesse no periódico. Quanto à leitura de livros, a prática é frequente, de duas a três vezes por semana. O gênero preferido é literatura espírita. O último título lido foi “Iluminate”, psicografado por Divaldo Franco.

Nos finais de semana – e em dias de jogo do Internacional – Fernando ouve rádio. Costuma acompanhar as partidas de futebol pela Rádio Gaúcha (Grupo RBS). Nos churrascos

<sup>23</sup> O Canto Missioneiro é um festival anual de composição musical com temática nativista. É considerado um evento tradicional na cidade de Santo Ângelo (RS).

<sup>24</sup> Inaugurado em 1958, o Cine Cisne é um resistente cinema de rua (e único) de Santo Ângelo. Atualmente, conta três salas de exibição, com capacidade de 130 lugares cada.

<sup>25</sup> “A Tribuna” é o mais antigo jornal em circulação em Santo Ângelo e o único de periodicidade diária. A cidade ainda possui outros dois jornais: “Jornal das Missões” (trissemanal) e “Jornal O Mensageiro” (bissemanal).

dominicais, todavia, escuta música *gauchesca* e sertaneja na rádio local, ainda que expresse preferência pelo rock.

O uso da Internet é diário. O trabalho é o principal local de acesso, sendo que a conexão é feita por smartphone e, principalmente, pelo laptop da empresa. Em casa, o consumo se dá majoritariamente pelo celular. A conta do Facebook é compartilhada com a esposa e o Whatsapp é, sobretudo, utilizado para fins profissionais. As atividades preferidas na Internet são as pesquisas por tutoriais de instalação e conserto de mobílias: “Eu uso a Internet para praticidade, assim. Eu já consertei a geladeira pela Internet, micro-ondas, a descarga do banheiro”. Fernando também faz uso da internet para assistir aos capítulos das novelas que não conseguiu acompanhar pela televisão: “Eu olho as novela que não consegui assistir ou o que vai dar de interessante na novela eu olho ali também durante o dia. ‘Ó, a Irene [personagem da novela *A força do Querer*] vai morrer’. Eu já tava sabendo antes”.

Nosso investigado não possui acesso à TV paga, mas usufrui do serviço de streaming da Netflix. O tempo diário dedicado à televisão gira em torno de três horas: “Geralmente, meu horário de chegar em casa é às sete e meia. Aí eu chego, brinco um pouco com os cachorro e pelas oito e meia eu vou comer e ligo a TV pra assistir à novela e esperar a Alice chegar”. Após a chegada da esposa, costumam realizar outras atividades, como leituras, conversas sobre o dia, fazer o Evangelho no Lar, acessar a Internet. Após o banho – e pouco antes de dormirem – assistem à televisão no quarto por cerca de uma hora.

Os três gêneros televisivos preferidos de nosso entrevistado são, respectivamente: esportes (futebol, Fórmula 1 e UFC), filmes e telenovelas. Ele informa não possuir nenhum canal de televisão favorito, mas os mais assistidos são, *infelizmente*, a Globo e a Rede Record (essencialmente pelo “Programa do Porchat”). Ao ser interrogado sobre o porquê de referir-se à emissora carioca de tal maneira, explica: “A Globo tendencia, influencia, infelizmente influencia na política, né, na cultura. [...]. Incitaram o povo ir pra rua. Tu via a Globo contra o PT, a Globo fez filmagens e monitoramento do vandalismo e da população na rua. Era uma cobertura 24 horas. [...]. Daí, do Temer, o povo foi pra rua também, só que a Globo filmou só uns fragmentos. Entendeu? Eles distorcem um pouco a situação e injetam aquilo ali no povo”.

#### **5.2.4 Os modos de Fernando ver e ler a telenovela: ritualidade**

Fernando gosta de ver novelas desde pequeno, mas não se considera um fã desse produto midiático: “até porque não morro se eu não assistir. Tipo, essa semana eu assisti, mas semana passada acabei não assistindo, só o que a Alice me contou, mas não sou fã”. No entendimento



dele, muitos homens não revelam que assistem às novelas por preconceito, uma vez que, para muitos, *novela é coisa de mulher*. Essa concepção, compreendida como uma *bobagem total* é, para nosso entrevistado, também *mentirosa*, pois, ainda que o homem não veja com alguma regularidade, ele *tá a par* do que está acontecendo: “Eu vejo que quando alguém comenta de novela ‘bah, eu não assisto’, mas aí tu começa a comentar e ele: é, pegaram e assaltaram mesmo e tal’. Na verdade, é um tipo de preconceito, né.”.

O que mais aprecia nas tramas é a possibilidade de conhecer outras culturas e o que menos gosta é a capacidade delas em influenciar crianças a partir das más condutas que exhibe: “Eu vejo a cena [de *A Força do Querer*] e eu vejo as criança brincando com arma assim, mesma coisa que os traficante fazem no morro. Lá na minha sogra, os meus sobrinhos, eu vejo eles fazendo as mesmas atitudes ou falando as mesmas coisas que os cara falam na novela, os maus exemplos. Isso aí eu acho que influencia bastante”.

Por trabalhar em um turno distinto do da esposa, a assistência costuma ser solitária e é feita na sala (fotografia 3), com exceção da novela das onze - horário em que ambos estão em casa e assistem juntos no quarto do casal (fotografia 4). Durante a exibição da novela das 21h, costuma fazer a última refeição do dia e, às vezes, enquanto lava a louça, apenas escuta a novela.

Fotografia 3 – Fernando acompanha as novelas na sala enquanto aguarda a esposa retornar do trabalho



Fonte: Acervo pessoal do informante

Fotografia 4 – Na companhia da esposa, Fernando assiste às tramas das 23h no quarto do casal



Fonte: Acervo pessoal do informante

No transcorrer da pesquisa, Fernando acompanhava as histórias de *Novo Mundo*, *Os Dias Eram Assim* e *A Força do Querer*, todas telenovelas da Rede Globo transmitidas em 2017. Os temas abordados nesta, conforme assinala, eram: o tráfico de drogas – *como é que uma pessoa do bem vira bandido*; mudança de sexo e compulsão por jogo. A cena que mais o marcou foi a do enterro de um policial, morto em emboscada. “No funeral, mostrou quantos policiais morreram de verdade esse ano no Rio de Janeiro”. Incitado à citar outras cenas que lhe chamaram atenção, acrescentou as incursões da policial Jeiza (Paola Oliveira) na favela e a *mudança da Ivana* (Carol Duarte), quando começou a tomar hormônios por conta própria.

Acerca da problemática em torno da personagem Ivana, reconhece nela a possibilidade de ampliação do debate sobre as questões de gênero. “Faz com que a gente enxergue por outros caminhos, né. Por exemplo, uma coisa que eu vejo é que quando começam a falar na novela dos tema de lésbica e gay, a gente tem um certo receio assim, mas daí isso começa a ser do cotidiano, que nem a filha da mulher que limpa lá na empresa. A filha dela é casada com outra mulher e não muda nada, eu tenho bastante convivência com ela. [...]. Ela tinha relacionamento com outro sexo, daí todo mundo tratava ela normal. Agora que ela assumiu, eu vejo assim que alguns não conversam mais com ela. Cara, ela continua sendo a mesma pessoa, entendeu? Só mudou a opção sexual dela, mas eu sinto que tem pessoas que têm uma certa resistência”.

Para Fernando, ainda que as novelas sejam uma ficção, elas correspondem à realidade. “Existe a Bibi [Juliana Paes], né, existe compulsão por jogo. Aquilo ali é identificado nas pessoas”. Na descrição dele, Bibi é uma mulher que se envolve no tráfico de drogas influenciada pelo marido. “É bem isso o que acontece na maioria dos casos”, complementa.

Na opinião dele, o que é representado nas tramas pode influenciar no comportamento de quem as assiste: “uma jovem vendo a Jeiza pode querer ser uma policial, por causa da postura, da integridade dela, como pode também se influenciar e ser uma Bibi ou uma Ritinha da vida”. Ele admite, outrossim, que as novelas já lhe serviram de suporte na (re)construção de sua visão de mundo: “Em *Os Dias Era Assim*, cara, eu refleti bastante, porque eu sou um defensor do regime militar, eu era, até assistir à novela. Agora eu tenho outro ponto de vista, da repressão, dos inocente. Por um lado, o regime militar foi bom, pra manter a ordem, a segurança, mas tinham pessoas que não tinham o mesmo intuito, queriam machucar, ofender, se beneficiar com aquilo. Então, tu abre uma percepção mais ampla do que realmente era, o que foi. Por mais que seja uma ficção, aquilo ali retrata a realidade do que foi o regime militar”.

Indagado sobre ter vivenciado alguma situação retratada na telenovela, nosso entrevistado avista uma correspondência entre sua trajetória de aspirante a jogador de futebol com a história de Jorginho (Cauã Reymond), de *Avenida Brasil*. “Uma coisa que eu lembro, que me remete a uma coisa parecida comigo é o da novela do Tufão [Murilo Benício], quando o Jorginho queria passar lá na peneira e não conseguia. É um episódio que retrata a minha vida também. Fiz bastante peneira pra jogar futebol”.

Para ele, as telenovelas o ajudam a repensar o homem que é, principalmente no enfrentamento dos próprios preconceitos acerca das dissidências sexuais e de gênero: “A última novela agora [*A Força do Querer*] mostrava bastante da mudança de gênero, que era uma coisa que eu não sabia e julgava sem saber, de transformista, travesti. Eu julgava sem conhecer como é que aquilo ali acontecia. A novela me ajuda, assim, pra dizer que muitas vezes eu estou errado”.

Assente, também a partir da ficção, que amplia o conhecimento sobre outras culturas: “Eu acho legal tu poder conhecer um pouquinho dos outros países pela novela, né, que foi o caso de *Caminho das Índias*, [...]. Viajar para outro lugar sem sair de casa”. Além disso, a teledramaturgia o ensina a compreender melhor o ser humano, *as diferenças*: “A novela acaba ensinando, né, a postura com outras pessoas, como se comportar. [...]. A novela ensina bastante a poder confrontar as pessoas sem ofender. Ensina mais que a escola, eu acredito que ensina mais que a escola”.

Inquerido a descrever como são representados homens e mulheres nas histórias vistas com maior assiduidade – *A Força do Querer* e *Os Dias Eram Assim*, Fernando constata a existência, na primeira, de uma equiparidade na apropriação dos espaços públicos: “Eu vi bastante, assim, igualdade entre homem e mulher, fazendo atividades parecidas, que geralmente é de homem, a policial que lutava UFC, a própria Bibi, de se envolver com tráfico”. Quanto à segunda, reporta que as mulheres eram reprimidas pelo corpo social da época: “Eu via, assim, que toda mulher que tentava se sobressair, ter voz fora de casa, era perseguida e vista pela sociedade como algo diferente, estranho”.

Segundo Fernando, o empresário Eurico (Humberto Martins), em *A Força do Querer*, representava um homem machista, pois tentava controlar a mulher e a filha, e maltratava quem pensasse contrariamente a ele. Além disso, o personagem era *preconceituoso e homofóbico* na leitura de nosso entrevistado.

Sobre a representação da paternidade, Vitor (Daniel Oliveira), em *Os Dias Eram Assim*, era visto com um mau pai, pois agredia a mãe na frente das crianças e as ensinava *tudo de ruim*, inclusive a usar armas de fogo. Em contraposição, o médico Renato (Renato Góes), na mesma trama, é reportado com um *pai tão bom*, que gostava da criança antes mesmo de saber que o filho era seu.

Nosso informante reconhece na protagonista Maria do Carmo (Susana Vieira), em *Senhora do Destino*, as características de uma *mãezona*: “Ela tava sempre perto dos filhos, dava proteção pra eles, queria achar a filha perdida. É o exemplo de uma boa mãe”. Já sua oponente, a vilã Nazaré (Renata Sorrah), era uma *péssima* matriarca na compreensão dele: “ela roubou a menina da Maria do Carmo na maternidade e matou os maridos para não descobrirem”.

Fernando alegou não se identificar com ninguém das tramas que estava acompanhando. Entretanto, rememorou a história de Santo (Domingos Montagner), em *Velho Chico*, e informou *se espelhar* na trajetória desse personagem: “Ele foi um cara de persistir no trabalho, de trabalhar, de mudar a ideologia, porque ele trabalha com plantação e daí resolveu plantar uva, fazer irrigação. Foi o pioneiro de irrigar a terra. [...]. Ele era um cara que não pensava só nele, gostava de ajudar a comunidade, do cooperativismo. Era um personagem marcante”. Quanto à desidentificação, cita o delegado Amaral (Marco Ricca), em *Os Dias Eram Assim*, e o operário Leonardo (Jackson Antunes) em *A Favorita, que bebia e batia na mulher*. Ele reporta a dificuldade em conseguir assistir às cenas de tortura protagonizadas por aquele personagem: “Ele agredindo os presos lá, usando artifícios, aquilo não faz parte de mim. Eu não conseguia nem ver as cenas dele”.

Para nosso informante, é importante que as telenovelas retratem a violência doméstica em suas narrativas, porque isso é a realidade de muitas famílias. As tramas, nesse sentido, servem para *instruir* as pessoas, encorajando-as na denúncia contra seus agressores. Seu ponto de vista muda, de outra parte, quando o assunto são as cenas de sexo. Ele é convicto da banalização e explicitude da prática sexual na teledramaturgia. “Eu acho que é muito explícito, cara. É muito explícito. E assim, não é a cena de sexo em si, mas a banalização do sexo pelas novelas, sabe, tá muito escancarado, [...]. Tu passa pro jovem que: ‘ah, seu eu pegar AIDS, não tem problema, tem coquetel’, sabe? ‘Ah, saiu com o fulano, não deu certo, na outra semana já tá com outro, depois já aparece outra pessoa’. Parece que aquilo ali é tão natural”.

Provocado com a proposição de que isso seria um retrato da realidade, Fernando replica: “Não era pra ser, né, mas a novela ensina a ser. Cria tendências, né? Como a novela cria pro lado bom, com roupa, corte de cabelo, como se vestir, tem o lado ruim, né. Pode ser a realidade dos jovens agora, mas é um exemplo ruim”. Um raciocínio semelhante é empregado na contestação da representação da infidelidade: “Parece ser tão comum, né? Traição parece ser uma coisa tão banal, parece ser do cotidiano, assim, tão natural”.

Fernando elege o Secretário de Justiça, Caio (Rodrigo Lombardi), em *A Força do Querer*, como um modelo de elegância masculina. Os critérios utilizados para essa nomeação foram a honradez – “ele tinha um princípio, ele era correto” – e a vestimenta formal do personagem, que usava terno e gravata. Nilo, o *pai do lixão* (José de Abreu) em *Avenida Brasil*, contrariamente, corresponde à representação de um homem vulgar. Esse personagem é descrito por nosso informante como um cara *dissimulado*, que manipulava e extorquia dinheiro das pessoas por meio de chantagens.

Referente à elegância feminina, a personagem citada foi a *socialite* Kiki (Natália do Vale) em *Os Dias Eram Assim*. “Por mais que o marido fosse um cavalo, ela se portava bem, se vestia bem, era elegante no modo de falar, no tom de voz de falar, tratava bem as pessoas, sabe, tinha um modo de enxergar a situação sempre por um lado positivo, era uma pessoa diferenciada”. Já a vulgaridade da mulher, era representada na figura da *loirinha briguenta*, Carine (Carla Diaz), em *A Força do Querer*. Fernando justifica essa escolha “pela provocação, ela dava em cima do marido da outra, queria tomar o lugar da Bibi, fez de tudo pra tomar e tomou”.

Questionado se modelos e comprimentos das vestimentas seriam indicadores de vulgaridade, ele responde que *roupa é o de menos*. Como argumento, alega que Kiki era *super elegante* mesmo quando ia à praia com traje de banho. Ademais, “a Bibi se vestia mais ou

menos do mesmo jeito que a Carine e não era vulgar, porque o modo de se portar, o jeito, não era de uma pessoa vulgar, de falar”.

Fernando nega que já tenha se inspirado em algum personagem para compor seu visual. “Eu não me influencio por isso. Tipo, de olhar e querer fazer igual, deixar a barba crescer igual o cara, fazer cabelo com nozinho, não, não. Não me pega aquilo ali”. Para ele, isso acarretaria na perda da própria personalidade, “que é muito forte, por sinal”. Não obstante, insinua que as mulheres são mais suscetíveis a esse tipo de influência: Eu vejo que a mulherada é mais focada nisso, né. ‘Ah, tô usando a pulseirinha da Paola Oliveira’ [...]. A Alice [esposa] é influenciada nas pequenas coisas, assim, batom, esmalte de unha. Eu lembro que a Giovana Antonelli era delegada na novela [*Salve Jorge*], lembra? Ela usava todo dia uma cor diferente de unha. Aquilo ali era uma moda. A Alice vinha todo dia com a unha pintada de um jeito”.

### 5.3 A ILUSÃO DE QUE SER HOMEM BASTARIA

Gustavo tem 49 anos e é natural e residente de Santa Maria (RS). A vida toda morou na região central da cidade, mudando-se de casa apenas uma vez, aos cinco anos de idade. É divorciado há 12 anos, mas *não no papel*, e mora com a mãe, de 88 anos, e com a filha adolescente, de 16. Possui formação em odontologia, mas não trabalha na área atualmente. O concurso para o cargo público em que estava empossado havia três anos foi suspenso e, presentemente, aguarda resultado de recurso judicial para outra nomeação. A mãe é professora estadual aposentada e a filha é estudante secundarista em uma escola pública da cidade. Embora não exerça atividade remunerada no momento, é o principal responsável pelo sustento da família devido às economias acumuladas ao longo de 26 anos de carreira.

É batizado, comungado, crismado e casado na igreja Católica e acredita *bastante* no espiritismo de Alan Kardec. É devoto de Santo Expedito, Menino Jesus de Praga, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora Medianeira, São João da Cruz e Teresinha do Menino Jesus. No último dia vida de seu pai, rezou para todos esses santos – mas ao contrário do que vinha fazendo até então – pediu para ele *partir*. “Eu via que ele tava sofrendo, ele teve um AVC, não ia ficar bom. Aí eu rezei para ele morrer [...]. E aí quando eu terminei a oração eu falei assim: ‘pai, já pedi pra todo mundo te receber bem lá pra onde tu for. Tudo o que tu tinha que pagar, tu já pagou aqui nesse um ano que ficou mexendo só os olhos. Eu vou cuidar da mãe, não se preocupa com ela, pode ir tranquilo’. E daí foi incrível, porque ele tava inconsciente, aí ele olhou prum vazio e morreu”.

Além de frequentar mensalmente a igreja – e de tomar passe no centro espírita quando a semana está *pesada*, também acompanha, anualmente (e desde que nasceu), a mãe na Romaria da Medianeira<sup>26</sup>, que cumpre promessa pela sobrevivência do filho: “Ela teve bastante problema, não para engravidar, mas para ter os filhos. Ela teve seis natimortos, assim. E aí eu fui o sétimo. Coitada, né? Viado e gordo”.

Gustavo têm outros três irmãos – de lado paterno, dos quais só tomou conhecimento quando o pai foi hospitalizado: “Ele teve uma amante durante vinte anos. [...]. O pai era taxista. Era bom pra ele, porque daí ele conseguia manter as duas mulheres sem minha mãe saber. [...]. A gente só descobriu quando o pai ficou doente, porque daí ela começou a ir no hospital”. A relação com esses irmãos é *normal*, mas de pouco vínculo: “eles vieram porque queriam a parte deles na casa, né, aí eu comprei a parte deles [...], tive que trabalhar para pagar a casa que seria só minha, mas não levo isso muito em conta. É mais o fato de que não se criou um afeto de irmão entre nós”. Questionado sobre como foi a reação de sua mãe diante dessa descoberta, testemunha: “foi horrível, mas ela foi muito forte. Ela cuidou dele como se nada tivesse acontecido. E olha que ela é leonina, né, mas ela ficou pra ela aquilo e cuidou dele. Nossa, admiro muito minha mãe por isso também”.

A experiência da religiosidade faz parte da vida de nosso perfilado, embora se diga crítico do catolicismo. Os principais dogmas contestados por ele referem-se a crença de que *só a morte separa*; a prática celibatária e abominação à homossexualidade. No tocante ao celibato, questiona a veracidade da abnegação dos prazeres sexuais. Esse posicionamento é endossado a partir da evocação de experiências íntimas: “Eu já fiquei com dois padres. [...]. O primeiro cara que eu fiquei estudava para ser padre e hoje é padre em outra cidade. Esses dias ele me achou no Facebook e me fez uma proposta para eu ir morar com ele, que ele me sustentava, tipo, ia continuar sendo padre e eu seria o marido do padre”.

Quanto à homossexualidade, opõe-se à arbitrariedade da prática sexual unicamente procriativa: “Eu não acredito que tu tenha que levar uma vida de merda pra conquistar o reino de Deus. Ele não ia criar alguém para que sofresse a vida inteira. Ele não ia colocar isso [homossexualidade] na tua vida pra que tu nunca pudesse sentir a satisfação sexual e sentimental plena”.

---

<sup>26</sup> A Romaria de Nossa Senhora Medianeira é uma das principais celebrações religiosas do Rio Grande do Sul. Estima-se que 300 mil fieis percorram os três quilômetros da procissão – entre a Catedral Metropolitana, no centro da cidade, e o santuário da Basílica da Medianeira.

Apesar de consciencioso acerca desses contrassensos cristãos, ratifica a força do *habitus*<sup>27</sup> ao reconhecer a dificuldade em superar alguns dos preceitos da salvação: “Eu fui criado para ser católico. [...]. A gente não se desvincula do que a gente aprendeu a vida inteira, né, assim como não se desvincula da mãe totalmente, do que a mãe ensinou, por mais que tu saiba que tá errado, a gente tem que agradar a mãe a vida inteira. É por isso que eu digo que sou católico. Eu tenho medo de não ser mais católico e depois eu morrer e ir pro inferno”.

Gustavo possui uma vida pública ativa. Frequenta diariamente um clube recreativo da cidade. Nesse espaço, além de confraternar com amigos, realiza atividades físicas, como musculação e dança, e joga vôlei. A prática desse esporte, ainda que não seja tão assídua, é considerada sua atividade de lazer favorita. As idas a bares são mais espaçadas, em torno de uma vez por mês. Essa também é, em média, a periodicidade com que frequenta CTGs. Ele não participa das atividades da entidade tradicionalista, acompanha unicamente as apresentações de dança da filha nas internadas artísticas<sup>28</sup>.

É filiado ao PSDB há 10 anos – com a justificativa de ter recebido uma *lavagem cerebral* na época, mas alega não ter nenhum partido ou ideologia política de preferência hoje em dia. Não integra nenhum grupo sindical ou movimento social. Considera-se pertencente à classe média, por possuir plano de saúde privado, ter uma *casa boa*, um *carro bom*, poder sair para almoçar e frequentar o clube. Racionaliza, não obstante, que apesar de certo *conforto*, não pode *esbanjar* dinheiro. A filha frequenta escola pública, “e para ela fazer cursinho, vou ter que estar trabalhando de novo”, prenuncia.

Gustavo se autodefine como um *cara comum*, *normal*, em conformidade com o *padrão da sociedade*: “me dou com as pessoas, tenho uma turma de amigos, ando vestido de acordo com a moda, me comporto como tudo mundo se comporta”. Contraditoriamente, julga-se tímido e *extremamente inseguro*: “eu acho que a minha timidez vem da insegurança, de tu não saber se vai ser aceito. Se tu souber que vai ser aceito, tu perde a timidez”. Considera-se bem

---

<sup>27</sup> Um dos conceitos centrais na teoria de Pierre Bourdieu, o *habitus* é concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (na sociedade) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (BOURDIEU, 2011, p. 164). Compreendido como “estrutura social tornada estrutura mental” (WACQUANT, 2017, 214), o *habitus* resume não uma aptidão natural, mas algo que é socialmente incorporado. Por esse motivo, apesar de durável, ele não é não é estático. As disposições podem ser contrariadas ou mesmo desconstruídas frente a novas forças externas. Contudo, apesar de mutável, o *habitus* tende à reprodução na medida em que sua transformação ocorre a partir de práticas forjadas a partir das estruturas sociais que já o moldaram, operando, assim, “como um prisma através do qual as últimas experiências são filtradas e as subsequentes disposições são sobrepostas (daí o peso desproporcionado dos esquemas implantados na infância” (ibidem, p. 215).

<sup>28</sup> Nos CTGs, a internada artística corresponde ao departamento de danças tradicionalistas da entidade. De acordo com a idade dos integrantes, as Internadas são divididas em Mirim (até 12 anos), Juvenil (até 16 anos), Adulta (acima de 16 anos), Xiru (acima de 30 anos) e Monarca (acima de 60 anos).



humorado e também *pavio curto*: “eu estouro por pouco, mas, em compensação, eu falo o que tem que falar e se tiver que pedir desculpas eu também peço, não tenho problema com isso”.

Observa a si mesmo como um profissional *médio*: “não gosto muito de ser dentista. Eu faço as coisas que têm que fazer, mas não seria a profissão que eu escolheria hoje”. Em contrapartida, avalia-se como um pai *sensacional*: “O que eu sou melhor na vida é ser pai. Eu sou muito bom como pai, como filho eu sou bom, mas não tão bom como eu sou como pai. [...], no sentido, assim: sou carinhoso, eu sou participativo, sou presente e cobro. Se tiver que xingar eu xingo e se tiver que mostrar o que tá errado de uma maneira mais severa eu vou fazer”.

Ele constata já ter sido *bem preconceituoso*, embora hoje admita reconsiderar essa postura: “eu tô me esforçando pra ser bem menos do que eu ainda sou. Como a minha vida seguia tudo certinho, como tinha que ser os padrões, eu achava que todo mundo tinha que seguir. Na verdade, eu acho que tinha um pouco de inveja de quem não seguia e era feliz”.

Impelido a pormenorizar seus preconceitos, reconhece: “Eu sou bem racista com ciganos. [...]. O primeiro edifício daqui [do quarteirão] era de ciganos, aí a casa do lado era de ciganos e a casa que dava de fundos também era. Eu odiava eles e o cigano velho, dono de tudo, ele saía correndo atrás de nós, porque a gente tava jogando bola e fazendo barulho. [...]. Então eu tenho meio que um nojo assim. Na rua, eu vejo aquelas ciganas que vêm ler a mão e já saio de perto. [...]. Eu digo que não sou racista, porque com negros eu não sou, mas com ciganos eu sou. Índios eu também não tenho problema nenhum”.

Quanto aos gays afeminados, manifesta: “nem era preconceito, era medo de que me identificassem, tipo: ‘se eu der oi pro fulano, vão me vincular a ele’”. E isso me importava, me importava muito, porque iam descobrir quem eu realmente era. [...]. A gente sempre se importa com a opinião das pessoas. Isso demora pra cair e se cair totalmente um dia<sup>29</sup>. Não sei se vai acontecer, mas, enfim, a partir do momento que a sociedade sabe, que todo mundo sabe de mim, todo mundo em termos, né, porque a minha mãe, oficialmente, não sabe, eu me sinto mais evoluído nesse sentido de que cada vez eu me importo menos”.

### 5.3.1 Os modos de ser Gustavo: socialidade

---

<sup>29</sup> Esse pensamento vai ao encontro de que é abordado por Eve Sedwick em *A epistemologia do armário* (2007). Conforme a autora, o “armário” é um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas, que concerne aos heterossexuais privilégios de visibilidade e hegemonia de valores. Segundo ela, “há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comodidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

As visitas à tia nos pampas e o encantamento com o mar na infância são as primeiras reminiscências recuperadas por Gustavo. Recorda-se da vizinha – que o defendia quando a mãe *brigava* com ele, e também de acompanhar novelas e séries na televisão: “eu sempre assisti novela e lembro que eu amava, assim, não saía de casa para assistir Mulher Maravilha, com a Lynda Carter”. Ele avalia a genitora como *superprotetora* e rígida: me cobrava bastante coisa, [...]. Eu tinha que ser o perfeitinho, o menino ideal. Era horrível. [...]. Eu não podia ser mal criado com ninguém, eu tinha que cumprimentar todo mundo”.

Com efeito, avalia que a pressão em corresponder tais expectativas, sobretudo as depositadas pela mãe, podem ter culminado em um tique nervoso que perdura ainda na vida adulta: “isso me incomodava muito e aí eu me criei com um pânico da mãe falando a meu respeito: ‘porque o Gustavo é maravilhoso, porque o Gustavo é isso, é aquilo’. [...], talvez meu cacoete seja em função disso, de eu ter que corresponder aquilo. [...], e eu culpo muito ela hoje, assim, por algumas inseguranças”. Com o pai, que trabalhava fora o dia inteiro, a relação era mais *tranquila*: “ele era mais camaradão, assim. O pai queria me mostrar as coisas, queria me ensinar as coisas e, às vezes, ele não podia por causa da mãe”.

Não havia muitos conflitos na família. Os poucos desentendimentos restringiam-se à *arrumação* da casa: “mas era só me olhar mais feio que eu já ia arrumar”. Ele qualifica como boa a educação recebida pelos pais – apesar dessa condicionante de ter de ser o *mais educadinho*. As regras centravam-se em fazer juntos as refeições; conservar a limpeza da casa e dormir e levantar cedo: “me sinto culpado até hoje se acordo tarde”, desabafa. A mãe era responsável pelo preparo das refeições. Antes de sair para o trabalho – ela lecionava à noite – já deixava pronto o jantar, cabendo ao pai apenas aquecê-lo posteriormente.

A família possuía um aparelho televisor, que ficava no quarto dos pais. Ele costumava assistir aos filmes da Sessão da Tarde e as novelas de Vale a Pena Ver de Novo. Quando começou a estudar a tarde, acompanhava as tramas exibidas na TV Mulher: “Era tipo Vale a Pena Ver de Novo, só que de manhã, que foi quando eu assisti *Irmãos Coragem*, de 1973. [...]. Eu sempre fui muito noveleiro”. À noite, assistia à televisão na companhia do pai. Recorda-se que, muitas vezes, *pegava no sono* e sua mãe, após retornar do trabalho, o acordava para que escovasse os dentes e o levava para o quarto.

Ao completar 15 anos, Gustavo pediu uma televisão de presente, mas ganhou um aparelho de som no lugar, *daqueles três em um*. Ele próprio, então, comprou uma TV a partir da administração parcimoniosa das mesadas que recebia. Não havia controle de horário e nem da programação que podia assistir: “eu fazia o autocontrole das coisas que eu não queria ver”. Lembra-se de ter visto “*Psicose*” quando era *bem pequeno* – e de ter se assustado com o filme

– e também dos clássicos em preto e branco, que passava nas madrugadas da Rede Globo: “Era um telecine Cult em TV aberta. Eu adorava, ficava a madrugada toda olhando: “O Morro dos Ventos Uivantes”; “Ana Karenina”; “A Dama das Camélias”, os da Greta Garbo eu ficava louco; Montgomery Clift; Elizabeth Taylor, eu adorava; “Um lugar ao sol”, que é um clássico do George Stevens”.

Quanto à organização da casa, *tudo tinha que ser impecável*. A mãe fazia a limpeza, “mas a gente ajudava”, intervém. A logística era concebida em conformidade com os ditames sociais de gênero: “limpar o pátio, usar mangueira, essas coisas era o pai. A mãe era dentro de casa”. A ele, cabia a tarefa de tirar o pó dos móveis. Com relação aos estudos, informa que os pais não precisavam ser exigentes, porque ele sempre fora dedicado.

No tempo livre, Gustavo *olhava muita TV* e brincava com os amigos vizinhos. A turma era *grandona*, composta principalmente de meninos, e se autodenominava *a gurizada da rua*. As principais atividades do grupo eram: jogar taco, brincar de esconde-esconde e de polícia e ladrão (a preferida dele). A sólida amizade, infere, o impediu de sofrer agressões na escola: “ter essa turma me livrou de muito bullying na infância. A gente ia junto e voltava juntos do colégio. Era sempre, no mínimo, uns quatro. Uma vez tinha um cara que bateu em mim e num amigo meu e daí, no outro dia, nós fomos em dez pra aula”.

Foi nesse círculo de amizade, também, que teve suas primeiras experiências sexuais na pré-adolescência: “Nós tinha uma galerinha, era uns seis, sete, que comiam o mesmo piá. [...]. Ele era afilhado da mãe e, que a gente saiba, hoje ele não tem nenhum relacionamento homossexual, só heterossexual. [...]. Era toda a rua, assim, se escondiam: ‘ah, vamo brincar de se esconder?’ Aí tinha uma construção e iam ali, ia um e depois o outro, depois o outro”. Segundo ele, nessas práticas havia, acima de tudo, uma *curiosidade* com o despertar da sexualidade: “Não tinha prazer, entendeu? Assim, algum devia ter, mas não era aquela coisa. Nem gozar, não gozava, entendeu. Tinha aquela coisa de ficar mexendo no pau, mas não era assim, uma relação sexual”.

Questionado se tal rotina fomentava o preconceito dentro do grupo, assegura: “Não, nenhum, não, não, nenhum. A gente terminava ali e nós brincava igual depois”. Gustavo relata que a amizade mantém-se entre todos até hoje e que, provavelmente, só ele próprio seja homossexual. Acresce, no entanto, que desde a repressão familiar dos envolvidos com a descoberta, nunca mais comentou-se sobre o assunto: “quando descobriram, meu Deus, eu queria morrer, eu não conseguia olhar pra mãe. [...]. Descobriram, alguém contou e aí nos

cagaram de pau<sup>30</sup>. [...]. Foi um horror, aquilo foi traumático. [...]. A mãe dele prendeu ele em casa e deu uma tunda de pau nele, e a gente ficou tudo de castigo”.

A família de Gustavo não o aconselhava sobre sexualidade. Talvez pela falta de estímulos dos pais ao diálogo, sentia-se constrangido em abordar ele próprio essa questão. De mesmo modo, encabulava-se com o desenvolvimento do próprio corpo: “Eu não tinha liberdade de falar muito com nenhum dos dois. Eu morria de vergonha de falar qualquer coisa. Pior era pra mãe, mas nem com o pai eu falava. [...], tipo, aquela coisa de acordar de pau duro, assim, eu não ia na cozinha de jeito nenhum. Eu molhava os pulsos, fazia de tudo para, sabe, pra passar. [...]. Eu lembro uma vez que eu fui treinar pra beijar e eu beijei o braço e ficou aquele roxo e eu morri de vergonha. Escondi aquilo que eu mesmo tinha feito”.

Habilitou-se motorista aos 24 anos, *bem tarde* em sua compreensão, dado que: “normalmente os gurizinho hétero querem dirigir cedo”. O aprendizado deu-se somente em autoescola. Argumenta que o pai, taxista, não o ensinou com receio de danificar o instrumento de trabalho: “Ele sempre dizia assim: ‘o dia que tu quiser dirigir tu vai pagar uma autoescola, sai mais barato pra mim do que tu estragar meu carro’”.

Gustavo também não se recorda de aconselhamentos familiares quanto ao uso de bebidas alcóolicas ou cigarros. Ainda assim, menciona que não os consome. Rememora que a primeira vez, das poucas que bebeu, foi em uma festa da faculdade: “eu fiquei bêbado, mas eu fiquei muito alegre, aproveitei bastante, assim, mas o tempo inteiro muito consciente do que eu tava fazendo. Eu tinha muito medo de fazer coisas que me revelassem. [...]. Imagina, eu não sabia o efeito que o álcool ia causar em mim. Vai que eu soltasse a franga”. Essa racionalidade do consumo, adverte, não era o único motivo para não beber: “Eu não bebia também porque eu nunca gostei do gosto. Eu odeio o gosto da cerveja, eu odeio o gosto até de Champanhe. [...], mas, que eu tinha esse temor quando eu bebia, para nunca perder a consciência, eu tinha”.

Em casa, não passou incólume à educação idealizada para rapazes: “teve essas coisas assim: menino não pode brincar de boneca, tem que ser amigo de menino, tem que jogar bola”. Quanto aos ensinamentos acerca de ser homem, destaca o incitamento às condutas protetiva e provedora: “me ensinaram, assim, que tu tem que fazer as coisas, tipo, proteger, que é tu quem troca pneu, tu tem que sustentar a família, [...]. Eles me diziam ‘tu tem que garantir, se ela tiver e te ajudar, melhor, mas quem tem que garantir é tu’”.

A formação escolar de Gustavo, tanto a básica quanto a superior, deu-se em instituições públicas. O ensino fundamental e médio foram realizados em diferentes escolas, que ele as

---

<sup>30</sup> Expressão comum no dialeto gaúcho para referir-se a uma surra violenta. Também são comuns expressões como: “tunda de pau” e “tunda de laço”.

qualifica como *boas*. Ele gostava dos professores e dos colegas, *de forma geral*, “porque sempre tem aquele colega que tu não gosta”. Autoavalia-se como um *ótimo* aluno – ainda que conversasse durante as aulas: “eu era aluno de fundão com características de primeira classe”. Nosso informante *adorava* as regras da escola. Fazia fila, cantava o hino, usava uniforme todos os dias. Nos desfiles de sete de setembro, *sonhava* em carregar a bandeira nacional, fato que não chegou a acontecer.

Na oitava série, teve *um problema* com um colega: “ele pegava muito no meu pé. Talvez por eu ser gay, não sei. Ele nunca falou isso. [...]. Ele competia comigo por causa das notas, porque ele era todo certo e eu era o todo errado que tirava nota boa. [...], ele começou a implicar e eu não reagia. Aí foi um dia, dois dias, três dias, até que ele quebrou uma caneta e uma borracha minha na hora do recreio. Aí eu segurei ele e disse: ‘tu nunca mais não sei o que, não sei o que’ e ele caiu um tombo. [...], depois os meus amigos, pra me defender, combinamos que ia pegar ele na saída. Aí ele fugiu”.

Gustavo informa que não teve apelidos na escola e que também nunca os criou. Contudo, admitindo sentir remorso já na época, corroborava com os ataques simbólicos a um menino *mais sensível*, na intenção de que a própria homossexualidade não fosse deduzida: “Eu fazia parte da turma de quem tirava sarro e me sentia culpado. [...]. O sobrenome dele era Zimmermann e daí ele era todo delicadinho, assim, e aí a gente chamava ele de zimmermãe. [...]. Isso é uma coisa que me marcou muito, sabe, porque eu sempre tive muito medo que percebessem que eu era gay e ele, digamos, era mais gay, era mais bichinha, assim, nem sei se ele era gay, não soube mais dele, mas na época, ele era o mais sensível e aí eu ajudava a chamar porque tirava a atenção de mim”.

Ainda no ensino fundamental, nosso investigado pressupõe ter desenvolvido consciência de sua homossexualidade: “na sexta série eu tive minha primeira paixãozinha platônica. Assim, eu sempre tive aquela coisa de ter no colégio o melhor amigo, mas o melhor amigo era uma coisa além de ser melhor amigo, [...]. Eu me lembro que eu já olhava pras pernas do meu colega. Eu tinha noção, assim, sou gay, tipo, ‘eu gosto de olhar pra meninos’, mas ao mesmo tempo ‘não quero, não vou’, entendeu?”.

Essa autocensura desenvolvida, presume, possibilitou uma vivência escolar sem grandes perseguições: “Eu acho que ninguém nunca percebeu porque eu percebi e eu não mostrava, controlava ao máximo. Eu lembro que era assim, na educação física eu ia jogar futebol simplesmente porque eu não queria que percebessem que eu não gostava de jogar futebol. Eu não era ruim na zaga, mas eu não tinha técnica nenhuma, eu derrubava, eu tirava a bola dos cara. Então, eu odiava jogar futebol, mas eu não dizia, eu jogava. [...]. Eu sempre me cuidei

muito e aí não teve problema. Não era a cobrança externa, de fora pra dentro, era uma cobrança de dentro pra fora”.

A prática da educação física era o que menos gostava do período escolar: “no primeiro grau eu chegava a me esconder, assim, eu tinha o máximo de faltas que podia, eu fazia o máximo para não ir. [...]. Eu odiava correr, eu odiava tudo”. Alega que o motivo de tamanho desgosto era advindo da sentenciada falta de habilidade: “eu era o último a ser escolhido. Eu lembro que ganhei duas medalhas, uma de futebol e uma de handebol sem jogar e eu ficava torcendo ainda pra ninguém se machucar e deixar de ir”.

Meninos e meninas exercitavam-se separadamente – o que não era assentido por ele: “eu queria que tivesse as brincadeiras das guria na nossa educação física também. [...]. Elas brincavam de caçador, pulavam elástico, era o que eu queria (risos)”. Gustavo informa que não se inspirou na conduta de nenhum outro estudante para compor sua identidade, nem mesmo no tocante à vestimenta: “não tinha muito disso, era como o pai e mãe mandavam vestir. Não tinha muita modinha. Era um tênis, uma calça jeans, duas, três camisetas do colégio, uniforme”.

Na idade de servir ao exército, alistou-se e teve deferida a solicitação de adiamento – para após a conclusão do ensino superior, ingressando, por conseguinte, já como oficial. Ele julgava essa a opção mais acertada, visto que: “soldado sofre, né, mas como eu entrei como oficial, eles não podiam fazer nada comigo”. Para ele, o alistamento militar deveria ser opcional: “até porque hoje a procura é maior que a oferta”.

Logo após concluir a faculdade, Gustavo já trabalhava em um sindicato da cidade. Depois de apenas quatro meses, recebeu a convocatória do Exército e lá optou por permanecer oito anos. “Era um trabalho normal, só que ganhava melhor”, atesta. Durante esse período, além de adquirir experiência em sua área de formação – e de ter feito alguns amigos – testemunhou situações de abuso de poder e discriminação.

O primeiro caso relatado aconteceu em uma atividade de campo noturna. Na ocasião, um soldado não soube resolver uma equação matemática proposta pelo superior: “porque ele tinha pouco estudo e aí o tenente disse: ‘Abaixa aqui na minha frente’. Aí ele pegou a arma, engatilhou e deu um tiro do lado do ouvido do soldado. O cara pensou que ia morrer. Ele não enxergava onde tava a arma porque era muito escuro. Foi horrível”. Outro episódio que o marcou diz respeito a um soldado que chegou debilitado na enfermaria: “Um tenente falou: ‘o bichinha da quinta companhia tá aí na enfermaria’, aí eu fui falar, conversar com ele. [...]. Eu vi que ele era gay, assim, aparentava um pouco afeminado. Aí ele me contou que no campo os caras batiam nele, tiravam sarro dele, tipo, se alguém tinha que ficar fora da barraca era ele”.

Após esse período nas forças armadas, ingressou no serviço público – trabalhando em um pequeno município de fronteira. Uma vez por semana viajava de madrugada até uma outra cidade e lá aguardava carona de um colega de trabalho: “eu tinha que ir correndo até a casa dele pra não perder a carona, então eu não conseguia comer [...] e outra, a gente não tinha diálogo nenhum no carro. Aquilo era torturante pra mim. [...]. Quando eu chegava no posto, tinha aquele bando de gente esperando, porque eram umas dez fichas pra atender, [...]. Eu aguentei enquanto pude e daí eu saí. Pra piorar, ainda, eu posava no posto de saúde e no outro dia tinha que começar a trabalhar. [...]. Era horrível, eu entrei meio que numa depressão, assim. Foi lá que eu engordei a primeira vez na minha vida, cheguei a 115kg”.

O emprego posterior também era vinculado à outra prefeitura, porém de uma cidade mais próxima. Ainda assim, avalia como piores coisas os deslocamentos diários: “A estrada era estressante, assim, principalmente na volta, que era o horário que eu pegava o movimento das seis da tarde”. Questionado se já havia sofrido algum acidente de trabalho, informou ter se perfurado com uma agulha, após aplicação de uma anestesia. Mesmo que soubesse dos procedimentos de profilaxia pós-exposição, revela que os ignorou por conta da agenda de atendimentos: “Ah, vou parar de atender um monte de gente que tá esperando, aí vou ter que notificar, ir lá [...]. Eu achava que era muita frescura”.

Gustavo admite que não gosta do que faz: “Não sei se algum dia eu gostei”. Se pudesse exercer outra atividade, gostaria de ser preparador de misses ou psicólogo: “Acho que seria a coisa que mais me daria prazer, embora psicologia é uma coisa que me atrai muito também”. Para ele, a importância do trabalho está apenas em *ganhar dinheiro*: “se não fosse por isso, eu não trabalharia [...], tanto que o meu sonho era ganhar na Mega-Sena e viver o resto da vida de renda”.

Nosso investigado gosta de trabalhar com colegas mulheres e não acredita que deva existir uma divisão sexual do trabalho: “qualquer um pode trabalhar em qualquer coisa”. Quanto às mães que abrem mão de suas carreiras para dedicarem-se aos filhos, posiciona-se favoravelmente – desde que a decisão seja da própria mulher. Adverte, no entanto, que a consequente dependência financeira poderá acarretar insatisfações emocionais: “aí eu vou depender pra comprar um absorvente e precisar pedir dinheiro pro cara e o cara vai me encher o saco. Isso é uma merda, mas se ela tá feliz em pedir dinheiro e se encontrar um marido que, tipo: ‘toma, tu vai ganhar uma mesada, não precisa fazer nada’, perfeito!”

Gustavo contesta a prescrição social de que o homem deva ser o provedor da família, ainda que confidencie não conseguir transgredir esse postulado: “eu carregava essa carga em mim, eu carrego essa carga em mim. Eu me coloco essa responsabilidade por, talvez, todo

mundo ter me colocado essa responsabilidade na vida, mas eu não acho que o homem tem que ser. Se a mulher for a que sustenta a casa e o marido o que fica em casa, eu acho que não tem problema nenhum”.

### 5.3.2 Os modos de Gustavo perceber o gênero

Gustavo casou-se em meados dos anos 1990. Passada pouco mais de uma década dessa união, separou-se da mulher, mas não oficialmente, “e nem vamos”, complementa. Conheceu a esposa no trajeto para o clube: “a gente se cruzava no caminho [...]. Eu achava ela bem bonitinha, uma gracinha, toda tímida”. Então, ingressou no grupo de jovens da igreja frequentada por ela e começaram a namorar. Foram quatro anos de namoro até o casamento. “Eu quis transformar a vida dela, uma coisa meio Robin Wood, assim, o pai dela era muito ruim pra ela”.

No início da vida conjugal, relata que fora apaixonado, contudo, passados alguns anos, “a natureza falou mais alto” e teve seu primeiro *caso* homossexual – durante a gravidez da esposa. Como marido, era um *bom companheiro*, “tanto que a gente é super amigo até hoje”. Não obstante, admite que foi infiel e que deixava *muito a desejar* sexualmente: “era uma relação de amizade muito legal, só faltava o sexo”. Em sua concepção, é isso o que mantém um relacionamento: “tu pode ter todo o resto, mas se tu não tiver o sexo não mantém”.

Divorciado há 10 anos, Gustavo mantém-se próximo da ex-esposa. Para ele, as melhores coisas do casamento foram o companheirismo e o carinho mútuo. Já as piores, *no fim*, era a prática sexual: “foi ficando bem complicado, assim, tipo: ‘putz, vai ter que ser hoje’, aí não era e eu ficava aliviado, e quando rolava eu pensava: ‘ufa, agora só semana que vem””. Eles não chegaram a conversar sobre essa questão, “porque eu teria que falar sobre uma coisa que eu jamais poderia contar, que era a única explicação”.

Resume que sua vida mudou *muito pouco* depois do matrimônio: “Eu continuei saindo com meus amigos e ela saía junto. Continuei saindo pra dançar, porque ela gostava e saía mais pra jantar, porque eu tinha uma companhia”. Ele manteve-se na mesma casa após o casamento e admite que a adaptação da esposa “foi tranquila, mas não perfeita”. Os principais desentendimentos resultavam das cobranças da mãe, transferidas, então, para a esposa: “as coisas que eu não fazia, minha mãe cobrava dela e isso causava um certo estresse”.

Inquirido a manifestar opinião sobre o adultério, declara: “eu acho péssimo. A minha opinião é essa, mas eu faço”. No período em que foi casado, a justificativa era *fisiológica*: “eu fiquei dez anos querendo muito uma coisa que ela não tinha pra me oferecer. Eu traí por uma



necessidade. Ela não me deu motivo nenhum e foi a única pessoa que eu conheci que não me deu motivo nenhum”. A *falta de coragem*, alega, o impediu de terminar antecedentemente a relação: “eu não sou uma pessoa corajosa, principalmente pra terminar relacionamentos. Então, eu seria casado com ela até hoje se ela permitisse”.

Nos relacionamentos posteriores, sem embargo, a certeza – ou mesmo a desconfiança de uma traição – fundamentavam os casos de infidelidade: “o primeiro cara que eu fiquei, ele era um baita de um aprontão. Depois, todas as outras pessoas com quem eu me relacionava era a mesma coisa, tipo, acontecia alguma coisa e normalmente eu pensava: ‘não, a pessoa gosta de mim, merece, vou ser fiel’, aí eu descobria alguma coisa. [...]. Então eu não confio e nunca vou confiar, entendeu. Aí eu faço também, tipo, eu não consegui me desvencilhar, mas eu queria encontrar alguém que eu confiasse. Então, eu não acredito numa relação que não tenha traição”.

Nosso entrevistado não vê problemas em homens e mulheres que preferem a vida de solteiro. Complementa, no entanto, que existem mais mulheres que optam por esta condição: “ela se basta, se cuida, não precisa de alguém pra cuidar dela, é mais autossuficiente. [...]. Hoje, as mulheres querem sair, querem transar, mas elas não querem levar pra dentro de casa. [...]. Eu vejo isso também com mulher mais velha, por exemplo, minha mãe, quando o pai morreu ela dizia assim: ‘eu não quero casar de novo. Véio eu só cuidei de um porque era meu desde novo, eu aproveitei a parte boa, agora eu vou pegar um véio pra lavar roupa e cuidar cueca mijada? Eu não quero!’”.

Ele avalia, ademais, que o homem é *muito dependente*: “depende da mãe a vida inteira e depois troca a mãe pela esposa. Eu sou dependente, meu namorado é dependente. Eu minto pra ele que não preciso, que eu ficaria muito bem sozinho, mentira! Eu procuraria outra pessoa logo, logo. [...], e de forma geral, eu não vejo homens conseguirem ficar sozinhos assim. [...]. Eu acho que o cara procura uma mãe, uma mulher que faça o papel da mãe dele e a mulher não tem muito isso. Ela aprendeu a se virar desde sempre”.

Gustavo é contrário à ideia de que casos de agressão doméstica devam ser debatidos somente entre familiares. Pondera, porém, sobre a dificuldade em distinguir uma discussão mais *acalorada* de casos de violência. Para ele, a frase: “em briga de marido e mulher não se mete a colher” está *desatualizada*. Em casos de agressão deve haver, sim, alguma interferência externa.

Nosso entrevistado tem uma filha de 16 anos – que após o divórcio dos pais, optou em continuar morando com ele e a avó. “Não existe um tratado, mas ela sempre considerou a casa dela aqui”. Ele define-se como *o melhor pai do mundo*: “Eu sou presente, exigente e, ao mesmo tempo, legal. Eu procuro conversar de tudo, sobre todas as coisas do mundo. Eu tento passar noções de responsabilidade, de caráter, de fazer as coisas certas, mas, ao mesmo tempo, eu digo

pra ela que tem mentirinha que ela pode fazer, que não precisa ser perfeita, que ela vai errar. Me dou com os amigos dela, procuro entender se ela tá triste e também ajudo nas coisas do colégio”.

Sua participação na criação da filha é mensurada em porcentagens: “40% meu, 40% da mãe dela e 20% da minha mãe”. Das atividades que desempenhava, enumera: “eu fazia mamá, saía pra passear, brincava, acordava para levar no médico, acordava de noite se tinha que acordar, dava banho, levo e busco até hoje no colégio”. As maiores dificuldades encontradas foi na troca de fraldas: “limpar cocô eu tinha nojo, mesmo da minha filha. [...], nem ficava perto pra ver, mas o resto é maravilhoso”.

A experiência da paternidade mudou sua vida, proclama: “é tudo em função dela”. Ele não teve de fazer *sacrifícios* quando tornou-se pai, mas informa que se condiciona a prestar concursos públicos em cidades vizinhas para ficar próximo da filha. As melhores coisas de ser pai, assegura: “tu aprende o que é o amor de verdade, aprende a ser mais carinhoso”. Já as piores, são as preocupações quando ela está fora de casa: “tu fica muito preocupado. Tu quer proteger e, ao mesmo tempo, tu tem que lançar ela pro mundo, deixar que voe, né. Tipo, se vai numa festa, tu fica acordado até de madrugada, não dorme direito”.

Gustavo não considera que o nascimento da filha tenha resultado na tardia revelação de sua orientação sexual: “não foi o fato de ser pai, foi o fato da sociedade mesmo, e da minha esposa, do amor que eu tinha por ela”. Interrogado sobre como a descendente lida com sua homossexualidade, declara: “Ela preferia que eu não fosse”. Pai e filha *nunca* conversaram abertamente sobre a questão, mas ele assevera que a relação deles não mudou após a descoberta: “não afetou em nada assim. Na verdade, eu acho que o constrangimento dela é em relação aos outros, ao que os outros vão falar ou, então, de ter que me defender”. Atualmente, a filha tem conhecimento do namorado de seu pai e, pelo que constata, *ela se dá bem com ele*.

Dos ensinamentos que aprendeu com os pais, procura transmitir o valor da honestidade. Relata que a filha tem liberdade para sair com amigos e também para namorar. Com relação aos afazeres domésticos, informa que essa lição é passada pela avó: “muita coisa é minha mãe que ensina pra ela, tipo, cozinha e tal, então, ela sabe fazer tudo, mas não faz”.

Quanto aos estudos, investe na mesma pedagogia usada por sua mãe: “quer estudar, vai lá e estuda. Se não quer estudar, eu não vou ganhar nem perder nada com isso”. A adverte, contudo, a procurar uma profissão que goste – mas que também a possibilite ter a vida confortável que aprecia: “Eu dou bem a real, tipo: não é só faça o que ama e nem ‘tem que fazer tal coisa’ porque isso dá futuro. Tem uma coisa que eu também digo pra ela: não se preocupe

com status da profissão. O status do vendedor é bem menor que um dentista, mas ele pode ganhar mais do que eu”.

Questionado acerca do que aprendeu com a filha, nosso entrevistado assegura: “Ela é o meu fator moderador. Ela me mostra que eu tô sendo preconceituoso quando eu acho que não sou. Ela me dá um freio. [...] e a coisa mais importante assim que ela me ensinou foi o que é tu amar alguém mais do que a ti mesmo. [...]. Amar de verdade eu aprendi com ela, porque eu nunca amei alguém assim, de verdade, nem a minha mãe”.

A responsabilidade pela criação dos filhos cabe tanto ao pai quanto à mãe no entendimento de nosso investigado. Ele também defende que não devam haver papéis definidos nessa educação: “Eu acho que a mãe tem que impor limites igual e o pai tem que ser carinhoso e acolhedor igual, depende do momento e o que for preciso”.

Gustavo não defende uma criação distinta baseada no sexo das crianças. No entanto, investe em um diálogo franco sobre o arbitrário cenário social: “tu tem que explicar que o mundo vai cobrar dela uma coisa, tipo: se ela sair com todo mundo ela é vagabunda e se o menino sair com todo mundo ele é o garanhão. [...], ao mesmo tempo, eu ensino que ela não tem que se preocupar tanto com o que a sociedade pensa a respeito dela, né, mas coloco pra ela que existe isso, que a sociedade é assim”.

Para ele, não existe um maior responsável em casos de gravidez indesejada. Sobre o aborto, demonstra-se indeciso, mas evoca sua formação católica e acaba, ainda que parcialmente, posicionando-se contrariamente a essa prática: “Sinceramente eu não tenho uma opinião formada, porque eu tenho meu lado católico, que vai dizer que é uma vida e que tu tá matando alguém e, ao mesmo tempo, eu acho que, em situações de doenças incuráveis ou alguma coisa assim, eu acho que é justificável”.

Com relação às mulheres que possuem condições biológicas, mas que optam por não ter filhos, nosso entrevistado não manifesta objeções: “Eu acho que todo mundo tem a liberdade de fazer o que bem entender”. Todavia, adverte que tal decisão acarretaria a perda da *melhor* oportunidade de ser feliz. A mesma opinião é estendida aos homens, com o agravo de que muitos deles perdem a possibilidade de serem bons pais pela condicionante social de que: “o pai não pode ser carinhoso, o pai não pode isso, não pode aquilo”.

Ser homem, define Gustavo: “é tentar ser uma pessoa de caráter bom, saber viver em sociedade, é trabalhar e ter seu sustento, [...]. É seguir a tua vida honestamente, enfrentar o que tiver que enfrentar”. Estima que as melhores coisas de sê-lo consistem em poder ser pai, ter tido maior liberdade para sair e não sofrer com o machismo. Em contrapeso, as responsabilidades delegadas aos homens, como ter de *ser o provedor*, resultam nas piores coisas. Ele reporta –

após a introjeção de certas *cobranças* sociais – sentir-se coagido a provar sua coragem: “às vezes, eu tava louco pra sair correndo, mas eu mesmo me pressionava: ‘eu não posso’. [...], de estar eu e minha esposa caminhando e vinha vindo um cara, eu segurava ela e ficava encarando o cara”.

Para nosso perfilado, masculinidade é *força*. Ele endossa a visão hegemônica ao manifestar-se favoravelmente ao que entende como *padrão*: “é tu não ter a voz fina, é tu não ser afeminado, é caminhar de perna aberta”. Ele menciona que homens *muito femininos* não o atraem – ainda que aprecie algumas características que julga mais femininas, como delicadeza e cordialidade: “me atraí as características mais masculinas, tipo, não andar rebolando, não andar com as pernas juntas. Eu jamais ficaria com Pablo Vittar, por exemplo”.

Sugestionado a posicionar-se em uma escala de masculinidade, identifica-se como “80% mais masculino”. Adverte, entretanto, que solta uns *uuuii* esporadicamente: “na voz, eu acho a minha voz bem de viado, bem bicha. [...]. Dançando também, eu prefiro dançar o samba na ponta do pé, que é mais feminino. O passista não mexe muito a parte superior, ele tem que ser duro e a mulher mexe aqui [quadril], mexe as mãos”. Quanto à feminilidade, a define *basicamente* pelo andar: “um andar balançando o quadril, com as pernas juntas, sem se separar. Normalmente as sapas [lésbicas] masculinizadas andam de perna aberta, só falta coçar o saco”. Além disso, também caracteriza a mulher feminina pela fala *delicada* e a voz fina.

As principais diferenças naturais entre homens e mulheres sugeridas pelo investigado situam-se na maior *sensibilidade* e autossuficiência delas: “a mulher já nasce mais sensível, com uma sensibilidade mais aguçada, mais romântica. [...]. Eu acho que ela nasce mais forte em algumas coisas, no sentido de lidar com ela mesma, de se auto entender”. Ele infere, todavia, que as mulheres são fragilizadas no processo cultural: “ela aprende que tem que ser protegida, isso ensinam pra ela, que ela não pode sair sozinha, que ela tem que ser aquela que não dá pra todo mundo, que ela é o sexo frágil”.

Para ele, outrossim, o homem também é provido de sensibilidade, porém “ele é educado para não demonstrar seus sentimentos”. Rememora a continência da exteriorização daquilo que sentia ainda na infância – evitando ouvir músicas *mais femininas* como receio de reprimendas: “eu procurava não chorar de emoção por achar que ia ser cobrado de mim. [...]. Eu adorava ouvir aquela música “Amor e Poder” [Rosana], mas eu ouvia escondido ou aquela música “Super-Homem”<sup>31</sup>, do Gilberto Gil, sabe, eu adorava, mas, tipo, eu ouvia escondido”.

---

<sup>31</sup> A frase que intitula esse retrato faz referência a primeira estrofe da música: “Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria. Que o mundo masculino tudo me daria. Do que eu quisesse ter. Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara. É a porção melhor que trago em mim agora. É o que me faz viver. [...]”.

Atualmente, considera-se o *rei dos chorão* e acha *sensacional* os homens que também vão às lágrimas. Explanou que foram poucas as vezes em que chorou de tristeza. “Eu choro muito de emoção, qualquer coisa me emociona. [...], tudo referente a minha filha me emociona. Quando eu casei eu chorei horrores, quando minha filha nasceu eu chorei, quando eu assisto “The Voice Kids” eu choro o programa inteiro”. Na valsa de quinze anos da filha, homenageou a esposa – colocando a música de seu casamento, “e aí eu chorei. Eu não podia olhar pra ela que eu chorava. Eu olhei cinquenta vezes o vídeo<sup>32</sup> e eu chorei cinquenta vezes”. Ele procura demonstrar os sentimentos pelas pessoas amadas através de gestos de carinho, como beijos e abraços: “Adoro andar abraçado, adoro beijar, ficar afofando, apertando gordurinha, adoro tudo que é manifestação de carinho”.

Sua maior prioridade é assegurar o bem-estar da filha. Por conseguinte, sugere que a de todos os homens seja o cuidado com os descendentes. Os maiores medos dele resultam na falta de emprego, o que, a longo prazo, impossibilitaria o custeio dos estudos da filha. Além disso, receia a violência urbana e a perda da mãe, de 88 anos.

Gustavo valida a existência de uma pressão social, sobretudo de familiares, amigos e vizinhos, no estímulo à prática sexual de meninos: “tem muito, muito, muito isso. [...] “Eu tinha pavor de viajar pra Porto Alegre, porque tinha uma prima minha que vinha: ‘E aí, e as gata?’. Ela era bem insuportável. Sabe, ela vinha e dizia: ‘conta aí, já tá beijando, já tá não sei o que’ e eu detestava aquilo”. Como resultado, revela a angústia sentida em não conseguir corresponder a essas demandas: “eu me pressionava, no sentido de ‘como vai ser, como vou fazer?’”. As impacções disso foram eminentes ao ponto de sentir-se aliviado em ter sido o *menos bonito* dentre os amigos, não sendo, portanto, “obrigado a pegar ninguém, porque ninguém queria me pegar nas festinhas. Então, não tinha, assim, uma guria que ficasse dando em cima e eu tivesse que ficar fugindo dela”.

Interpelado a opinar sobre mulheres que já tiveram muitos parceiros, Gustavo propaga: “acho que elas têm que continuar tentando até achar um parceiro que combine [...], e se não der certo com homem, tenta com mulher”. Esse pensamento propensamente liberal é uma composição recente, haja vista o reconhecimento de um pretérito de pré-julgamentos: “já fui bem preconceituoso em relação a isso, eu dizia que era tudo puta”.

Ele identifica que as distinções que fazia descendiam da conjunção de uma *frustração* pessoal com os ensinamentos familiares: “tu não é feliz e parece que tu não quer que ninguém seja. [...], e um pouco também porque eu fui ensinado assim, a minha mãe sempre falou isso.

---

<sup>32</sup> Gustavo mostrou o referido vídeo no Youtube e ficou visivelmente emocionado.

[...]. Eu me criei ouvindo que isso era o padrão, que a mulher tem que casar virgem”. Ele reflexiona, enfim, que essa *virada* de perspectiva deu-se, acima de tudo, após o processo de divórcio e os consequentes julgamentos sofridos.

Acerca da homossexualidade, Gustavo é taxativo: “eu não acho, eu tenho certeza que a pessoa nasce homossexual”. Entretanto, essa convicção é restrita aos homens. Na opinião dele, as mulheres nascem *pansexuais*: “a mulher vem ao mundo pra ser feliz (risos) seja com quem for. É por isso que acho a mulher mais evoluída, ela se importa mais com o sentimento e o homem se importa mais com o físico”. Nosso entrevistado – valendo-se de sua experiência pessoal – rechaça a bissexualidade masculina: “ele só não quer ser gay, como eu não quis por muito tempo. Muitas vezes acontecia de eu me roçar em alguém e eu sentia que a pessoa ia vir e eu fugia, até que uma hora eu deixei, mas sempre queria, só que não dizia”.

Indagado se já sofrera privações decorrentes de sua homossexualidade, menciona o restringimento de convites a festas: “O gay não é convidado pras festas de homem, de futebol, pra tomar cerveja, porque muitos caras se sentem constrangidos de tá bêbado com um cara gay ali perto [...], tu não é da turma do macharedo. Quando tu é casado, eu que já passei pela experiência, eu era convidado e agora não sou mais”.

Ele também relata não ser convidado para as festas só de mulheres, dado o ciúme dos maridos. Com efeito, revela: “tu acaba tendo que ir pras festas gays, que numa festa gay tu convida todo mundo. As pessoas podem até não ir, mas os gays se sentem honrados que vão os héteros em suas festas”. Ele reconhece a existência de um *prestígio* à heterossexualidade: “com certeza, com certeza absoluta! É muito, tipo: ‘que legal que é aquele hétero. Ele até se dá com nós’. Muito cara quer dar pro cara que é hétero, não pro que é gay”.

Gustavo também menciona ter perdido um cargo de diretoria no clube que frequenta em decorrência de discriminação. Reporta que sua indicação foi vetada por um dirigente, “que é o rei do preconceito”, sob a alegação do desconforto que a aparição dele e do namorado causariam nos eventos sociais organizados pela associação. Ainda nesse espaço, reporta uma situação *constrangedora* que passou com um funcionário: “esses dias eu falei, de brincadeira, pra ele: ‘bah, tu vem com essas pernas de fora, não tem como o cara não olhar’. Aí, hoje, eu entrei no banheiro e ele tava lavando a mão e eu fui pro mictório. Ele voou pra fora do banheiro, tipo ‘ele vai fazer alguma coisa comigo’ ou ‘não posso ser visto com ele aqui dentro’. Isso é uma coisa bem chata e que eu me importei, inclusive ia falar pra ele depois, mas acabei não falando”.

Nosso investigado nunca andou de mãos dadas em público com o namorado. Nessa situação, novamente, percebe-se que a introjeção de uma disciplina é transformada em gosto pessoal: “o que me impede, na verdade, sou eu mesmo. Eu não gosto, pela pressão da sociedade,

porque eu fui criado assim, mas eu não gosto. E nem ele, tipo, a gente não tem esse desejo de andar de mãozinha dada. A gente até comenta que acha injusto não poder andar, mas eu nunca quis, mas eu acho que existe esse impedimento”.

Ele defende que casais de pessoas do mesmo sexo tenham os mesmos direitos que os demais: “são duas pessoas normais como qualquer outra, então tem que ter os mesmos direitos e as mesmas obrigações que qualquer um”. Contudo, apesar de observar *grande evolução* nos últimos anos: “ainda estamos bem atrasados”, sentencia. De acordo com ele, ainda há  *muito preconceito* e as pessoas seguem fazendo apontamentos: “‘tu viu que o filho da fulana é gay. Ai, coitada, tem um filho drogado e outro gay’ ou, então, ‘ai, que desperdício’. Isso tem muito”.

A criminalização do discurso homofóbico é apontado por ele como um avanço no combate à discriminação. Ademais, a pluralidade de representações sobre homossexuais nas telenovelas também *tem ajudado bastante*: “pararam de fazer só o gay caricato, aquele estereótipo de bicha loca. Estão mostrando que – como o branco – o negro, o gay e o trans podem fazer qualquer coisa. Colocam o gay como engenheiro, médico e não só como cabeleireiro e estilista, né. Então, acho que estamos evoluindo, mas ainda não é considerado normal, não é natural”.

Nosso investigado admite ser *um pouco* machista: “eu tenho algumas atitudes, tipo: eu acho que a minha mãe tem que fazer a comida pra mim (risos)”. Ele não defende que a mulher tenha que servir o homem: “tem que ser em conjunto”, reconhece. Não obstante, diz-se acostumado que a mãe faça as coisas pra ele: “acho que mais do que machista, eu sou comodista. Eu acho que se tu vier aqui e fizer pra mim eu vou achar bom, então, não é machismo<sup>33</sup>, é comodismo”.

Incitado a pormenorizar acerca dessa afirmativa, pronuncia: “de repente, tu poderia me chamar de escravagista, porque se eu tivesse um escravo eu ia pedir pra um escravo fazer pra mim. [...]. Se alguém me contestar, eu vou dizer que não é certo, mas eu gosto. Minha fala jamais vai ser politicamente correta. Eu digo que não sou racista, mas eu faço piada de negro, então, se alguém me considerar racista por causa disso, paciência. Eu faço piada de negro, eu faço piada de viado, faço piada de qualquer coisa”.

O machista, na descrição dele, é o homem que procura controlar a vida da mulher: “ela tem que ter certos comportamentos, tudo bem ela ir pra rua, mas antes tem que fazer as coisas

---

<sup>33</sup> Essa tendência de Gustavo (bem como a dos demais informantes) em não se perceber como machista – apesar de possuir, como pudemos observar, alguns comportamentos que demonstram o contrário, pode ser melhor compreendida a partir do entendimento de que “el machismo no constituye un modelo puro que se manifieste en su totalidad en algún varón en particular, sino que configura una tendencia que está presente en todo varón en diferente medida” (CASTILLO; 2011, p. 23).

dentro de casa ou, mais ainda, nem pode ir pra rua, porque pode conhecer alguém e esse alguém vai te comer. [...]. É muita coisa, é aquele que acha que pode permitir ou não, que vai tentar mandar no tipo de roupa que a mulher vai usar, vai escolher as amizades”.

Quanto ao feminismo, é categórico: “tenho preconceito, acho umas chata”. Na interpretação dele, as feministas são *radicais*, que não respeitam o direito das próprias mulheres: “Elas querem impor do mesmo jeito que os homens querem impor no comportamento das mulheres, só muda o tipo de comportamento que elas querem que as mulheres tenham. [...]. Se elas chegarem a encontrar uma mulher que diga que quer ser dona de casa e cuidar dos filhos, vão achar ruim e vão condenar essa mulher”.

Questionado sobre a possível correspondência entre a incidência de casos de estupro com o comportamento das vítimas, Gustavo posiciona-se contrariamente: “acho isso a coisa mais absurda do mundo. Eu acho que cada um usa a roupa que bem entender. Eu adoro andar de calção e chinelo e não é porque eu quero mostrar as minhas belas pernas, é porque eu quero me sentir confortável. Se eu pudesse ir assim em todo lugar e tivesse coragem eu iria de calção, sem intenção sexual nenhuma”.

Os cuidados com a saúde manifestados pelo investigado contemplam hábitos de higiene, como tomar banho, escovar os dentes, cortar as unhas. Não costuma fazer exames médicos preventivos e a atenção com e a alimentação é voltada, predominantemente, para a perda de peso: “Eu não como bem, eu tiro carboidrato, arroz, pão, pra poder comer doce. Então não é um cuidado com a saúde, é só cuidado com o emagrecimento mesmo”. A prática de atividades físicas é diária, “mas a finalidade é estética, eu não sou daqueles que dizem que vai malhar por causa da saúde. Não, eu não quero ter barriga”. Na academia do clube, corre e faz musculação pela manhã e, no final da tarde, participa de aulas de zumba e axé.

Gustavo também informa não ser vaidoso e não ter muitos cuidados com a aparência: “Eu corto o cabelo e faço a barba de vez em quando. Não uso creme pra mão, não uso creme pro rosto, nunca fiz plástica e não uso perfume. No dia a dia, não uso protetor solar. Só lembro de usar se for na piscina às duas da tarde pra não tomar um queimaço. [...]. O cuidado que eu tenho, a minha preocupação é não ser gordo”. O critério para escolha das roupas é a comodidade, vestindo-se, sobremaneira, de calças jeans, camisetas e tênis – ou sapatênis. Alega que o status das marcas não importa, mas valoriza e faz uso de calções da Nike (pelo comprimento) e de moletons da Adidas e tênis da Asics (pelo conforto).

Demonstrando certo descontentamento com o corpo, reconhece a existência de um imperativo social em torno da magreza, mas não se diz constrangido em endossá-lo: “não tenho problemas em dizer que sou refém desse padrão. Quero estar dentro do padrão da magreza. Tem



coisas que eu não tô nem aí se eu tô no padrão ou não, mas nisso eu quero tá dentro”. Ele é favorável às cirurgias estéticas, com a ressalva de que excessos levam a resultados *catastróficos*. Se pudesse, afirma que faria lipoaspiração para diminuir as medidas abdominais e, dessa forma, ficaria *felicíssimo* com a aparência.

Interpelado a opinar sobre um tipo masculino que julga atraente, nosso entrevistado o descreve, genericamente, como alguém que tenha *aparência de limpo*: “Alguém que tu perceba que tome banho todo dia. Eu não tenho um padrão assim, [...]. Não gosto de homens depilados. Pode ser magro, pode ter uma barriguinha, gosto de braço forte, acho bonito. Mas gordo, gordo não me agrada. Acho tudo estranho no gordo, assim, sabe. [...]. Não sei, acho que um corpo normal, assim, médio”. Quanto ao modelo feminino, caracteriza: “mulher magra me agrada (risos). Não sei, um cabelo bonito. Não gosto daquela coisa Assembleia, cabelão, acho que tem que ter um corte no cabelo. Adoro salto alto. Acho que mulher de salto alto é muito chique”.

Ao passo que corpos sobrepesados são repelidos, ele também desaprova os demasiado musculosos – não fica *natural*. Acha bonito no homem um braço forte, *um peito legal*, desde que sem exageros. Quanto a mulher malhada, a acha *horrível* e – ao contrário do homem, que fica *exageradamente masculino* – ela perde a sua feminilidade, “fica masculina, caminha que nem homem, a perna fica grossa, fica dura e ela não consegue andar mais com molejo, com o rebolado”.

Referente à elegância, os parâmetros de reconhecimento tanto do homem quanto da mulher elegante são os mesmos. Eles são definidos, sobretudo, a partir de etiquetas de comportamento: “eu acho que depende mais da tua atitude, da tua postura. [...]. Ter aquela elegância no tratar bem todo mundo, no ser delicado, no ser educado com todo mundo. Não falar mal das pessoas, ter uma postura, um caráter, assim, em público”.

De outro lado, um homem vulgar fala coisas *inconvenientes* e não respeita convenções de vestimenta: “o cara que é indelicado, um cara que grita, sabe, eu acho muito vulgar, muito bagaceira. Uma reunião de homem olhando pra bunda de uma mulher eu acho vulgar. [...], Também a roupa. Na verdade, assim, eu acho que seria vulgar tu ir de uma maneira desrespeitosa num lugar, tipo, tu ir na missa sem camisa e de calção. Mas, ao mesmo tempo, tu ir num clube sem camisa e de calção, não é vulgar. É tu não saber se vestir de acordo com o que a ocasião pede”.

Esse mesmo comportamento é projetado na mulher vulgar, com o adendo de que a permissividade da exposição corporal é regulada pelo porte físico: “É mais ou menos parecido, que usa uma roupa inconveniente, mas na piscina ela pode mostrar a bunda dela sem problemas, na TV, num ensaio sensual, ela não é vulgar. Eu acho que depende também do corpo. Eu acho

que uma mulher magrinha pode mostrar mais do que uma mulher gorda. E não é vulgar, entendeu? Depende da pessoa, pra mim. É uma coisa bem preconceituosa, mas eu penso assim”.

### 5.3.3 O consumo cultural e midiático de Gustavo

Gustavo costuma frequentar alguns espaços culturais com moderada regularidade. Duas vezes ao ano, *pelo menos*, prestigia a filha em apresentações de Jazz e, mensalmente, vai ao cinema. “De cinema eu gosto de tudo, até de comediuzinha boba eu gosto”. O último filme que assistiu foi o suspense norte-americano, “Além da Morte”. A ida ao teatro é menos sequente – uma vez ao ano em média, não costumando ser plateia de peças do eixo Rio-São Paulo pelo elevado custo dos ingressos. Das produções locais, a última que conferiu – e não gostou – foi o drama espírita “Delicada Atração”, sobre um casal homoafetivo que convive com HIV. “Eu odiei aquela peça, era tudo muito cafona. O texto era muito clichê”. Não visita exposições artísticas e a ida a shows musicais, que fora costumeira nos anos 1980-1990, são raras hoje em dia.

Nosso entrevistado é apreciador de concursos de beleza: “coloca aí que vou em todos (risos)”. Rainha das Piscinas, Rainha dos Balneários, Rainha do Carnaval e Miss Santa Maria. Além da frequência assídua nesses eventos, procura constantemente pelo assunto no Segundo Caderno do jornal Diário de Santa Maria. Ele não assina o periódico, mas o folheia diariamente no clube. Os demais conteúdos pelos quais demonstra interesse são: a programação cultural da cidade; as críticas de teatro, cinema e televisão; a programação da TV e a coluna social. A leitura de revistas é mais restrita, feita, majoritariamente, em consultas médicas: “eu devoro a crítica de cinema da Veja, adoro, e não tem problema se for velha, eu gosto de ler mesmo assim”. Quanto a literatura, *quase nada*. O último título lido foi “1822”, de Laurentino Gomes, há três anos. No parecer dele “é história, mas não é história chata”. Ainda assim, o gênero preferido é o suspense, preferencialmente as produções de Agatha Christie, lidas na adolescência.

Gustavo não escuta programas de rádio, mas ouve músicas diariamente pelo Youtube. Os estilos favoritos são MPB, “de preferência vozes femininas e de viado. Adoro Ney Matogrosso, Renato Russo e Fred Mercury, que era o melhor de todos”. No computador de casa, além da plataforma de compartilhamento de vídeos, faz uso do Facebook e de sites para pesquisar *as mesmas coisas do jornal*: informações sobre misses, crítica de novelas, teatro e cinema. O acesso à internet é fracionado ao longo do dia, mas concentra-se, sobretudo, à noite, após a novela das 21h.

Referente ao consumo de televisão, são aproximadamente cinco horas dedicadas à televidência. Entre cinco e seis da tarde, acompanha as telenovelas reprisadas em “Vale a Pena Ver de Novo”, da Rede Globo. À noite, assiste as tramas das 21h, prosseguindo com as demais atrações da emissora até por volta da meia noite. Os gêneros televisivos preferidos contemplam telenovelas, filmes e talk-shows. E os canais que mais assiste são: A Rede Globo, *em primeiríssimo lugar*; a Rede Telecine (preferencialmente o Cult) e o SporTV, pelas transmissões de jogos de vôlei. O canal predileto é a Rede Globo *por causa das novelas das nove*. Outrossim, a fixidez da grade da emissora o auxilia na percepção da passagem das horas: “às vezes eu tô no computador e não tô nem prestando atenção no que tá dando na TV, mas tá ligada na Globo. É uma referência de horários, inclusive, porque tu já sabe os horários das coisas, tipo, a novela acaba sempre às dez e meia, então tu sabe que quando acaba já é aquele horário”.

#### 5.3.4 Os modos de Gustavo ver e ler a telenovela: ritualidade

Gustavo se define um *novelheiro*. “Dependendo do capítulo da novela eu deixo de fazer algumas coisas, eu deixo de sair, adio ou antecipo a saída. Gosto, comento sobre, discuto atores, defendo a novela”. A primeira história de que se recorda foi *Mulheres de Areia*, exibida na extinta TV Tupi em 1973. A atuação das gêmeas Rute e Raquel, interpretada por Eva Wilma e o trabalho de Gianfrancesco Guarnieri, que fazia o Tonho da Lua, foram memoráveis para nosso informante: “era maravilhoso”.

Para ele, muitos homens tem receio em admitir que assistem telenovelas “porque é meio estabelecido pela sociedade que homem gosta de futebol e a mulher gosta de novela”. Isso é uma *grande bobagem* na opinião dele, que prestigia as novelas por conta de suas histórias *bem contadas*: “gosto do suspense, quem matou?” e, também, pela possibilidade de contemplar o trabalho de direção e atores. Além disso, a assistência das novelas oportuniza a ele a congregação familiar. Daquilo que menos preza, destaca as temáticas fantasiosas: “não gosto das novelas que, tipo, colocam um cara que vai virar lobisomem. Não é muito a minha praia. O Dias Gomes fazia bem isso, mas as atuais, assim, não sou muito chegado”.

Vilões e vilãs são as personagens que mais aprecia: “porque permite uma interpretação mais elaborada do ator, e sem eles a novela não se movimentaria”. Em grande medida, foram pelas representações de vilania que as tramas tornam-se inesquecíveis para ele: “eu gosto do folhetim mesmo, tradicional, com vilãozão matando, atirando pela escada abaixo, fazendo horrores assim, adoro”. São enaltecidas por ele: Nazaré (Renata Sorrah) em *Senhora do*

*Destino*; Laura (Cláudia Abreu) em *Celebridade*; Flora (Patrícia Pilar) em *A Favorita*; Félix (Mateus Solano) em *Amor à Vida*; Branca Letícia (Susana Vieira) em *Por Amor*; Carminha (Adriana Esteves) em *Avenida Brasil* e Odete Roitman (Beatriz Segall) e Maria de Fátima (Glória Pires) em *Vale Tudo*.

No trajeto de nossa investigação, Gustavo acompanhava *Celebridade* (reprise em “Vale a Pena Ver de Novo”) e *O Outro Lado do Paraíso*. Sobre a primeira, a descreve como uma história de *celebridades instantâneas* que buscam a fama a qualquer custo. De acordo com ele, a trama é centrada na *competente* empresária Maria Clara Diniz (Malu Mader), que sofre com as investidas da vilã Laura (Cláudia Abreu) – aparentemente *boazinha*, mas que ambiciona tudo o que Maria Clara tem. Ele a compara com o filme “A Malvada”, de 1950, no qual uma expoente atriz de teatro, interpretada por Bette Davis, tem a vida usurpada por uma jovem fã (Anne Baxter). Com relação à outra novela, ele a compreende como “uma versão moderna de “O Conde de Monte Cristo””, em que a mocinha Clara (Bianca Bin), depois de ser internada em um hospício pela perversa sogra (Marieta Severo), regressa *rica* à cidade para *se vingar de todo mundo*.

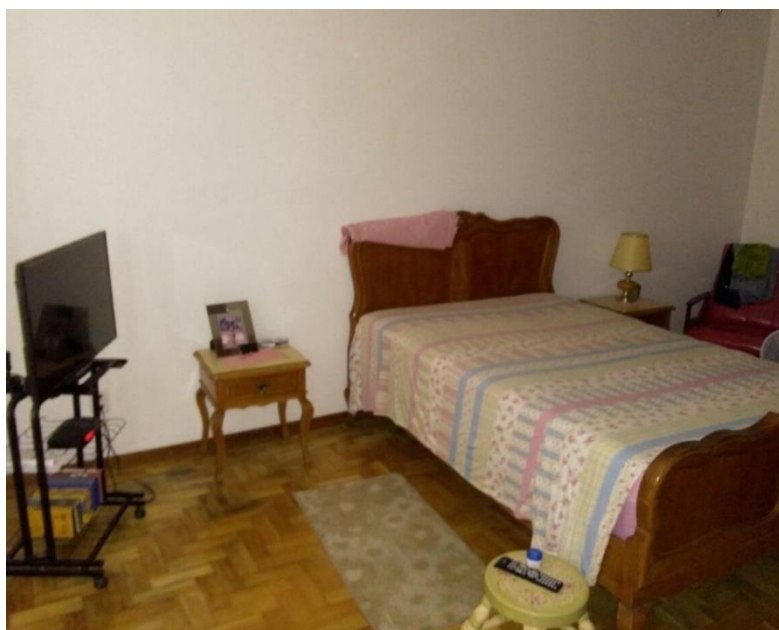
Gustavo costuma acompanhar as novelas, principalmente à das 21h, na companhia da mãe e da filha. Esporadicamente, seu namorado junta-se a eles. A família possui três aparelhos televisores na casa: um na cozinha – no qual a mãe assiste aos programas matinais da Rede Globo; um no quarto de nosso informante, e outro no quarto de sua mãe (fotografia 5). É neste espaço que, na quase totalidade das vezes, assistem às tramas: “a mãe fica sentadinha na cama virada pra cá [para a TV], fazendo o tricozinho dela e a minha filha deita do lado da mãe, aí o meu namorado, às vezes, fica na poltrona e até na cama, deitado na diagonal, e eu sento no chão”.

A jovem costuma fazer uso do celular durante a exibição, mas nosso entrevistado não desempenha nenhuma outra atividade: “nas propagandas eu levanto pra ir no banheiro, mas durante a novela não”. Ele habitualmente comenta os capítulos com a filha e, ocasionalmente, com a ex-mulher, o namorado e os amigos da academia. Procura informar-se sobre o futuro das tramas nos resumos diários do jornal e também pelo feed de notícias do Facebook.

Gustavo acredita que as telenovelas retratam a realidade – ainda que com alguma *enfeitada* de vez em quando. Para ele, Branca Letícia (Susana Vieira) em *Por Amor* era *muito realista*: “ela era uma mãe ciumenta, possessiva, demonstrava a preferência por um dos filhos, não tinha vergonha de demonstrar isso. Eu conheço gente parecida com ela”. As personagens Bibi (Juliana Paes) e a mãe dela, Aurora (Elizângela) em *A Força do Querer* também são aludidas: “Eu achei a Bibi uma personagem bem realista, porque ela se deslumbrou com o poder

do crime. A mãe dela foi mega realista, bem mãe de mulher de marginal. Achei muito, muito real. Ali naquela novela tinha uns quantos. [...], tu via que não tinha mocinho, a Ritinha era mocinha, ela gostava do Zeca, mas queria atrair a atenção do outro. Eu acho que isso acontece muito. Tu quer reafirmar teu ego chamando a atenção do outro. Eu sou bonito, todo mundo tem que me olhar. Eu tô dançando e quero que todos me olhem e me achem gostoso”.

Fotografia 5 – O quarto da matriarca é o local onde a família reúne-se para ver televisão



Fonte: Acervo pessoal do informante

Com relação às trajetórias menos realistas, menciona a protagonista Clara (Bianca Bin) em *O Outro Lado do Paraíso* pelo excesso de ingenuidade: “ela foi internada num hospício, onde ninguém sai e daí ela caiu numa armadilha muito facilmente. Lá ela conseguiu escapar num lugar que era intransponível pra qualquer pessoa e ela correu, treinou, nadou e aí ela fugiu e recebeu uma herança. Isso é muito inverossímil. Eu adoro, mas é muito inverossímil”.

Nosso investigado atesta não ter vivido nenhuma situação que tenha sido retratada na novela. No entanto, admite ter se identificado com *algumas coisinhas*, como o drama dos jovens gays Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) em *A Próxima Vítima*, que escondiam a homossexualidade da família.

Ele não acredita que as telenovelas possam influenciar no comportamento das pessoas. “Na verdade, eu acho que a vida influencia a novela e não a novela que influencia a vida. Eu

não acho que alguém vai matar porque alguém matou na novela”. No tocante à moda, contudo, sua opinião é contrária: “Na época da *Tititi*, usaram uns brincão de acrílico colorido e todo mundo usou. Aí a Porcina usava aquelas roupa mega colorida e todo mundo comprou. Acho que influencia muito na moda. [...]. No comprar coisas, sim, mas no comportamento, pra mim, não”.

Gustavo admite já ter sonhado com um romance ideal, de *final de novela*: “que eu ia ter um amor tipo o Félix [Mateus Solano] e o Anjinho [Lucas Malvacini]”. Não obstante, ao ser questionado se a telenovela o ajuda a pensar o homem que é, declina novamente: “Não lembro de ter acontecido. Eu tenho opiniões muito decididas sobre as coisas, então é muito difícil alguém, principalmente uma novela, me influenciar”. De acordo com ele, sua visão de mundo é construída, principalmente, a partir da observação das pessoas: “Da vida, da observação das pessoas. Eu considero bem boa minha capacidade de observar e conhecer as pessoas”. Ainda assim, revela que programas televisivos de debates e entrevistas já subsidiaram sua argumentação: “programas tipo Jô Soares, debates, esses já mudaram a minha opinião ou me ajudaram em alguma coisa. Por exemplo, num debate da Leda Nagle, do “Sem Censura”, eu ouvi alguma coisa que eu achei bem legal, então eu uso aquilo no meu dia a dia”.

Inquirido a descrever como são representados os homens e mulheres na trama que acompanha com maior assiduidade, nosso entrevistado avista em *O Outro Lado do Paraíso* uma linearidade na construção das personagens femininas: “ou elas são vilãs ou elas são boazinhas e as boazinhas são só boazinhas e as vilãs são só vilãs. Não existe o resto da mulher, o contexto todo da mulher”. Quanto aos homens, distingue na dramaturgia cinco diferentes modelos: Gael (Sérgio Guinzé) – *violento, possessivo e machista*; o garimpeiro Mariano (Juliano Cazarré) – *bronco, ograõ e sensual*; o advogado Patrick (Thiago Fragoso) – o *politicamente correto*; o lapidador de esmeraldas Juvenal (Anderson Di Rizzi) – o romântico e *sensível* e o médico Samuel (Eriberto Leão) – *gay enrustido*.

Acerca deste último personagem, a leitura de Gustavo é nitidamente opositiva: “Eu acho um desserviço. Ele é terrível. Eu acho o personagem mal feito, mal construído, muito estereotipado e o ator é péssimo. [...]. Nojento! Ele é dominado pela mãe, ele casou pra agradar, ele trata mal ela, não tem nenhum sentimento pela mulher dele, [...]. Eu até acredito que possa ter gente assim ainda, mas não é comum. Eu já transei com caras que são casados até hoje e, tipo, tem todo um medo, mas não é daquele jeito. Aquilo é bem estereotipado mesmo e o ator é péssimo”.

No tocante a um personagem que julgue ser um mau pai, Gustavo destaca Gael (Sergio Guizé) em *O Outro Lado do Paraíso*. Justifica sua escolha a partir da falta de afeto com o filho:

“ele simplesmente largou o filho para a irmã dele cuidar”. Quanto à representação de um bom pai, elege Gaspar (Nuno Leal Maia) em *Top Model* e Eugênio (Dan Stulbach) em *A Força do Querer*. Nosso perfilado se reconhece no personagem de *Top Model*, descrevendo-o como um *paizão*, que ensinava coisas *legais*, fazia-se sempre presente e era *amigo* dos filhos. Com relação ao de *A Força do Querer*, admirava o esforço despendido por ele na tentativa de *entender* os filhos, especialmente o transexual Ivan: “Era um esforço, não tava na cabeça dele, porque mesmo eu, que tenho uma filha, estranharia se ela fosse masculina. Lésbica mulher, tranquilo, mas começar a se vestir que nem homem, puta merda! E a minha miss? E a minha rainha do carnaval? [...]. Se ela fosse [transexual] eu respeitaria, mas que eu ia sofrer, eu ia. Eu ia ser um Dan Stulbach. Ele não tava feliz, mas entendeu que era a filha dele e tinha que amar igual”.

Quanto a maternidade representada nas telenovelas, destaca o comportamento vil das personagens Sophia (Marieta Severo) em *O Outro Lado do Paraíso* e Branca Letícia (Susana Vieira) em *Por Amor*. Na leitura dele, aquela era *preconceituosa, maldosa e interesseira* – ensinando aos filhos, unicamente, a importância do dinheiro. Já Branca Letícia, de modo aproximado, era vista como um mãe *ruim*, uma vez que *dominava* os filhos, coagindo-lhes a atender todos os caprichos dela. A mãe da Bibi, Aurora (Elizângela) em *A Força do Querer*, em contrapartida, é exemplo de uma *excelente* mãe: ela ensinou valores legais pra filha, tipo, honestidade, caráter. A filha dela saiu do prumo e mesmo assim ela não condenava, ela fazia tudo o que podia e se tinha que falar que tava errado ela falava”.

Gustavo menciona já ter se identificado com o personagem Tiago (Fábio Villa Verde) em *Vale Tudo* quando era mais jovem: “naquela fase da minha vida eu me identifiquei muito com ele. Ele era super tímido. [...], era muito, assim, cheio de conflitos. Indeciso, inseguro, muito inseguro. Eu sou inseguro ainda hoje, só que eu tento passar por cima da minha insegurança”. Na novela atual, reconhece semelhanças entre seu modo de ser e o do lapidador Juvenal (Anderson Di Rizzi) em *O Outro Lado do Paraíso*: “com o jeito de enxergar as coisas. Eu gosto de enxergar aquela pessoa que é diferente e acolher ela, sabe. É um personagem que me fascina bastante”.

Provocado a reflexionar sobre as afinidades com o personagem Félix (Mateus Solano) em *Amor à Vida*, principalmente no tocante à ironia – haja vista as constantes publicações sarcásticas que publica em seu Facebook, assente: “nesse sentido eu sou muito, muito o Félix. Eu tinha me esquecido desse meu lado, ainda bem que tu me lembrou, tipo: se tu ligar pro meu residencial e disser: ‘tá em casa?’ ‘Não!’ (risos). Tem um menina negra que trabalha lá no clube, cara, eu acabo com ela. Se ela tiver usando uma bermuda igual a tua [preta] eu vou dizer: ‘que

amor essa tua bermuda nude’ (risos) ou, então, quando vamos tirar uma foto: ‘ai, vamo para um lugar mais claro senão a Fernanda [nome fictício] não vai aparecer’ (risos)”. Ao ser confrontado se a funcionária compreendia isso apenas como uma brincadeira, desferiu um comentário ainda mais mordaz: “sim, e se não entender eu boto ela no tronco (risos). Eu digo pra ela que queria que voltasse a escravidão para mim comprar ela e botar no tronco e deixar pendurada (risos)”.

Referente à elegância masculina nas tramas, Gustavo elege os médicos Félix (Mateus Solano) em *Amor à Vida* e Daniel (Armando Bógus) em *Ciranda de Pedra*. Este, indicado pela maneira de vestir-se: “sempre com ternos bem cortados, com caimento maravilhoso”, e aquele, pela benevolência: “ele tinha um cuidado com tudo e com todos, ele tratava todo mundo bem, e era real, não era aquele bonzinho que todo mundo fica com raiva de tão bonzinho que é”. Já a elegância feminina é representada nas figuras das abonadas Alma (Marieta Severo) em *Laços de Família* e Chica Newman (Fernanda Montenegro) em *Brilhante*. Ele considerava aquela *sensacionalmente elegante*, devido às roupas e os modos de falar da personagem: “Ela sempre falava no mesmo tom, mesmo quando ia fazer uma maldade”. Quanto à Chica Newman, a define como *chiquetíssima* e sobreleva o caimento das roupas de grife e o *ar superior* da grã-fina.

Na outra ponta, a vulgaridade – tanto a feminina quanto a masculina – é observada em personagens remediadas. No caso dos homens, são apontados o vendedor de sanduíches Nil (Tony Ramos) em *Champagne* e o garimpeiro Mariano (Juliano Cazarré) em *O Outro Lado do Paraíso*. O primeiro “usava umas camisas abertas e tinha um bigodinho de Clark Gable, falava um monte de asneira, mal educado, grossão”. O segundo, de modo semelhante: “era vulgarzão, assim, roupa, barba, cabelão”. Quanto as mulheres, são nomeadas a ex-chacrete e vendedora ambulante, Márcia (Elizabeth Savalla) em *Amor à Vida* e a ex-prostituta, Nazaré (Renata Sorrah) em *Senhora do Destino*. A primeira, descreve nosso entrevistado: “usava umas roupa inadequada, um decotão feio, aquelas teta meio caída e aparecendo e usava aquelas flor no cabelo. Eu achava aquilo muito vulgar”. Já a vilã Nazaré: “era bem putona, assim, passava um homem e ela já ficava em cima, e nas roupas também. O Agnaldo Silva caprichou na Nazaré, né? [...]. Ela era trash, má, brega e vulgar, tudo”.

Gustavo não vê *nada de mal* no modo como as cenas de sexo são representadas nas tramas: “minha filha sempre pôde olhar, não tenho nada contra. Ontem, por exemplo, eu achei que ia dar uma cena de estupro do Gael e eu achei que tinha que dar, por conta da história”. A opinião é semelhante nos casos de infidelidade: “eu acho que mostra ao que acontece, as pessoas traem na vida real. É usado com algum propósito na novela pra dar uma história ali”.



Na opinião dele, é importante que casos de violência doméstica sejam representados nas telenovelas. A partir da ficção, acredita, as pessoas poderão compreender *como que funciona* a opressão, bem como as dificuldades que as mulheres encontram em romper com os ciclos de violência: “quando a gente analisa de fora é simples: ‘por que ela não denuncia?’ Aí tu vê que não é um, são vários tipos de caso: uma que gosta mesmo de apanhar, uma porque não sabe que existe um outro tipo de vida pra viver, uma porque o cara fez uma lavagem psicológica nela, que ela não existe sem ele, enfim, eu acho que isso faz as pessoas entenderem”.

Contestado, a partir da recuperação de uma fala anterior – em que defendia que as telenovelas não ajudam na reflexão sobre condutas, ele interrompe: “mas não me ajudam”. Desenvolve o argumento de que, na maioria das vezes, a empatia criada entre audiência e aquilo que é representado na ficção, não extrapolaria as fronteiras da tela ao ponto de promover uma transformação social: “o caso da minha mãe, por exemplo: ela vê a Zezé Motta, que namorou o Marcos Paulo na novela [*Corpo a Corpo*], tá? Lá, a família dele fez horrores, fez prenderem ela, porque ela era negra e ele branco. Aí, a minha mãe tá vendo aquilo, acompanhando a novela: ‘puxa, mas ela gostava tanto dele, coitada da Zezé Motta!’. Mas se ela ver o vizinho aqui da frente: ‘ai, que nojo, o cara beijando uma negra, como é que consegue?’. Ela, acompanhando aquela história da novela, ela vai torcer à favor, mas, de forma geral, não muda nada na cabeça dela”.

Acerca da homossexualidade nas telenovelas, Gustavo critica a inverossimilhança e reivindica representações mais plurais: “eu acho que ninguém abordou ainda de uma forma mais real, mais aprofundada”. Em sua apreciação, os personagens deveriam ser constituídos com mais *nuances*: “o gay ou é mostrado como o psiquiatra [Samuel de *O Outro Lado do Paraíso*], que é um enrustidão e meio caricato – ou ele é o bonzinho que tem um único amor na vida e é fiel, um coitadinho, mimoso e querido”.

Ele observa que os gays, assim como os negros, nunca são personagens *normais*: “o negro, ou ele é um empregado ou ele é colocado como uma bandeira, assim: ‘vamos defender a causa negra’”. Ele faz a ressalva, não obstante, que a novela *Cheias de Charme* retratou um homossexual de maneira *bem tranquila*: “talvez o personagem gay mais legal de todos, que era o pai de uma empregueira [Sidney Monteiro, interpretado por Daniel Dantas]. Ele foi tratado de uma maneira que isso [homossexualidade] não era importante. Era só mais um dado do personagem. [...], não teve nenhuma chantagem por ele ser gay, ninguém descobriu e, de repente, ele sofreu um grande preconceito”.

Gustavo, por fim, confirma que já reproduziu vários bordões lançados pelas novelas, como: “e eu não sei?”, do personagem Edgar Dumont (José Lewgoy) em *Loucos de Amor*. No

tocante à moda, contudo, diz nunca ter se inspirado em nenhum personagem, ainda que mencione já ter usado uma bata (que ganhou de presente) similar à do alquimista Raimundo Flamel (Edson Celulari) em *Fera Ferida*. Ele não soube informar se o penteado de que faz uso (com as laterais bem baixas e aparadas em degradê) é inspirado em *alguém de novela*. Admite, contudo, “que todo mundo começou a usar” recentemente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre fui contrário – e cada vez mais o sou – à ideia, amplamente difundida ao e pelo senso comum, de que as pessoas nascem com algum dom ou vocação natural para o exercício de alguma atividade, seja ela qual for. Digo isso a partir de teorias e muito, também, do lugar em que me encontro atualmente: um novato no campo científico. Só quando diante da passagem da reprodução para a produção de saberes, é que nos deparamos com as inúmeras complexidades (e dificuldades) de constituir-se enquanto pesquisador.

Ao longo desse processo, compreendi que “fazer pesquisa de recepção é construir laços com pessoas para saber delas como procedem em suas relações e interações com os outros e com os meios de comunicação” (FIGARO, 2017, p. 30). E para isso, foi preciso afinar métodos, instrumentais de coleta e teoria. Provavelmente, mais descomplicado seria se pegássemos algum modelo pronto, e de pronto, o aplicássemos deliberadamente. Mas, como bem disse Roseli Figaro, recepção é construir laços com pessoas. Foi preciso, então, pensar e repensar sobre como dar conta, de maneira ética, científica e, ao mesmo tempo, humanizada, da imensidão de variáveis e subjetividades que cabem em uma única vida.

Encontrei algum alento nos retratos sociológicos individuais propostos por Lahire (2004). Com eles, vislumbramos a possibilidade de objetivar a subjetividade, identificando as marcas do social no individual. O trabalho, de cunho interpretativo, foi baseado naquilo que disseram os entrevistados e também no que pôde ser observado em nossos encontros – ou mesmo em suas mídias sociais. Optamos por trazer citações das próprias fontes e compomos a narrativa lançando mão de suas próprias palavras, sinalizadas em itálico. Quanto aos títulos dos retratos, eles foram pensados de maneira a indicar algum caminho interpretativo e não uma síntese homogeneizante.

Em combinação com a proposta epistemológica de Jesús Martin-Barbero, que sobreleva a importância dos contextos para a interpretação de textos, foi possível compreender as dinâmicas sociais de nossos informantes em suas casas, escolas e trabalhos. Por meio da mediação socialidade, pudemos observar que as masculinidades são forjadas ainda na infância – e que sua incorporação não é alheia a uma série de constrangimentos e recusas, principalmente ao desejo homossexual e a gestos e emoções instituídas como femininas.

Com a mediação da ritualidade, por sua vez, pudemos compreender a relevância das telenovelas na trajetória de vida também de homens – pois eles convivem com esse produto midiático desde pequenos e, mais do que isso, se identificam e se distanciam das representações de gênero a partir de suas vivências pessoais. Entendemos, contudo, que é preciso equilibrar o

peso que as narrativas das telenovelas adquirem frente às demais mediações socioculturais - no que diz respeito (no nosso caso) aos processos de construção de masculinidades. Nas palavras do próprio Martín-Barbero:

Tuvimos que perder la obsesión por el objeto propio, tuvimos que perder la obsesión positivista por acortar la especificidad de nuestro campo, para que pudiéramos empezar a escuchar en serio las voces que nos llegan de los procesos reales en los que la comunicación se produce en América Latina (MARTÍN-BARBERO, 1984, p. 78)

Talvez porque estudamos teoricamente as telenovelas – principalmente com o foco nas suas potencialidades – ou talvez porque, em alguma medida, somos provocados pelo próprio campo da comunicação a validar o nosso objeto constantemente, expectávamos que suas impacções fossem mais facilmente apreendidas. É inegável a presença das telenovelas no cotidiano de nossos informantes – eles a invocam mesmo em momentos que não tratávamos especificamente do assunto e, em questões pontuais, afirmam que aprendem com as narrativas, sobretudo no respeito à diversidade sexual. Contudo, um de nossos próprios entrevistados [Gustavo] problematiza o que nas palavras de Lahire (2005, p.17) seriam as dissonâncias entre as disposições para crer e as disposições para agir.

Do ponto de vista deste informante, a empatia criada entre a audiência e aquilo que é representado na ficção, não extrapolaria as fronteiras da tela ao ponto de promover uma transformação social. Há de se considerar esse ponto de vista, uma vez que estamos atravessando uma forte onda de conservadorismo e intolerância às dissidências de gênero no país, ainda que muitas tramas, a exemplo de *A Força do Querer* (Rede Globo) – por meio da humanização do personagem transexual Ivan (Carol Duarte), fomentem a cidadania.

Novamente, voltamos ao tensionamento das mediações socioculturais. Como vimos teoricamente, a construção social da masculinidade envolve uma série de questões – que são atravessadas pela cultura, pela mídia, pela família e, também, pela religião. Empiricamente, pudemos perceber que a religiosidade desempenha um papel fundamental na manutenção da masculinidade como uma categoria sacralizada. Como sinaliza Fernanda Lemos (2008, p. 4) “os discursos e práticas religiosas têm a função de estruturar a masculinidade, dando ao homem a semelhança eterna com a divindade, desde que se exerça a masculinidade imposta pela religião”. Esse argumento vai ao encontro do defendido por Pedro Paulo de Oliveira (2004), que enfatiza o apoio das instituições religiosas cristãs nos preceitos tradicionais da família. De acordo com o sociólogo:

No Brasil, o reavivamento religioso trouxe à cena novos agentes interessados em resgatar valores que, segundo sua perspectiva, estão em crise. Além das pregações públicas no púlpito, nas rádios por eles dominadas ou nos tele-sermões, explicita-se toda uma cantinela destinada a restaurar uma presumível perda de poder do homem na sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2004, p. 158).

Dito isso, deduzimos, a partir da trajetória do entrevistado Marcelo, que o sujeito masculino encontra-se “entre a cruz e a espada”. De um lado, existe um discurso bem definido pela religião acerca do que é ser homem (honesto, casado, pai, financeiramente estável, provedor) e de outro, a realidade desse homem, que – vivendo em uma sociedade globalizada e capitalista – não tem acesso às características exigidas pela masculinidade hegemônica.

Em algumas situações, conseguimos capturar a operacionalidade da mediação religião, embora ela deva perpassar por tantas outras. Fiel da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias, Marcelo externou que a instituição religiosa o incentivou nos estudos, proferindo a emblemática frase: “[...] a gente acredita que um dia também vai poder ser Deus, sabe, então, a gente tem que ter bastante conhecimento”. Sua orientação religiosa também incutiu-lhe o dever da providência. Além do mais, convenceu-lhe de que a homossexualidade é uma escolha, mas não incólume ao julgamento divino e de que a “cura gay” existe. O jovem manteve-se casto até o casamento e não ingere café e bebidas alcólicas para não *quebrar* os mandamentos sagrados.

Acompanhamos, também, a via crucis de Gustavo. Sendo o filho que sobreviveu – após o malogro dos penosos processos de gravidez da mãe, carrega o fardo de não corresponder às expectativas familiares que lhe foram depositadas. Com formação católica, sua trajetória é marcada pelo confronto entre o desejo homossexual (reprimido por muito tempo) e a culpa. Sua redenção veio com o nascimento da filha – seu maior motivo de orgulho e de legitimidade enquanto homem. A primeira vez que o visitei em sua casa, avistei um retrato da jovem, que ocupava boa parte de uma das paredes da sala. Naquele mesmo dia, mostrou-me, emocionado, o álbum de fotografias dos quinze anos da descendente. Aliás, boa parte da narrativa em torno da filha é composta de emoção e olhos marejados.

Avançando na investigação em torno da construção social da masculinidade, identificamos que o trabalho é um importante componente nesse processo. O valor dele se define dentro de uma lógica em que é mensurado não apenas o cálculo econômico, mas também o benefício moral que os homens retiram desta atividade (SARTI, 2011, p. 90). Em nossa pesquisa, principalmente a partir do exame da trajetória de vida de Fernando, mas também da de Marcelo, constatamos, assim como Sarti, que:

A identidade masculina, na família e fora dela, associa-se diretamente ao valor do trabalho, não apenas para os pobres. O trabalho é muito mais do que o instrumento de sobrevivência material, mas constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem. É condição de sua autonomia moral, ou seja, da afirmação positiva de si (SARTI, 2011, p. 88).

A partir de uma vivência marcada pela escassez de recursos, Fernando assimilou a importância do trabalho ainda na infância – tanto pelos aconselhamentos dos pais, quanto pela prática. A partir de sua narrativa, apreendemos que o apreço masculino pela profissão, não imuniza o homem contra os infortúnios das jornadas excessivas de trabalho. E no caso de Fernando, ademais, resultam nos maiores desentendimentos com a esposa.

Além da dimensão do trabalho na forja da masculinidade, verificamos que a escola – a partir da multiplicidade de relações sociais que lá se estabelecem, é um ambiente que propicia a consolidação de normas e valores sociais de gênero. As situações nela vividas pelos nossos três entrevistados dão conta de que:

os valores da masculinidade hegemônica encontram-se muito presentes no contexto escolar, como um “big brother” que vigia e controla, sendo uma referência normativa dos comportamentos considerados adequados à masculinidade. [...]. A heterossexualidade é assumida como “norma”, face à qual outros comportamentos são desviantes e sancionados interpares, servindo não só para a marginalização e punição das masculinidades que divergem da norma, mas também como regulador de comportamento para todos os que tentam desviar-se das exigências dos valores hegemônicos (CARRITO; ARAÚJO, 2013, p. 154).

Nessa arena que é a escola, em que meninos duelam para serem aceitos no grupo, cada um lança mão de estratégias de (in)visibilidade. Fernando, amparado pelo irmão gêmeo, que o defendia (e vice-versa) – e também pelas habilidades esportivas, conseguiu se estabelecer com certa destreza. Gustavo, tendo desenvolvido consciência de sua homossexualidade já a partir da sexta série do ensino fundamental, se *cuidou muito* para não descumprir com as exigências heteronormativas – e dentro da lógica aquela de que a melhor defesa é o ataque, corroborou com as violências simbólicas a um menino *mais sensível*, na intenção de que não fosse ele o alvo das agressões. Marcelo, por sua vez, ao não dispor de muitas estratégias, absorveu diretamente os impactos, sobretudo, as investidas homofóbicas.

Quanto às telenovelas, por fim, após o exame da socialidade e ritualidade de nossos informantes, inferimos que elas figuram como um espaço privilegiado de discussão sobre dissidências sexuais e de gênero, haja vista que tais assuntos não são comumente abordados nos contextos familiares e escolares. Nenhum de nossos entrevistados recebeu orientações da família sobre sexualidade na infância. Marcelo chegou a contestar a ausência de debates sobre diversidade sexual nas escolas. Para ele, se essas temáticas fossem amplamente debatidas,

talvez houvesse menos discriminação. Gustavo, ainda que afirme não ter aprendido nada com as telenovelas, acredita que a pluralidade de representações sobre homossexuais tem ajudado no combate ao preconceito. De acordo com Fernando, histórias como a do personagem transexual Ivan (Carol Duarte) em *A Força do Querer*, o ajudam no enfrentamento dos próprios preconceitos. Ainda segundo ele, a novela “ensina mais que a escola”.

Ademais, os três entrevistados acreditam que é importante que casos de violência sejam representados no horário nobre, pois, a partir da ficção, as pessoas poderão compreender os mecanismos de opressão e as dificuldades enfrentadas por mulheres no rompimento de ciclos de violência. Assim, ao retratarem personagens transexuais e homossexuais de forma humanizada – e ao denunciarem casos de violência doméstica em suas tramas, as telenovelas oferecem subsídios de enfrentamento ao machismo e à homofobia.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Miriam. **A Voz e a Escuta**: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. Curitiba: Blucher, 2009.
- ALMEIDA, Heloísa Buarque de. As mulheres e as imagens da televisão. In: VENTURINI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privados**: Uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Sesc/Fundação Perseu Abramo, 2013, p. 107-118.
- ALMEIDA, Sandra Regina G. A crítica feminista no âmbito dos estudos culturais: uma interrupção indesejada? **Crop**, São Paulo, n.4/5, p. 37-47, 1997/1998.
- ANDRADE, Roberta Manuela de. **O Fascínio de Scherazade**: os usos sociais da telenovela. São Paulo: Annablume, 2003.
- ANDRADE, Roberta Manuela de. Telenovela é coisa de mulher? A audiência masculina nas novelas. **Logos**, v. 10, n. 19, p. 10-19, 2003.
- ANG, Ien. A ficção televisiva no mundo: melodrama e ironia em perspectiva global. **Matrizes**. São Paulo, v. 4, n. 1, jul./dez. 2010. p. 83-99.
- BALIEIRO, F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018. Disponível em: [http://www.Scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332018000200406&lng=en&nrm=iso](http://www.Scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200406&lng=en&nrm=iso). Acesso em 10 junho de 2018.
- BOAVENTURA, K. T.; MARTINO, L. C. Estudos culturais latino-americanos: convergências, divergências e críticas. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 3-19, jan./jun., 2010.
- BORELLI, S. H. S. Novela é coisa de mulher? In: **Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação (INTERCOM)**, 2000, Manaus (AM). São Paulo: INTERCOM, 2000.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões. Telenovelas Brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo em Perspectiva**. V. 15. n. 3. São Paulo, jul/set. 2001.
- BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista E-Compós**. V. 14, n.1, 2001.
- CASTILLO, Fabián. **La construcción de la identidad masculina**: conociendo la realidad com ojos de varón. Buenos Aires: Lumen, 2011.

CARRITO, M; ARAÚJO, H. A “palavra” aos jovens: a construção e masculinidades em contexto escolar. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 39, p. 139-158, 2013.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre os estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2008.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero uma perspectiva global: compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo**. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

COULDRY, Nick. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **New Media Society**, v. 10, n. 3, 2008. p. 373-391.

COULDRY, Nick. **Media, society, world: social theory and digital media practice**. Londres: Polity, 2012.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. **Communication Theory**, v. 23, n.3, p. 191-201, 2013.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2014.

DUARTE, Marcia Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. A Contribuição do olhar feminista. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-11, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESCOSTEGUY, A. C. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, Brasil, v. 4, n. 11, p. 115-135, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 61-76, 2016.

ESCOSTEGUY, A. C.; JACKS, N. **Comunicação & recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FIGARO, R. O trabalho de empiria nos estudos de recepção. In: FIGARO, R.; BRIGNOL, L.(Org). **Trabalho do pesquisador: o desafio da empiria em estudos de recepção**. Curitiba: Appris, 2017.

- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- GOLDENBERG, Mirian. Gênero, "o corpo" e "imitação prestigiosa" na cultura brasileira. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2011.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GOMES, I. M. M. **Efeito e recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- JACKS, Nilda. Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate. **Ilha**, Florianópolis, v.10, n.2, p. 18-35, 2008.
- JACKS, N; MENEZES, D; PIEDRAS, E. Do outro lado do balcão: foco na publicidade. In: JACKS, Nilda (coord); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- JOHN, V. M; COSTA, F. Mulheres, identidade de gênero e sexualidade: problemáticas e desafios a partir do recorte por sexo. In: JACKS, Nilda (Coord.). **Meios e audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: SOVIK; Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: SOVIK; Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HALL, Stuart. **Sin garantías**. Lima: Envió editores, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D,P&A, 2011.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Apicuri, 2016.
- HAMBURGER, E. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- HAMBURGUER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.4, n. 9, p. 103-117, 1998.
- LAHIRE, B. **Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n 49, p. 11-42, 2005.

LEMOS, Fernanda. A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea. **Netmal in Revista**, v. 1, n.1, p. 1-17, 2011.

LOPES, J. et al. Retratos sociológicos: orientações gerais. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/313633032\\_Retratos\\_Sociologicos\\_Orientacoes\\_Gerais](https://www.researchgate.net/publication/313633032_Retratos_Sociologicos_Orientacoes_Gerais). Acesso em 01 de junho de 2018.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: Lopes, Maria Immacolata Vassalo de. (org.). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2009.

LOPES, Maria Immacolata V. de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, vol. 8 (1), jan./jun. p. 65-80, 2014.

LOPES, M. I. V.; OROFINO, M. I. R. Jesús Martín-Barbero. In: CITELLI, Adilson et.al. (org.). **Dicionário de Comunicação: escola, teorias e autores**. São Paulo: Contexto. 2014. p 364-369.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De la comunicación a la cultura. Perder el “objeto” para ganar el processo. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, vol. 3, n. 5, 1984.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. La televisión en Colombia: melodrama y vida cotidiana. **Diálogos de Comunicación**. Lima, n. 17, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Nosotros habíamos hecho estudios culturales mucho antes que esta etiqueta apareciera. **Dissens**, n. 3, p. 47-53, 1997. Entrevista concedida à Ellen Spielmann.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Prólogo-entrevista. In: BONILLA, J. et al. **De las audiências contemplativas a los productores conectados**. Cali: Sello Editorial Javeriano, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. **Diálogos Midiológicos**, v. 23, n.1, p. 151-163, 2000. Entrevista concedida à Claudia Barcelos.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. **Matrizes**, v.2, n.2, p.143-162, 2009. Entrevista concedida à Maria Immacolata Vassalo de Lopes.

MARTÍN-BARBERO, J.; MUNHOZ, S. (orgs). **Televisión y Melodrama**. Bogotá: Tecer Mundo, 1992.

MARTINO, L. M. S. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEDRADO, Bendito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 3, p. 809-840, 2008.

MEIRELLES, C. F. 2009. **Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos anglo-americano e brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

MESSA, Márcia R. Os estudos feministas de mídia: uma trajetória anglo-americana. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (org.). **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MISKOLCI, Richard A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** (UFRGS), v. 21, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. **Florestan** (UFSCar), v. 2, p. 8-25, 2014.

OKIN, Susan M. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.16, n.2, p.305-332, 2008.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

OROZCO GÓMEZ, G. O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva. **Communicare**. São Paulo, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-42.

OROZCO GÓMEZ, G. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: FERRANTE, N; MARROQUIN, A.; VILARROEL, M. (orgs.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito - Ecuador: Ciespal, 2011.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PERUZZO, Cicilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) Mulher?. In: ANGRANTI, L. (Org). A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos didáticos**, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

RESTREPO, Eduardo. **Antropología y estudios culturales**: disputas y confluencias desde la periferia. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

RONSINI, Veneza M. **Mercadores de Sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RONSINI, Veneza M. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha empírica de recepção). In: GOMES, I.; JANOTTI, J. (Orgs.). **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: Edufba, 2011.

RONSINI, Veneza M. et. al. Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres das classes populares. **E-compós**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 1-17, 2017.

RONSINI, Veneza M; WOTTRICH, Laura H.; SILVA, Renata C. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção de telenovela. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2009, Curitiba (PR).

ROSA, O; Marques, C.; DHEIN, G. O velho e o novo: As apropriações de fãs de telenovela em tempos de convergência das mídias. In: **Anais da III Jornada Gaúcha de Pesquisadores da Recepção (JOGPER)**, 2016, São Leopoldo (RS).

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SARTI, Cyntia A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos podres.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul/dez, 1990.

SEDGWICK, Eve. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**. v. 28, p. 19-54, 2007.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos olhares**, n.2, p. 37-49, 1998.

SILVA, Lourdes A. P. Recepção de telenovela: a identidade em questão. In: JACKS, Nilda (Coord.). **Meios e audiências II**: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOUZA, Maria Carmen. **Telenovela e Representação social**. Rio de Janeiro: e-papers, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

TONDATO, M. P. Estudos de recepção e audiência. In: CITELLI, A. et.al. (orgs.). **Dicionário da Comunicação**: escolas, teorias e autorias. São Paulo: Contexto, 2014. p. 304-312.

TUFTE, Thomas. Telenovelas, cultura e mudanças sociais: da polissemia, prazer e resistência à comunicação estratégica e ao desenvolvimento social. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. (org.). **Telenovela**: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

WACQUANT, L. Habitus. In: CATANI, A. M. et. al. (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n.2, p.460-482, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.





## **ANEXO A – PERSONAGENS DAS TELENÓVELAS CITADAS PELOS RECEPTORES**

A descrição de personagens e a ficha técnica das telenovelas citadas pelos informantes foram reproduzidas a partir de fontes oficiais da Rede Globo (principalmente os sites Gshow e Memória Globo) – e estão aqui dispostas em ordem alfabética.

### **A FAVORITA**

Autoria: João Emanuel Carneiro

Direção: Ricardo Waddington

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 02/06/2008 – 16/01/2009

Horário: 21h

#### **Personagens:**

**Leonardo (Jackson Antunes)** - Marido de Catarina (Lilia Cabral), pai de Mariana (Clarice Falcão) e Domenico (Eduardo Mello). Embrutecido pela vida, reacionário e machista ao extremo. Vem de família pobre, e mudou-se para São Paulo ainda jovem, para trabalhar. Arrumou emprego como operário na indústria de Gonçalo (Mauro Mendonça). É um pai omissos e um marido execrável, tratando a mulher como empregada. Seu papel na fábrica é intimidar os operários que ameaçam fazer greve, o que fez com que ganhasse a antipatia do sogro Copola (Tarcísio Meira) e do concunhado Átila (Chico Diaz), que é casado com Lorena (Gisele Fróes), irmã de Catarina.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-favorita/galeria-de-personagens.htm>

### **A FORÇA DO QUERER**

Autoria: Glória Perez

Direção: Pedro Vasconcelos

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 03/04/2017 – 20/10/2017

Horário: 21h

#### **Personagens:**

**Aurora (Elisângela)** - Mãe de Bibi. Não se conforma com as escolhas da filha e faz de tudo para ajudá-la.

**Bibi (Juliana Paes)** - Bonita, sensual, alegre, calorosa, intensa, cheia de energia e muito bem humorada. É aquele tipo de mulher dependente da adrenalina da paixão. Para ela, o fogo nunca estará suficientemente alto. Termina um noivado estável com Caio para protagonizar uma ardente história de amor com Rubinho. Será capaz das maiores loucuras pelo marido e, quando cair em si, o estrago estará feito.

**Caio (Rodrigo Lombardi)** - É um homem sensível, ético, apegado aos valores e princípios morais. Seu conflito será continuar amando Bibi e, ao mesmo tempo, sendo o responsável para prendê-la.

**Cândida (Gisele Froes)** - Mãe de Jeiza, engraçada e namorada.

**Carine (Carla Diaz)** - Novinha que passa a morar no Morro do Beco e desperta o interesse de Rubinho. Torna-se uma das grandes rivais de Bibi.

**Dantas (Edson Celulari)** - Amigo e sócio de Eugênio e Eurico e pai de Cibele. Esteve ao lado de Eugênio e Eurico quando, muito jovens, depois da morte do pai, tiveram que assumir a empresa, e se ressentiu de não ter o reconhecimento que julga merecer.

**Edinalva (Zezé Polessa)** - Mãe de Ritinha.

**Eugênio (Dan Stulbach)** - Advogado, ocupa a diretoria da empresa familiar junto com o irmão Eurico. Sério, bonito, cavalheiro, aquele tipo de homem que costuma ser apontado como marido modelo. Durante muito tempo abriu mão do sonho de ter seu escritório de advocacia em função das necessidades dos outros e, agora, decidiu que é hora de realizar este desejo.

**Eurico (Humberto Martins)** - Irmão de Eugênio, com quem administra a empresa Irmãos Garcia. Não tem paciência nenhuma para qualquer coisa que não tenha uma aplicação prática. Tem muita dificuldade em lidar com mudanças. É marido de Silvana e pai de Simone.

**Irene (Débora Falabella)** - Arquiteta e amiga de Silvana. Capaz de tudo para conseguir o quer. Tem um passado extremamente perigoso e desconhecido das outras personagens. Vai se envolver com Eugênio.

**Ivan/Ivana (Carol Duarte)** - Filho temporão de Joyce e Eugênio. Criado como a princesa dos pais na infância e juventude enquanto sua aparência era feminina. Ao longo da trama, se revela trans homem.

**Jeiza (Paolla Oliveira)** - Policial linha dura, trabalha no Batalhão de Ações com Cães e sonha em se tornar lutadora profissional de MMA. Vizinha de Zeca, vai se envolver com ele. Mulher bonita, sensual, cheia de garra e atitude. Também vai se envolver com Caio e se tornará a inimiga número um 1 de Bibi.

**Joyce (Maria Fernanda Cândido)** - Esposa de Eugênio e mãe de Ruy e Ivana. É uma mulher requintada, bem nascida e ligadíssima em tudo o que diz respeito à beleza.

**Nonato (Silvero Pereira)** - Motorista de Eurico.

**Ritinha (Isis Valverde)** - Jovem e linda. É apaixonada por si mesma, vivendo aquela euforia própria da juventude, quando se quer provar de tudo o que a vida possa oferecer. Sua inconsequência há de provocar muitos estragos. Noiva de Zeca no início da trama, terá um envolvimento com Ruy.

**Rubinho (Emilio Dantas)** - Típico “lobo em pele de cordeiro”. Homem romântico, que parece ser comandado pela mulher, mas, na verdade, a manipula. Ele alimenta a sede de Bibi por

emoções extremas e, desse modo, a domina. Vai cair no mundo do crime e arrastará a esposa junto.

**Silvana (Lília Cabral)** - Arquiteta bonita e inteligente, que mergulha de cabeça no vício em jogo. Começando nas altas rodas, termina em mesas duvidosas, pondo-se muitas vezes em situações de alto risco.

**Zeca (Marcos Pigossi)** - Homem de sentimentos intensos, tudo nele é grande e intempestivo: o coração, os gestos e a capacidade de ser tão rude quanto delicado. É filho do seu Abel, de quem herdou a honestidade, o temperamento forte e o gosto pelas estradas. Desde sempre foi louco por Rita.

Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/personagem/>

## **A LEI DO AMOR**

Autoria: Maria Adelaide Amaral

Direção: Denise Saraceni

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 03/10/2016 – 31/03/2017

Horário: 21h

### **Personagens:**

**Helô (Cláudia Abreu)** - Filha de um casal muito humilde, Jorge (Daniel Ribeiro) e Cândida (Denise Fraga). O pai trabalhou na fábrica de Fausto (Tarcísio Meira) e foi demitido por faltar ao trabalho devido ao alcoolismo. A vida difícil a ensinou desde cedo a não se subjugar, o que a levou sempre a brigar e a partir sem pudor para o confronto, seja com quem for, quando se sente prejudicada ou injustiçada. Quando conheceu Pedro (Chay Suede/ Reynaldo Gianecchini), se defendeu, sem conseguir entender o que um homem bonito, rico e tão cheio dos melhores predicados tinha visto nela. Aos poucos, foi se desarmando e se entregando a este amor conforme ele conquistava sua confiança. Após se desiludir com Pedro, aceitou a corte de um rico executivo, Tião Bezerra (Thiago Martins/ José Mayer), e se casou com ele, não por amor, mas por bem querer. Vinte anos depois, Helô estava casada com Tião e tinha dois filhos, Letícia (Isabella Santoni) e Edu (Matheus Fagundes). Sofisticou-se, instruiu-se, mas, essencialmente, permaneceu a mesma mulher sensível, ávida, direta e transparente. Por Tião (Thiago Martins/ José Mayer), sentia um misto de carinho e gratidão, até descobrir que ele era um homem vingativo e rancoroso. Se reencontrou com Pedro e reacendeu a chama desta paixão. Enfrentando diversas barreiras, consegue ficar com seu amado e ter mais um filho, fruto desta relação.

Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/a-lei-do-amor/>

## **AMOR À VIDA**

Autoria: Walcyr Carrasco

Direção: Mauro Mendonça Filho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 20/05/2013 – 31/01/2014

Horário: 21h

**Personagens:**

**César Khoury (Antônio Fagundes)** - Marido de Pilar (Susana Vieira), pai de Paloma (Paolla Oliveira) e Félix (Mateus Solano). Clínico geral, é o diretor-presidente do hospital San Magno, que pertence a sua família. No início da trama, demonstra ser um homem calmo, ponderado e tradicional, dedicado à família e à medicina. Muda completamente após se apaixonar pela secretária, Aline (Vanessa Giacomini).

**Félix (Mateus Solano)** - Irmão de Paloma (Paolla Oliveira), filho de Pilar (Susana Vieira) e César (Antonio Fagundes). Invejoso, ferino, rancoroso e manipulador, é movido pela ambição de chegar à direção do hospital da família. Esconde a homossexualidade em um casamento de fachada com Edith (Bárbara Paz), mãe de seu filho, Jonathan (Thales Cabral).

**Márcia (Elizabeth Savalla)** - Ex-chacrete (dançarina do programa do Chacrinha), conhecida como Tetê Para-choque e Para-lama. Engraçada e despachada, sobrevive vendendo cachorro-quente na rua 25 de Março. É mãe de Valdirene (Tatá Werneck), que criou para fisgar um marido milionário usando o golpe da barriga. Acolhe Atílio (Luis Melo) quando este perde a memória e vira um indigente, e acaba se apaixonando por ele.

**Pilar Khoury (Susana Vieira)** - Mulher charmosa, ama e confia no marido, César (Antonio Fagundes). É idolatrada pelo filho, Félix (Mateus Solano) – por quem também tem adoração – e tem uma relação tensa com a filha, Paloma (Paolla Oliveira). De origem pobre, dá valor a tudo o que tem.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-mais.htm>

**A PRÓXIMA VÍTIMA**

Autoria: Silvio de Abreu

Direção: Jorge Fernando, Rogério Gomes e Marcelo Travesso

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 13/03/1995 – 04/11/1995

Horário: 20h30

**Personagens:**

**Ana Carvalho (Susana Vieira)** - Inteligente, sem muita cultura, despachada, às vezes até rude, mas profundamente humana. Tem as características de uma italiana e se entrega a tudo com muita paixão. É mãe por excelência e, portanto, protetora. Fiel e dedicada, não suporta traição. Como tem sangue quente, é capaz das maiores loucuras quando ferida. É absolutamente apaixonada por Marcelo (José Wilker), a quem dedicou 20 anos de sua vida e com quem tem três filhos, Sandro (André Gonçalves), Giulio (Eduardo Felipe) e Carina (Deborah Secco), quase adultos. Com a traição do amante, descobre o amor de Juca (Tony Ramos) e tem que se decidir entre os dois.

**Jefferson Noronha (Lui Mendes)** – Filho de Cleber (Antonio Pitanga) e Fátima (Zezé Motta), irmão de Sidney (Norton Nascimento) e Patrícia (Camila Pitanga). Estudante de Direito, faz

parte da turma de Sandro (André Gonçalves) e Irene (Vivianne Pasmanter) na faculdade. Joga vôlei com Giulio (Eduardo Felipe). Ao longo da trama, descobre-se que tem um relacionamento com Sandro.

**Sandro Rossi (André Gonçalves)** - Filho mais velho de Ana (Susana Vieira) e Marcelo (José Wilker), irmão de Giulio (Eduardo Felipe) e Carina (Deborah Secco). Estuda Direito. É o melhor amigo da mãe, e o preferido do pai. Ao longo da trama, descobre-se que tem um relacionamento com Jefferson (Lui Mendes).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-proxima-vitima/galeria-de-personagens.htm>

## **AVENIDA BRASIL**

Autoria: João Emanuel Carneiro

Direção: Ricardo Waddington

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 26/03/2012 – 19/10/2012

Horário: 21h

### **Personagens:**

**Carminha (Adriana Esteves)** - É a grande vilã da história, uma mulher fria e ambiciosa, filha de Santiago (Juca de Oliveira). No começo da novela, está casada com Genésio (Tony Ramos) e mantém um caso com Max (Marcello Novaes). Depois de viúva, manda sua enteada Rita (Mel Maia) para um lixão e se casa com Tufão (Murilo Benício), um famoso jogador de futebol. É mãe de Batata / Jorginho (Bernardo Simões / Cauã Reymond) e Ágata (Ana Karolina), frutos de seu caso com Max. No decorrer da novela, enfrenta o plano de vingança de Rita, que agora se chama Nina (Débora Falabella). Termina a novela presa.

**Jorginho (Cauã Reymond)** - Foi abandonado pelos pais, Carminha (Adriana Esteves) e Max (Marcello Novaes), no lixão, onde se apaixonou por Rita / Nina (Mel Maia / Débora Falabella). É levado de lá pela própria mãe quando ela se casa com Tufão (Murilo Benício), mas só descobre a identidade de seus pais e que é irmão de Ágata (Ana Karolina) bem mais velho. Assim como o pai adotivo, dedica-se ao futebol e joga pelo Divino Futebol Clube. No começo da novela, está noivo de Débora (Nathalia Dill), mas, ao reencontrar Nina, decide reviver o amor de infância. Jorginho é criado como neto de Leleco (Marcus Caruso) e Muricy (Eliane Gardini) e sobrinho de Ivana (Letícia Isnard). Só que seus verdadeiros avós são Lucinda (Vera Holtz) e Nilo (José de Abreu), pais de Max, e Santiago (Juca de Oliveira), pai de Carminha. Jorginho sofre muito até descobrir toda a verdade sobre o seu passado. Termina a novela ao lado de Nina, com quem tem um filho.

**Nilo (Avenida Brasil)** - Morador do lixão e explorador de menores. Ao contrário de Lucinda (Vera Holtz), que tenta dar carinho, amor e alimento às crianças do depósito de lixo, Nilo as maltrata. No decorrer da novela, descobre-se que ele é ex-marido de Lucinda, pai de Max (Marcello Novaes) e avó de Batata/Jorginho (Bernardo Simões / Simões / Cauã Reymond) e Ágata (Ana Karolina). A família foi separada devido às maldades do pai de Carminha (Adriana Esteves), Santiago (Juca de Oliveira), que, nos últimos capítulos, assassina Nilo.

**Tufão (Murilo Benício)** - Ex-jogador de futebol que deu um título carioca ao Flamengo na época em que jogava como artilheiro do time. É rico, mas leva uma vida sem ostentação. Tufão nunca abandonou as suas origens, apesar do dinheiro que ganhou ao longo da vida. É um homem generoso e que valoriza a família. É filho de Leleco (Marcus Caruso) e Muricy (Eliane Gardini) e irmão de Ivana (Letícia Isnard). Cria Batata / Jorginho (Bernardo Simões / Cauã Reymond) e Ágata (Ana Karolina) como se fossem seus filhos biológicos, sem saber que são fruto da relação extraconjugal que Carminha (Adriana Esteves), sua esposa, mantém com Max (Marcello Novaes). Termina a novela ao lado de Monalisa (Heloísa Périssé), noiva que abandonou, no começo da trama, para ficar com Carminha.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/avenida-brasil/galeria-de-personagens.htm>

## **BRILHANTE**

Autoria: Gilberto Braga

Direção: Daniel Filho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 28/06/1981 – 27/03/1982

Horário: 20h

### **Personagens:**

**Chica Newman (Fernanda Montenegro)** - Grande matriarca, profundamente ligada ao marido Vitor (Mário Lago), que cresceu, em parte, graças ao seu apoio. Mãe de Isabel (Renée de Vielmond) e Inácio (Dennis Carvalho). Nasceu rica e fica apavorada diante de qualquer tipo de perda de poder. Tem uma mentalidade ainda mais aristocrática do que a do marido. Profundamente dominadora, defende os valores familiares. Inteligente, não mede esforços para defender o que considera seus interesses e os da família. Culta, viajada e dotada de uma cultura europeia, considera-se superior aos seus amigos grã-finos. Mas acaba se envolvendo com seu motorista, Carlos (Cláudio Marzo).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/brilhante/galeria-de-personagens.htm>

## **CAMINHO DAS ÍNDIAS**

Autoria: Glória Perez

Direção: Fred Mayrink, Luciano Sabino, Roberto Carminati e Leonardo Nogueira

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 19/01/2009 – 11/09/2009

Horário: 21h

### **Personagens:**

**Melissa (Christiane Torloni)** – Esposa de Ramiro (Humberto Martins), e mãe de Tarso (Bruno Gagliasso) e Inês (Maria Maya), vive preocupada com tudo o que diz respeito à beleza e à juventude. Tem horror à velhice, e é extremamente vaidosa. No início da novela, não se dá com a filha e deixa claro que prefere Tarso, dono de um rosto perfeito como o dela. Elitista, enfrenta as dificuldades trazidas pela doença do rapaz, e se humaniza ao longo da trama.

**Tarso (Bruno Gagliasso)** - Filho de Ramiro (Humberto Martins) e Melissa (Christiane Torloni), irmão de Inês (Maria Maya). Jovem sensível, repleto de aptidões artísticas. Sente-se pressionado pelo tamanho da expectativa que pesa sobre ele. A mãe o idolatra por ser bonito e supõe que deva conquistar todas as mulheres; o pai quer que ele seja mais ambicioso, e tenta enquadrá-lo no perfil de um empresário agressivo e bem-sucedido. A pressão é tanta que ele se deprime e acaba desenvolvendo uma doença mental. No decorrer da novela, passa por alguns tratamentos tradicionais até chegar ao centro de saúde mental do Dr. Castanho (Stênio Garcia), que adota o método da Dra. Nise da Silveira, renomada psiquiatra brasileira.

**Tônia (Marjorie Estiano)** – Estudante de medicina e irmã de Murilo (Caco Ciocler), começa a namorar Tarso (Bruno Gagliasso), enfrentando as reclamações de Melissa (Christiane Torloni), que não a considera – como a nenhuma outra mulher – à altura do filho. Tem grande importância no processo de tratamento do rapaz.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/caminho-das-indias/galeria-de-personagens.htm>

## CELEBRIDADE

Autoria: Gilberto Braga

Direção: Dennis Carvalho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 13/10/2003 – 26/06/2004

Horário: 20h

## Personagens:

**Laura (Cláudia Abreu)** - Pobre, humilde, extraordinariamente convincente e sedutora. Quase sempre doce, suave e desprotegida, o que desarma mesmo as mulheres mais espertas, e envolve os homens num clima de sensualidade inocente. Mas, se necessário, é muito agressiva, tanto para seduzir quanto para destruir. Suas vítimas mais exploradas na trama são Nelito (Taumaturgo Ferreira), Bruno (Sérgio Menezes) e Cristiano (Alexandre Borges). Renato Mendes (Fábio Assunção), o vilão da novela, embora a princípio não se dê conta, é obcecado por ela, e monta um esquema tortuoso para atraí-la. É amante de Marcos (Márcio Garcia), sua alma gêmea, por quem sente forte atração e desejo dominador, plenamente correspondidos. Os dois formam uma dupla de crápulas para ninguém botar defeito. Fascinada pela figura forte de Maria Clara (Malu Mader), Laura é a vilã da novela.

**Maria Clara Diniz (Malu Mader)** - Empresária musical e produtora bem-sucedida. Desde bastante jovem foi inteligente, forte, lutadora, sustentou a mãe viúva, Corina (Nívea Maria), e a irmã mais moça, Ana Paula (Ana Beatriz Nogueira). Marcada pela morte do noivo, há 15 anos, dedicou-se de corpo e alma à carreira e nunca mais quis se casar. Aos 20 e poucos anos já era modelo conhecida, e tornou-se uma das principais empresárias musicais do país. Algo seca, e contida, rejeita sentimentalismo, complacência e intimidade fácil. Não é milionária, mas vive muito bem e tem muito *glamour*. Admirada, desejada e invejada, contrata muitos dos maiores artistas do país e promove alguns dos mais importantes *shows* realizados no Brasil. Sempre teve dificuldade em manter relações duradouras. A imagem vitoriosa e independente assusta os homens, por mais fascinante que ela seja. No início da história, está apaixonada – e

é correspondida – por Otávio (Thiago Lacerda). Passa por grandes dificuldades por causa de um golpe aplicado por Laura (Cláudia Abreu). Depois de uma forte decepção com Otávio, Maria Clara vive um amor difícil com o produtor de cinema Fernando (Marcos Palmeira), casado com Beatriz (Deborah Evelyn).

**Salvador (Roberto Bonfim)** - Pai de Fernando Amorim (Marcos Palmeira). Barbeiro, é dono de um salão simples no Andaraí, onde trabalham as manicures Darlene (Deborah Secco) e Jaqueline (Juliana Paes). No passado, foi campeão de remo com Lineu Vasconcelos (Hugo Carvana), Ubaldo Quintela (Gracindo Jr.) e o falecido Hélio Diniz, marido de Corina (Nívea Maria) e pai de Maria Clara (Malu Mader) e Ana Paula (Ana Beatriz Nogueira). Salvador tem relação de grande afeto com o filho e com o neto, Inácio (Bruno Gagliasso). Tem um romance com Palmira (Adriana Alves).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/celebridade/galeria-de-personagens.htm>

### **CIRANDA DE PEDRA (1ª versão)**

Autoria: Teixeira Filho

Direção: Reynaldo Boury e Wolf Maya

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 18/05/1981 – 14/11/1981

Horário: 18h

#### **Personagens:**

**Doutor Daniel (Armando Bógus)** - É o eterno apaixonado de Laura (Eva Wilma). Ainda no início de sua carreira de médico, tratou dela na mansão e se apaixonou. Mais tarde, quando sabe que ela está internada no manicômio estadual, consegue tirá-la de lá e a leva para sua casa. Sabe que sua doença é física e não mental. Tem um carinho enorme por Virgínia (Lucélia Santos), com quem convive desde pequena.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/ciranda-de-pedra-1-versao/galeria-de-personagens.htm>

### **CHEIAS DE CHARME**

Autoria: Filipe Miguez e Izabel de Oliveira

Direção: Carlos Araujo

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 16/04/2012 – 28/09/2012

Horário: 19h

#### **Personagens:**

**Sidney Monteiro (Daniel Dantas)** – Para Rosário, é um grande pai: fã, orgulhoso da filha talentosa, provedor, protetor. De alma sensível e imenso coração, sabe ser bravo e exigente, falar grosso e botar limite, e com isso deu a Rosário uma bela estrutura. Encantou-se por Rosário quando a viu, aos 10 anos, cantando numa festa no orfanato. Recém-viúvo, Sidney acreditou que a menina fosse um anjo mandado do céu para consolá-lo. Foi ouvindo os discos de Sidney e suas inúmeras histórias da MPB que Rosário cresceu como cantora. Tornou-se o fiel escudeiro



da carreira da filha. Gay assumido, volta a viver uma história de amor com um ex-segurança de Chayene, Wanderley.

Fonte: [http://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme/personagem/sidney\\_monteiro.html](http://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme/personagem/sidney_monteiro.html)

## CHAMPAGNE

Autoria: Cassiano Gabus Mendes

Direção: Wolf Maya

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 24/10/1983 – 04/05/1984

Horário: 20h

### Personagens:

**Nil (Tony Ramos)** - Nil, como é conhecido, é dono de uma barraca de sanduíches na praia. Preocupa-se muito com a felicidade de sua família, mas não sabe lidar com as mulheres. É grosseiro e as trata rispidamente, sem muitas concessões. É filho de Gastão (Sebastião Vasconcelos) e Adélia (Eloísa Mafalda).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/champagne/galeria-de-personagens.htm>

## CORPO A CORPO

Autoria: Gilberto Braga

Direção: Dennis Carvalho e Jayme Monjardim

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 26/11/1984 – 21/06/1985

Horário: 20h

### Personagens:

**Alfredo Fraga Dantas (Hugo Carvana)** – Empresário inteligente e astuto, dono de um grande conglomerado, cujo carro-chefe é a firma de construções Fraga Dantas S.A., onde trabalham Osmar (Antonio Fagundes), Eloá (Débora Duarte) e outros personagens da novela. Alfredo é um homem dominador, severo, autoritário, mas bastante ligado aos filhos, Beatriz (Malu Mader), Cláudio (Marcos Paulo) e Olavo (Marcelo Picchi). Era casado com Isabel (Joyce Oliveira), mas fica viúvo no primeiro capítulo da novela e, no decorrer da história, relaciona-se com Lúcia Gouveia (Joana Fomm).

**Cláudio Fraga Dantas (Marcos Paulo)** – Filho preferido de Alfredo (Hugo Carvana), mas considerado o “maldito” da família. É irmão de Olavo (Marcelo Picchi) e Beatriz (Malu Mader). É um rapaz inquieto, formado em Engenharia, mas que não quer seguir a carreira do pai. Cláudio sabe muito bem o que não quer, mas não sabe o que quer. No decorrer da novela, apaixonou-se por Sônia (Zezé Motta). A relação não é aceita por Alfredo, devido a um preconceito racial, pois a jovem é negra.

**Sônia Nascimento Rangel (Zezé Motta)** – Arquiteta que não encontrou seu espaço no mercado de trabalho e foi obrigada a abrir uma firma de paisagismo. Tenta ganhar a vida

fazendo jardins, especialmente em edifícios de classe média. É filha de Jussara (Ruth de Souza) e noiva de um jornalista, com quem tem uma boa relação, mas não é nenhum amor avassalador. No decorrer da novela, apaixona-se tremendamente por Cláudio (Marcos Paulo), mas vive um romance conturbado pelo preconceito racial: ele é branco, e ela, negra. A relação dos dois não é aceita por Alfredo (Hugo Carvana), pai de Cláudio.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/corpoacorpo/galeria-de-personagens.htm>

### **FERA FERIDA**

Autoria: Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares  
 Direção: Dennis Carvalho, Marcos Paulo, Carlos Magalhães e Carlos Araújo  
 Emissora: Rede Globo  
 Período de exibição: 15/11/1993 – 16/07/1994  
 Horário: 20h30

#### **Personagens:**

**Raimundo Flamel (Edson Celulari)** – Feliciano Mota da Costa Júnior é um jovem bonito e intelectualizado. Volta à Tubiacanga, sob a identidade de Raimundo Flamel, 15 anos depois da morte de seus pais, Feliciano (Tarcísio Meira) e Laurinda (Lucinha Lins), para se vingar. Fraqueja um pouco quando se descobre apaixonado por Linda Inês (Giulia Gam), filha do maior responsável pelo fim trágico de seus pais, o atual prefeito, Demóstenes (José Wilker). É químico e discípulo do alquimista Nicolau (Ivan de Albuquerque), o que o faz ter um ar meio sinistro. É sobrinho de Margarida (Arlete Salles) e amigo de Gusmão (Ewerton de Castro), seu secretário.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/fera-ferida/galeria-de-personagens.htm>

### **IRMÃOS CORAGEM (1ª versão)**

Autoria: Janete Clair  
 Direção: Daniel Filho, Milton Gonçalves e Reynaldo Boury  
 Emissora: Rede Globo  
 Período de exibição 08/06/1970 - 12/06/1971  
 Horário: 20h

#### **Personagens:**

**João Coragem (Tarcísio Meira)** – Filho de Sinhana (Zilka Sallaberry) e Sebastião (Antônio Vitor), e irmão de Jerônimo (Cláudio Cavalcanti) e Duda (Cláudio Marzo). Tem seu próprio garimpo e é um dos principais opositores de Pedro Barros (Gilberto Martinho), para quem é obrigado a vender suas pedras. Não gosta de violência, e prefere acreditar na lei. Vira líder de um grupo de garimpeiros justiceiros e se envolve com a filha do seu inimigo, Lara (Glória Menezes).

**Jerônimo Coragem (Cláudio Cavalcanti)** – Garimpeiro honesto, filho de Sinhana (Zilka Sallaberry) e Sebastião (Antônio Vitor), e irmão de João (Tarcísio Meira) e Duda (Cláudio

Marzo). Entra para a política para lutar contra o poder de Pedro Barros (Gilberto Martinho). É apaixonado por Potira (Lúcia Alves), irmã de criação.

**Duda Coragem (Cláudio Marzo)** - Filho de Sinhana (Zilka Sallaberry) e Sebastião (Antônio Vitor), irmão de João (Tarcísio Meira) e Jerônimo (Cláudio Cavalcanti). Jogador do Flamengo. Casa-se com Ritinha (Regina Duarte).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/irmaos-coragem-1-versao/galeria-de-personagens.htm>

## LAÇOS DE FAMÍLIA

Autoria: Manoel Carlos

Direção: Moacyr Góes

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 05/06/2000 - 02 /02/2001

Horário: 21h

### Personagens:

**Alma (Marieta Severo)** – Tia de Edu (Reynaldo Gianecchini) e Estela (Júlia Almeida), mulher forte, rica e decidida, que veio de família pobre. Está sempre tentando manipular a vida dos sobrinhos, de quem se sente mãe. Casada com Danilo (Alexandre Borges), seu quarto marido, um homem mais jovem, mas com quem vive um casamento intenso.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/lacos-de-familia/galeria-de-personagens.htm>

## LIBERDADE, LIBERDADE

Autoria: Mario Teixeira

Direção: Vinícius Coimbra, André Câmara,

João Paulo Jabur, Pedro Brenelli e Bruno Safadi

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 11/04/2016 – 04/08/2016

Horário: 23h

### Personagens:

**André (Caio Blat)** – Filho de Raposo (Dalton Vigh) e confidente da irmã Joaquina (Andreia Horta). O jovem advogado não consegue se relacionar com mulheres. No cabaré de Virgínia, conhece Mimi (Yanna Lavigne) e pede para ela não revelar que os dois são amigos. Apaixona-se por Coronel Tolentino (Ricardo Pereira) e os dois mantêm uma relação íntima. Acusado de sodomia, morre enforcado.

**Bertoleza (Sheron Menezes)** – Negra alforriada criada como filha por Raposo (Dalton Vigh). Cresce como fidalga ao lado de André (Caio Blat) e Rosa (Andreia Horta). Ao vir para o Brasil com a família, se depara com a escravidão e o preconceito. Apaixona-se pelo cego Ventura (Vitor Thiré) e os dois fogem para Portugal.

**Tiradentes (Thiago Lacerda)** – Principal nome da Inconfidência Mineira. Deseja libertar a colônia dos mandos e desmandos de Portugal. Tem uma filha, Joaquina (Mel Maia/Andreia Horta), com Antônia (Leticia Sabatella). É preso e enforcado na frente da menina para reprimir os conspiradores. Torna-se um mártir.

**Tolentino (Ricardo Pereira)** – É o capitão que captura Tiradentes (Thiago Lacerda) e torna-se parceiro de Rubião (Mateus Solano) na defesa dos interesses da Coroa portuguesa. Tem um caso de amor com André (Caio Blat) e, por ciúmes, o acusa de sodomia. É morto por Joaquina (Andreia Horta) durante uma rebelião.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/liberdade-liberdade/liberdade-liberdade-mais.htm>

## **LOUCO AMOR**

Autoria: Gilberto Braga

Direção: Ary Coslov, Wolf Maya e José Wilker

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 11/04/1983 – 22/10/1983

Horário: 20h30

### **Personagens:**

**Edgar (José Lewgoy)** – Um senhor viúvo e irmão de André (Mauro Mendonça). Um tipo cômico, empresário riquíssimo e dono de um conglomerado de empresas. Na mocidade, foi extremamente sociável, refinado, divertido, querido por todos. Mas, desde a morte da mulher, começou a apresentar sinais de esclerose. Edgar é uma caricatura de si mesmo. Sem impulsos verdadeiros, sem iniciativa, esforça-se heroicamente para manter a imagem de homem de sociedade. Faz questão de ainda cumprir todos os seus diversos compromissos sociais, mesmo que durma durante jantares ou compareça à igreja errada na hora do casamento. Como não tem herdeiros – sua mulher não podia ter filhos –, Edgar deve deixar toda a sua fortuna para Lipe (Lauro Corona) e Patrícia (Bruna Lombardi), garantindo-lhes um futuro financeiro tranquilo. Essa possibilidade é muito aguardada por Renata (Tereza Rachel).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/louco-amor/galeria-de-personagens.htm>

## **MULHERES APAIXONADAS**

Autoria: Manoel Carlos

Direção: Ricardo Waddington

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 17/02/2003 – 11/10/2003

Horário: 21h

### **Personagens:**

**Doris (Regiane Alves)** - Filha de Irene (Marta Melinger) e Carlão (Marcos Caruso) e irmã de Carlinhos (Daniel Zettel). Não quer mais dividir o quarto com seu irmão e pressiona os pais para ter um espaço só seu em casa. Como não há mais cômodos no apartamento, Dóris acha

que seus avós paternos podem muito bem dormir no quarto da empregada. A insistência da jovem causa transtornos familiares.

**Raquel (Helena Ranaldi)** - Professora de Educação Física. Vem de São Paulo para o Rio de Janeiro em busca de emprego na Escola Ribeiro Alves, onde Helena (Christiane Torloni) é diretora. Na verdade, acredita que mudar de cidade é um recomeço para sua vida, já que estaria se afastando do seu violento marido Marcos (Dan Stulbach). No decorrer da novela, engravida de um aluno, Fred (Pedro Furtado).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/galeria-de-personagens.htm>

### **MULHERES DE AREIA (1ª versão)**

Autoria: Ivani Ribeiro

Direção: Edson Braga e Carlos Zara

Emissora: Rede Tupi

Período de exibição: 26/03/1973 – 05/02/1974

Horário: 20h

#### **Personagens:**

**Raquel Araújo (Eva Wilma)** – Filha de Isaura (Lucy Meirelles) e do pescador Floriano (Sílvio Rocha) e gêmea de Ruth (Eva Wilma). Apesar de fisicamente idênticas, as irmãs são os opostos. Raquel é ambiciosa, extrovertida e toma para si o que a vida pode lhe oferecer. É sensual e usa de todas as armas para conseguir seus objetivos. Chega a roubar o namorado da irmã, Marcos (Carlos Zara), e se casa com ele. Apesar disso, continua a se encontrar às escondidas com o mau-caráter Wanderlei (Edgard Franco).

**Ruth Araújo (Eva Wilma)** – Filha de Isaura (Lucy Meirelles) e do pescador Floriano (Sílvio Rocha) e gêmea de Raquel (Eva Wilma). Apesar de idênticas, as irmãs são completamente diferentes. Ruth é uma professora primária meiga, bonita e simples, que se apaixona por Marcos (Carlos Zara). Ruth ajuda o pai na pesca, é querida pelos pescadores e participa dos problemas da comunidade em que vive. Seu melhor amigo é Tonho da Lua (Marcos Frota), a quem conta suas alegrias e tristezas.

**Tonho da Lua (Gianfrancesco Guarnieri)** – Enteado de Donato (Ivan Mesquita) e irmão de Glorinha (Analu Graci). Tonho da Lua tem problemas mentais, podendo ser lírico, ingênuo, agressivo. Faz esculturas na areia, é amado por Alzira (Ana Rosa), mas seu coração pertence à Ruth (Eva Wilma).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/mulheres-de-areia/galeria-de-personagens.htm> e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres\\_de\\_Areia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres_de_Areia)

### **O OUTRO LADO DO PARAÍSO**

Autoria: Walcyr Carrasco

Direção: Mauro Mendonça Filho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 23/10/2017 – 11/05/2018

Horário: 21h

**Personagens:**

**Clara (Bianca Bin)** - Jovem simples e bonita, é um pouco inocente em relação ao amor. Dá aulas para crianças de um quilombo em Pedra Santa e mora com o avô, Josafá (Lima Duarte), que tem um bar na beira da estrada, no Jalapão. Apaixona-se à primeira vista por Gael (Sergio Guizé). Casa-se e se muda para Palmas, onde vai sofrer grandes decepções. Será amparada pelo amigo Renato (Rafael Cardoso) nos momentos de desespero. Vai sofrer nas mãos da sogra, Sophia (Marieta Severo), e da cunhada Livia (Grazi Massafera). Mãe de Tomaz (Vitor Figueiredo), que é obrigada a abandonar pequeno em função de uma armação que a faz desaparecer por longos dez anos.

**Gael (Sérgio Guizé)** - Filho mais velho de Sophia (Marieta Severo), apaixonou-se por Clara (Bianca Bin) assim que a conhece. Tem um temperamento instável e oscila momentos de agressividade. É irmão de Livia (Grazi Massafera) e Estela (Juliana Caldas).

**Gustavo (Luis Melo)** - Juiz em Palmas. Casado com Nádia (Eliane Giardini) e pai de Bruno (Caio Paduan) e Diego (Arthur Aguiar), é influenciado pelas opiniões da mulher.

**Henrique (Emílio de Mello)** - Diplomata em ascensão, é filho de Natanael (Juca de Oliveira), casado com Elizabeth (Gloria Pires) e pai de Adriana (Lara Cariello/Julia Dalavia). Homem culto, é apaixonado pela mulher, mas passa muitos períodos viajando para fora do país, o que provoca uma crise na relação. Vai acreditar que Elizabeth morreu em um acidente e se desesperar com a notícia.

**Josafá (Lima Duarte)** - Avô de Clara (Bianca Bin), é dono de um bar de beira de estrada em Pedra Santa. Nunca esqueceu Mercedes (Fernanda Montenegro), seu grande amor da juventude e com quem mantém forte ligação. Vai sofrer nas mãos de Sophia (Marieta Severo) e se desesperar com o sumiço da neta.

**Juvenal (Anderson Di Rizzi)** - Dono de uma oficina de lapidação que fica ao lado do alojamento dos garimpeiros. É um homem calado, introspectivo, mas amoroso com as pessoas à sua volta.

**Mariano (Juliano Cazarré)** - Garimpeiro, trabalha para Sophia (Marieta Severo) e faz tudo o que a patroa e amante ordena. Tem um temperamento rude e é ganancioso. Vai se envolver com muitas mulheres, entre elas Cleo (Giovana Cordeiro), neta de Mercedes (Fernanda Montenegro), e enfrentará a reprovação da mística.

**Mercedes (Fernanda Montenegro)** - Mulher mística, cura as pessoas tanto física quanto espiritualmente. Vive de forma muito simples. É avó de Cléo (Giovana Cordeiro) e o grande amor de Josafá (Lima Duarte). Ela escuta vozes e transformou sua casa em Pedra Santa num grande abrigo para receber pessoas quando o fim do mundo se aproximar. Conhece Clara (Bianca Bin) desde criança e pressente algo de ruim quando a neta de Josafá conta que vai casar-se com Gael.

**Patrick (Thiago Fragoso)** - Advogado, sobrinho-neto de Beatriz (Nathalia Timberg) e aliado de Clara.

**Raquel (Érika Januza)** - Amiga de Clara (Bianca Bin), vive no quilombo onde trabalha com capim dourado. Seu sonho é ir para Palmas estudar. Apaixona-se por Bruno (Caio Paduan) e vai enfrentar muito preconceito racial e social.

**Samuel (Eriberto Leão)** - Psiquiatra, é filho de Adinéia (Ana Lúcia Torre). Envolve-se com a enfermeira Suzy (Ellen Rocche) na tentativa de esconder sua homossexualidade. Também é homofóbico e vive em conflito por sua condição.

**Sophia (Marieta Severo)** - Mãe de Gael (Sergio Guizé), Livia (Grazi Massafera) e Estela (Juliana Caldas), é uma mulher gananciosa. Quando descobre que as terras de Clara (Bianca Bin) possuem uma jazida de esmeraldas, tenta convencer a nora a autorizar a exploração da pedra preciosa. Grande vilã da história.

**Vinícius (Flávio Tolezani)** - Delegado de Palmas, é casado com Lorena (Sandra Corveloni) e padrasto de Laura (Bella Piero). É um homem duro e que guarda segredos do passado.

Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/personagem/>

## OS DIAS ERAM ASSIM

Autoria: Angela Chaves e Alessandra Poggi

Direção: Walter Carvalho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 17/04/2017 – 18/09/2017

Horário: 23h

### Personagens:

**Alice (Sophie Charlotte)** - Filha mais velha do empreiteiro Arnaldo (Antonio Calloni), é estudante de Letras, mas apaixonada por fotografia. Questionadora e libertária, é namorada do advogado Vitor (Daniel de Oliveira), mas se apaixonará por Renato (Renato Góes). Após armação de Vitor, decide seguir sua vida acreditando que Renato está morto.

**Amaral (Marco Ricca)** - Delegado que vai ajudar Arnaldo (Antonio Calloni) e Vitor (Daniel de Oliveira) a perseguir Renato (Renato Góes) e Gustavo (Gabriel Leone). Linha-dura e corrupto, integra uma organização paralela que atua na repressão.

**Arnaldo (Antonio Calloni)** - Pai de Alice (Sophie Charlotte) e Nanda (Letícia Braga/Julia Dalavia), é dono da construtora Amianto. Autoritário e opressor, tem em Vitor (Daniel de Oliveira) seu braço-direito. Vive em conflito com a filha mais velha. Amigo do delegado Olavo Amaral (Marco Ricca), financia um grupamento especial que persegue opositores da ditadura.

**Kiki (Natália do Vale)** - Mãe de Alice (Sophie Charlotte) e Nanda (Letícia Braga/Julia Dalavia), casada com Arnaldo (Antonio Calloni). Acostumou-se em sua vida superficial, é moralista, conservadora e reacionária. Não dá força para os rompantes da filha mais velha, mas é acusada pelo marido de ser incompetente na educação da filha.

**Renato (Renato Góes)** - Jovem médico, ético, idealista e apaixonado pelo trabalho. Salvar vidas é sua grande paixão, até conhecer Alice. O amor pela moça será mais forte do que a raiva

que sente pelo pai dela, um homem que está perseguindo seu irmão, Gustavo (Gabriel Leone), e com quem já travou algumas discussões. Após ser vítima de um plano armado por Vitor e conseguir fugir para o Chile, Renato vai acreditar que Alice o esqueceu quando descobrir que ela se casou com Vitor pouco tempo após sua partida. Se envolve com a médica Rimena e tem com ela um filho, Valentim. Nos anos 80, de volta ao Brasil após a anistia política, vai reencontrar seu grande amor.

**Vitor (Daniel de Oliveira)** - Jovem advogado, braço-direito de Arnaldo (Antonio Calloni) na construtora. Sem caráter, possessivo e perdidamente apaixonado por Alice (Sophie Charlotte), com quem namora. Tem o temperamento parecido com o do futuro sogro, mas disfarça para ter a simpatia da namorada. Idealiza a farsa que separa Alice de Renato (Renato Góes). Depois, forma uma família com Alice.

Fonte: <https://gshow.globo.com/series/os-dias-eram-assim/>

### **PECADO CAPITAL (primeira versão)**

Autoria: Janete Clair

Direção: Daniel Filho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 24/11/1974 – 04/06/1976

Horário: 20h

#### **Personagens:**

**Carlão (Francisco Cuoco)** - Nascido e criado no subúrbio, é o protótipo do machão, malandro, mulherengo e de bom coração, um pouco rude, mas boa-praça e amado pelos vizinhos do Méier, bairro onde mora, no Rio. Chofer de táxi, divide o trabalho com o amigo Marciano (Lutero Luiz), sendo o responsável pelo sustento do pai, Raimundo (Gilberto Martinho), que tem problemas cardíacos e é impedido de trabalhar. Os cuidados com o pai fazem com que Carlão se mantenha solteiro, pois teme que Lucinha (Betty Faria), sua noiva, não saiba aceitar a situação. O relacionamento do casal é bastante tumultuado por sucessivas crises de ciúmes, embora os dois se amem. Basicamente honesto, a luta pela sobrevivência, entretanto, leva-o a assumir certas atitudes para conseguir um lugar ao sol. Quando encontra a mala com o dinheiro roubado, passa a viver um conflito ético.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pecado-capital-1-versao/galeria-de-personagens.htm>

### **POR AMOR**

Autoria: Manoel Carlos

Direção: Paulo Ubiratan e Ricardo Waddington

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 13/10/1997 – 22/05/1998

Horário: 20h30

#### **Personagens:**



**Branca Letícia (Susana Vieira)** – Mulher de Arnaldo (Carlos Eduardo Dolabella), com quem está casada há mais de 25 anos, e mãe de Marcelo (Fábio Assunção), Milena (Carolina Ferraz) e Leonardo (Murilo Benício). Vive um casamento estável, mas baseado em hipocrisia. É uma mulher divertida, viajada, amiga dos seus amigos, mas cruel com quem não gosta, como Helena (Regina Duarte) e Nando (Eduardo Moscovis), namorado de Milena. Branca tem uma origem humilde. Assedia constantemente Atílio (Antonio Fagundes), seu namorado na juventude. Com ele, teve Leonardo (Murilo Benício), mas criou o menino como filho de Arnaldo. Sempre achou que Marcelo é que fosse o filho de Atílio e, por isso, transformou-o em seu herdeiro predileto.

**Marcelo de Barros Mota (Fábio Assunção)** – Filho mais velho de Arnaldo (Carlos Eduardo Dolabella) e Branca (Susana Vieira), e irmão de Milena (Carolina Ferraz) e Leonardo (Murilo Benício). Engenheiro, como o pai, é também seu braço-direito na direção da empresa familiar. O jovem é bonito, impetuoso e um excelente profissional. Rompeu um namoro de dois anos com Laura (Vivianne Pasmanter) ao seu apaixonar por Maria Eduarda (Gabriela Duarte), com quem se casa no início da novela. Machista, como o pai, sonha com um filho homem a quem pretende dar o seu nome.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/por-amor/por-amor-outros-personagens.htm>

## ROCK STORY

Autoria: Maria Helena Nascimento

Direção: Dennis Carvalho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 09/11/2016 – 05/06/2017

Horário: 19h

### Personagens:

**Gui Santiago (Vladmir Brichta)** - Roqueiro talentoso, teve muito sucesso nos anos 90. Tem o rock na alma e na atitude. Vivia se metendo em confusão por causa de seu temperamento. Descobriu que Léo se apropriou de uma música composta por ele, Gui. Depois de algum tempo arrasado, Gui decidiu se reerguer e derrubar o rival em sua arena, a música pop; para isso, criou a 4.4. No processo de levar a banda ao sucesso aprendeu a ser um homem melhor e um pai melhor para Chiara, sua filha com Diana e para Zac, o filho adolescente que teve com uma fã e que mal conhecia. Mas toda essa melhora tem um nome: Júlia! Após conhecer ela sua vida mudou para muito melhor. Os dois se casaram e tiveram gêmeas.

Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/rock-story/>

## ROQUE SANTEIRO

Autoria: Dias Gomes

Direção: Paulo Ubiratan

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 24/06/1985 – 22/02/1986

Horário: 20h

Nº de capítulos: 209

**Personagens:**

**Viúva Porcina (Regina Duarte)** - Ignorante de berço, mas muito inteligente e intuitiva, especialmente para negócios vantajosos. Ganhou prestígio em Asa Branca com a história de que foi casada com Roque (José Wilker), a quem teria conhecido, quando trabalhava como balconista, em uma das viagens dele para vender santos. Os dois teriam se apaixonado e logo se casado, poucos dias antes de o santeiro voltar à cidade natal e morrer. Em Asa Branca, Porcina foi amparada por Sinhozinho Malta (Lima Duarte), de quem é amante, e virou parte fundamental na manutenção do mito. Sua fazenda é uma das maiores da região, e ela faz questão de ostentar sua riqueza e poder, sempre com grande mau gosto. É tida como santa, mas tem um comportamento muito duvidoso.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/roque-santeiro/galeria-de-personagens.htm>

**SENHORA DO DESTINO**

Autoria: Aguinaldo Silva

Direção: Wolf Maia

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 28/06/2004 – 11/03/2005

Horário: 21h

**Personagens:**

**Josivaldo (José de Abreu)** - Marido de Maria do Carmo (Susana Vieira) no início da novela, um crápula. Sob pretexto de ir para o Sul em busca de emprego, renunciou às suas responsabilidades e deixou para trás a mulher com os cinco filhos pequenos. Em São Paulo, logo arrumou outra família, que também abandonou depois de um tempo. E assim o fez com pelo menos outra meia dúzia de mulheres. Chegado à bebida e adepto de forrós e confusões, viveu todos esses anos irresponsavelmente. Só quando se deu conta de que tudo na vida tem um preço, lembrou-se da ex-mulher, cujo paradeiro ele descobre. Sem nunca ter se dado ao trabalho de fazer contato, decide cinicamente recorrer a ela. Vira aliado de Nazaré (Renata Sorrah).

**Maria do Carmo (Susana Vieira)** - Mulher solidária, segura de si, acostumada a controlar tudo a seu redor, porém sem jamais sufocar os que lhe estão próximos. Dona de uma linguagem rica, quase barroca, fiel intérprete de uma mistura de vários costumes e vivências, ainda é terna, passional e amantíssima. Também pode ser autoritária às vezes, mas tem uma desculpa muito forte para tal: acima de tudo quer manter a família unida e, para conseguir isso, não mede sacrifícios, estando sempre disposta a pagar qualquer preço. Teve a filha recém-nascida sequestrada e, desde então, tudo o que fez foi tentar manter os que lhe restaram próximos uns dos outros: os quatro filhos homens – Reginaldo (Eduardo Moscovis), Leandro (Leonardo Vieira), Viriato (Marcello Antony) e Plínio (Carlos Eduardo Dolabella) –, o irmão Sebastião (Luiz Carlos Vasconcelos/Nelson Xavier) e sua família, os agregados de Vila São Miguel, o namorado Dirceu de Castro (José Mayer) e seu eterno pretendente Giovanni Improtta (José Wilker). Até os amigos. Todos gravitam em torno dela e, de um modo ou de outro, acabam sempre necessitando da sua compreensão, do seu apoio ou do seu amparo. É o que chamam de “matriarca”, no sentido mais amplo da palavra. Desde que chegou a Vila São Miguel, quando

o lugar não passava de um arruado, ela se destacou pela força de vontade e pelo apego ao trabalho. Tornou-se uma referência no lugar. Se hoje vive uma vida tranquila, é porque a mereceu: pagou por ela, dia após dia, com o suor do próprio rosto. Seu objetivo maior na vida é reencontrar a filha, Lindalva.

**Nazaré (Renata Sorrah)** - A grande vilã. Prostituta que, no início da história, em 1968, fingiu ser auxiliar de enfermagem e estar grávida para segurar o namorado casado. Louca para abandonar a profissão, apostou todas as fichas na relação que mantinha com Luís Carlos Tedesco (Tarcísio Filho), chegando a sequestrar a filha de Maria do Carmo (Susana Vieira) para apresentá-la ao namorado como sendo fruto da relação dos dois. Não se arrepende do que fez. Casou-se com Luís Carlos, que abandonou a mulher para ficar com ela, e cria a “filha” Isabel (Carolina Dieckmann) com muito carinho. Também teve de acolher a primeira filha de Luís Carlos, Cláudia (Leandra Leal), depois que sua mãe morreu – mas não a suporta. Com a morte de Luís Carlos, passa a ser sustentada por Isabel. Se pudesse, acharia mais um trouxa igual ao ex-marido e tentaria de tudo para enganá-lo, mas sabe que não tem mais idade para tal. Por isso, prefere fingir-se de doente enquanto espera que lhe apareça uma saída.

Fonte:<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino/senhora-do-destino-personagens.htm>

## TOP MODEL

Autoria: Walter Negrão e Antonio Calmon  
 Direção: Roberto Talma  
 Emissora: Rede Globo  
 Período de exibição: 18/09/1989 – 05/05/1990  
 Horário: 19h

### Personagens:

**Gaspar Kundera (Nuno Leal Maia)** – Surfista no fim dos anos 1960, amante dos Beatles e dos Rolling Stones. Bom caráter, simpático, tipo do homem que ama as mulheres, só que elas não correspondem a esse amor. Suas três esposas o abandonaram, largando com ele os filhos Elvis (Marcelo Faria), Jane (Carol Machado), Ringo (Henrique Farias), Olívia (Gabriela Duarte) e Lennon (Igor Lage). Excelente pai, tem um lado brincalhão e juvenil, que encanta as crianças. Quer casar mais uma vez, para ter uma companheira que o ajude com os filhos. Trabalhador e competente. Sua total falta de ambição e a confiança excessiva nos outros o prejudicam. É o “Menino do Rio” quarentão, com a ideologia da época dos anos 1970. É filho de Morgana (Eva Todor) e irmão de Alex (Cecil Thiré).

Fonte:<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/top-model/galeria-de-personagens.htm>

## VALE TUDO

Autoria: Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères  
 Direção: Dennis Carvalho  
 Emissora: Rede Globo  
 Período de exibição: 16/05/1988 – 06/01/1989  
 Horário: 20h

**Personagens:**

**Tiago (Fábio Villa Verde)** - Filho de Helena (Renata Sorrah) e Marco Aurélio (Reginaldo Faria), neto de Odete (Beatriz Segall) e amigo de André (Marcello Novaes). Muito frágil, criado por um pai autoritário, não tem a menor autoconfiança. É ajudado por Jarbas (Stepan Nercessian) e Ivan (Antonio Fagundes).

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/vale-tudo/galeria-de-personagens.htm>

**VELHO CHICO**

Autoria: Benedito Ruy Barbosa

Direção: Luiz Fernando Carvalho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 14/03/2016 – 30/09/2016

Horário: 21h

**Personagens:**

**Afrânio de Sá Ribeiro (Antônio Fagundes)** – Herdeiro único do coronel Jacinto de Sá Ribeiro e de sua mulher Encarnação. Criado cheio de rigor e de cuidados, sufocado pelo zelo extremado da mãe. Criado em Salvador, em meio a efervescência política e cultural que antecedeu os anos da ditadura militar no país, Afrânio de Sá Ribeiro, o Saruezinho, passou as noites não em cima dos livros, mas perdido em cima de belas mulheres. Apaixonou-se por uma delas, Iolanda, com quem viveu dois anos de ardente paixão. Preparava-se para ingressar na carreira política quando a morte do pai o fez desistir de seus sonhos e de seu amor e voltar para assumir a fazenda. Obrigado a se casar na ponta do facão com Leonor, depois de desonrá-la, fez nascer dessa união Tereza e Martim, em cujo parto a esposa morreu. Viúvo, retornou contra a vontade da mãe sua história com Iolanda. Irascível e controlador, condenou a filha Tereza a um casamento infeliz para lavar a honra dos de Sá Ribeiro manchada pela história de amor que a filha viveu com Santo, filho do capataz da fazenda dos Rosa, seu grande inimigo. Depois de uma briga, cortou relações com o filho, Martim, que deixou a casa paterna e sumiu no mundo. Sua esperança era Miguel, o neto, a quem ele sonhava fazer seu herdeiro. Seu sonho vai por terra quando ele descobre que o rapaz voltou à fazenda não para assumir seu legado, mas para implementar um projeto arrojado de agrofloresta. Além de tratar uma luta com toda a família, enfrenta um duelo interno entre suas duas personalidades: Afrânio e Saruê.

**Miguel (Gabriel Leone)** – Fruto do amor proibido de Santo e Tereza, que terminou com o trágico assassinato de Belmiro pelas mãos de Cícero, empregado do coronel Afrânio. Perante os homens e a lei, é filho de Carlos Eduardo, que casou com sua mãe pouco antes de nascer. Vivendo em Brasília ao lado dos pais, seu sonho sempre foi viver na fazenda, lidando com a terra. Por isso, escolheu a carreira de agrônomo, contrariando a vontade de Carlos Eduardo, que o queria na carreira política, a fim de criar a sintonia que nunca houve entre os dois. Foi estudar na França, especializando-se na área de orgânicos. Depois de formado, volta ao país com destino certo: a fazenda de propriedade do avô. Decepciona-se com a falta de apoio em seus projetos, mas seu tio Martim o instiga a procurar outros parceiros ali mesmo, em Grotas, provando para o mundo e para o avô o valor de seu trabalho. É assim que Miguel chega até a

cooperativa dirigida por Santo, seu pai verdadeiro, e conhece Olívia, por quem se apaixona. Em princípio, o amor proibido se dava pelo fato de os dois serem de famílias rivais, mas a gravidade aumentou ao descobrirem o parentesco, afinal, ambos seriam filhos de Santo dos Anjos. O romance só se tornou possível quando Luzia, mãe da jovem, revelou que ela não era filha legítima do sertanejo.

**Santo (Domingos Montagner):** Filho de Piedade e Belmiro, irmão de Bento, nasceu em meio à seca do sertão e seguiu até a beira do rio São Francisco no colo da mãe. Cresceu valente, como o pai, que se arranhou como capataz na fazenda do capitão Ernesto Rosa. Arrancava suspiros das moças da cidade, especialmente de Tereza, filha do coronel Afrânio, inimigo do pai; e de Luzia, afilhada do capitão. Encontrava-se com Tereza às escondidas. Cícero e Luzia se uniram para decretar o fim do romance. Sem saber que Tereza teve um filho seu, casou-se com Luzia, com quem teve as filhas Olívia e Isabel. Tornou-se obstinado em combater o “mandonismo” dos de Sá Ribeiro com trabalho. Sua cooperativa de frutas libertou pequenos produtores da opressão do coronel, trazendo prosperidade para a região. Miguel, filho de Tereza, bate à sua porta para apresentar seu projeto de agricultura orgânica e autossustentável, e se apaixona por Olívia. Esse romance proibido o reúne com Tereza, vinte e cinco anos depois, que acaba por revelar a verdadeira paternidade de seu filho.

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/velho-chico/velho-chico-personagens.htm>

## VERDADES SECRETAS

Autoria: Walcyr Carrasco

Direção: André Felipe Binder, Natália Grimberg e Mauro Mendonça Filho

Emissora: Rede Globo

Período de exibição: 08/06/2015 – 25/09/2015

Horário: 23h

### Personagens:

**Angel (Camila Queiroz)** - Filha de Carolina e Rogério, nascida e criada no interior de São Paulo. É uma jovem linda e sonhadora. Seu maior desejo era ser modelo profissional. Ao se mudar com a mãe para São Paulo, conheceu Fanny e teve a chance de realizar seu grande sonho. Ao ver que a família passava por dificuldades financeiras, começou a trabalhar com o “book rosa” e foi assim que conheceu Alex, com quem se envolveu. O rico empresário se casou com Carolina para se aproximar da garota. Quando Carolina descobriu que os dois eram amantes, se suicidou. Após a morte da mãe, Angel acabou matando Alex e se casando com Gui.

Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/verdades-secretas/personagem/arlete-angel/>



## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante da pesquisa “A Ficção do homem: um estudo de recepção sobre as masculinidades representadas na telenovela”.

Estamos realizando um estudo científico cuja principal finalidade é investigar como as relações entre as representações sobre o masculino na telenovela e as mediações socioculturais (família, escola, trabalho) conformam as identidades masculinas de receptores de diferentes gerações e classes sociais.

As informações coletadas a partir de sua participação voluntária nesta pesquisa fornecerão subsídios para a elaboração da dissertação de Otávio Chagas Rosa, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veneza Mayora Ronsini.

Esclarecemos que esta pesquisa será realizada através dos seguintes procedimentos metodológicos:

1. Observações do cotidiano dos entrevistados e da assistência de telenovela nas residências dos participantes da pesquisa;
2. Entrevistas semiestruturadas em profundidade, individuais e gravadas para fim de pesquisa.

Ressaltamos que as informações reunidas serão utilizadas somente para os fins deste estudo e dos trabalhos acadêmicos de dele se desdobrarão. Ademais, está assegurado aos participantes o direito à desistência da participação na pesquisa a qualquer momento.

A pesquisa é desenvolvida por Otávio Chagas Rosa, do curso de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. O telefone para contato com o pesquisador é: (55) 98162-7846. Agradecemos desde já sua participação.

Santa Maria, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_ declaro que fui informado dos objetivos, justificativas e procedimentos desta pesquisa de forma clara e detalhada. Todas as minhas dúvidas foram respondidas e eu estou ciente de que poderei pedir esclarecimentos a qualquer momento.

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura do acadêmico pesquisador

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOECONOMICO

**Instrumento:** SOCIOECONÔMICO

**Data:**

**Local da entrevista:**

**Duração:**

1. Nome completo:
2. Idade:
3. Cidade em que reside atualmente:
4. Bairro:
5. Naturalidade:
6. Estado Civil:
7. Filhos:
8. Número de pessoas que moram na casa:
9. Profissão atual/cargo desempenhado:
10. Profissões anteriores:
11. Profissão dos demais familiares da casa (esposa e filhos):
12. Religião:
13. Principal responsável pelo sustento da família:
14. Faixa salarial mensal do(a) chefe da família:
  - ( ) Até um salário (até R\$ 800,00)
  - ( ) De um a três salários (de R\$ 800,00 até R\$ 2.640,00)
  - ( ) De três a seis salários (de R\$ 2.640,00 até 5.280,00)
  - ( ) De seis a nove salários (de R\$ 5.280,00 até 7.920,00)
  - ( ) De nove a 12 salários (de 7.920,00 até 10.560,00)
  - ( ) Mais de 12 salários (mais de 10.560,00)
15. Profissão da mãe:
16. Profissão do pai:
17. Escolaridade:
  - ( ) Ensino Fundamental Incompleto
  - ( ) Ensino Fundamental Completo
  - ( ) Ensino Médio Incompleto
  - ( ) Ensino Médio Completo
  - ( ) Ensino Superior Incompleto
  - ( ) Ensino Superior Completo
  - ( ) Pós-Graduação Incompleta
  - ( ) Pós-Graduação Completa
18. Escolaridade dos familiares:

Escolaridade	Pai	Mãe	Esposa	Filho (a)	Filho (a)	Filho (a)
Ensino Fundamental Incompleto						
Ensino Fundamental Completo						
Ensino Médio Incompleto						
Ensino Médio Completo						
Ensino Superior Incompleto						
Ensino Superior Completo						



Pós-Graduação Incompleta							
Pós-Graduação Completa							

**19.** Como costuma utilizar seu tempo livre? (Em ordem de frequência, sendo que 1 é o que mais faz e 7 o que menos faz)

	1	2	3	4	5	6	7
Descansar							
Atividades de lazer							
Tarefas domésticas							
Cuidados com saúde/beleza							
Atividades relacionadas ao trabalho							
Faz outra atividade para remuneração extra							
Estuda							

**20.** Atividade de lazer favorita:

**21.** Frequência das atividades públicas semanais no tempo livre:

Atividade	Nunca	Às vezes	Sempre
Visitar parentes			
Visitar amigos			
Praticar esporte			
Frequentar Bares			
Ir à Clubes			
Ir ao CTG			
Ir à Igreja			

**22.** Possui filiação partidária?

**23.** Pertence a um grupo sindical?

**24.** Integra algum movimento social?

**25.** Como você se autodefine?

**26.** Você diria que pertence a qual classe social, por quê?

**APÊNCICE C – ROTEIRO ENTREVISTA CONSUMO CULTURAL E MUDIÁTICO****Instrumento:** CONSUMO CULTURAL E MUDIÁTICO**Entrevistado:****Data:****Local da entrevista:****Duração:**

1. Você tem o costume de ler jornais? Não  
Nome do(s) jornal(is):  
Assuntos de maior interesse:  
Em que momento do dia costuma ler:  
Frequência de leitura:  
 diariamente  
 de 2 a 3 vezes por semana  
 1 vez por semana  
 quinzenalmente  
 mensalmente  
 anualmente  
 nunca
2. Possui o hábito de ler revistas?  
Nome da(s) revista(s):  
Em que momento do dia costuma ler:  
Frequência de leitura:  
 diariamente  
 de 2 a 3 vezes por semana  
 1 vez por semana  
 quinzenalmente  
 mensalmente  
 anualmente  
 nunca
3. Gosta de ler livros (extraescolares)?  
Títulos e autores lidos ultimamente:  
Gênero(s) preferido(s):  
Em que momento do dia costuma ler:  
Frequência de leitura:  
 diariamente  
 de 2 a 3 vezes por semana  
 1 vez por semana  
 quinzenalmente  
 mensalmente  
 anualmente  
 nunca
4. Possui o hábito de ir ao cinema?  
Último filme que assistiu:  
Gênero(s) preferido(s):  
Frequência de assistência:  
 diariamente  
 de 2 a 3 vezes por semana

- 1 vez por semana
- quinzenalmente
- mensalmente
- anualmente
- nunca

**5. Costuma ouvir rádio?**

Emissoras que escuta:

Que programação gosta de ouvir:

Estilo musical favorito:

Frequência:

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- quinzenalmente
- mensalmente
- anualmente
- nunca

**6. Frequência a espetáculos artísticos:**

Espetáculo	1 x por semana	quinzenal	mensal	semestral	anual	nunca
Teatro						
Balé/Dança						
Exposições						
Shows						
Outro						

**7. Você acessa a internet?**

**8. Qual o principal local de acesso (casa, trabalho, Lan house, locais públicos)?**

**9. Em qual(ais) dispositivo(s) acessa (computador, notebook, tablet, smartphone, televisão)?**

**10. Quais são suas atividades preferidas na internet?**

**11. Com que frequência acessa à internet?**

**12. Você possui acesso à TV paga ou a serviços de streaming (como Netflix, por exemplo)?**

**13. Qual o número de horas diárias que você dedica à televisão?**

**14. Quais são os três principais gêneros televisivos que você mais gosta de assistir:**

- Desenho
- Documentário
- Esporte
- Filme
- Entrevista
- Humorístico
- Auditório
- Telejornal
- Telenovela
- Reality Show
- Seriados
- Talk-show

**15. Quais são os três canais de televisão que você mais assiste?**

**16. E qual é o seu canal favorito (e por quê)?**

**17. Qual é o seu programa de televisão favorito (e por quê)?**

## APÊNDICE D – ROTEIRO ENTREVISTA SOCIALIDADE

**Instrumento:** SOCIALIDADE (FAMÍLIA – ESCOLA – TRABALHO)

**Entrevistado:**

**Data:**

**Local da entrevista:**

**Duração:**

### FAMÍLIA NUCLEAR PRIMORDIAL

1. Qual a principal lembrança da sua família quando você era criança?
2. Como era a relação com sua mãe?
3. Como era a relação com seu pai?
4. E como era a relação com seus irmãos e irmãs?
5. Havia conflitos em casa?
6. Como você define a educação que recebeu de seus pais?
7. Havia regras que deviam ser seguidas em casa (quais)?
8. Como eram as refeições na sua casa (quem as preparava, a família ficava reunida, como eram as disposições dos lugares à mesa)?
9. Vocês assistiam à televisão em família?
10. Havia um controle de horário e de conteúdo que poderiam assistir?
11. Como era realizada a organização da casa (limpeza, consertos, compra de alimentos, pagamento de contas)?
12. Havia divisão de tarefas entre os homens e as mulheres?
13. O que você costumava fazer no tempo livre?
14. Quais eram suas brincadeiras favoritas (e quem as ensinou)?
15. Meninos e meninas brincavam juntos?
16. Seus pais eram exigentes quanto aos estudos?
17. Você tinha liberdade para sair com seus amigos (infância e adolescência)?
18. Você tinha amigas meninas?
19. Você aprendeu a dirigir com quantos anos (e com quem)?
20. Seus pais (pai, mãe ou ambos) davam conselhos sobre o uso de bebidas alcóolicas e cigarros?
21. Com que idade você fez uso de bebida alcóolica pela primeira vez (e em qual ocasião)?
22. Você tinha liberdade para namorar?
23. Você recebia conselhos de seus pais sobre namoro?
24. Você recebia conselhos sobre o futuro profissional/trabalho?
25. Quais eram as principais características comportamentais de sua mãe?
26. Quais eram as principais características comportamentais de seu pai?
27. Você se dava melhor com seu pai ou com sua mãe (por quê)?
28. Você conversava sobre todos os assuntos com seus pais?
29. O que sua família ensinou sobre o comportamento adequado para meninos e para meninas?
30. Qual o maior aprendizado que sua família lhe ensinou?
31. O que sua família lhe ensinou sobre ser homem?
32. Você acha que o alistamento militar deve ser obrigatório?

### ESCOLA

33. Onde você estudava e como era sua escola?
34. Qual a principal lembrança que você tem de seu período escolar?
35. Você gostava da sua escola (por quê)?
36. Você se considerava um bom aluno?
37. Havia muitas regras na sua escola (quais)? E como você lidava com elas?
38. Como era a relação com seus colegas?
39. Você chegou a presenciar ou participar de algum conflito na escola (brigas, ameaças, piadas, constrangimentos)?
40. Você teve algum apelido (ou apelidou alguém) na escola?
41. O que você mais gostava e o que menos gostava de fazer na escola?
42. Como era o relacionamento entre meninos e meninas na sua escola?
43. No período de educação física, quais esportes você praticava?
44. Você se considerava um bom atleta (por quê)?
45. Meninos e meninas praticavam atividades físicas juntos (e o que você achava disso)?
46. Você tinha muitos amigos na escola? O que gostavam de fazer juntos?
47. Você tinha colegas mais velhos em quem se inspirava?
48. Você serviu ao Exército? Se sim, como foi essa experiência?
49. Quais as melhores e as piores coisas de ter servido?
50. Como eram as relações com os superiores?
51. Você defende que o alistamento militar deva continuar sendo obrigatório?

#### TRABALHO

52. Qual foi (e como foi) seu primeiro emprego?
53. Por qual motivo começou a trabalhar?
54. Como é a rotina do seu trabalho atual (ou do seu último trabalho – para os aposentados)?
55. Quais as maiores dificuldades que enfrenta no seu trabalho?
56. Você já sofreu algum acidente de trabalho?
57. Você gosta do que faz?
58. Você gostaria de exercer outra atividade/profissão (qual e por quê)?
59. Como é relação com seus colegas de trabalho?
60. Como é (ou acha que seria) trabalhar com mulheres?
61. Você acredita que existam profissões que sejam inadequadas para mulheres (quais e por quê)?
62. E para homens, você acredita que existam profissões inadequadas (quais e por quê)?
63. Qual a importância do trabalho na sua vida?
64. O que você acha das mulheres que abrem mão de suas carreiras para cuidar dos filhos?
65. Você abriria mão de seu trabalho (carreira) para cuidar dos filhos?
66. Você acredita que o homem deve ser o principal responsável pelo sustento familiar?

#### FAMÍLIA NUCLEAR ATUAL

67. Como é a sua rotina familiar atualmente?
68. Quais são as situações cotidianas que causam conflitos em sua casa?
69. Como você se define enquanto marido?
70. E como você se define enquanto pai?
71. Quais são as regras (exigências) que existem na sua casa?
72. Vocês assistem à televisão juntos?

- 73.** E como são feitas as refeições na sua casa (quem as prepara, a família fica reunida, como são as disposições dos lugares à mesa)?
- 74.** Como é realizada a organização da casa (limpeza, consertos, compra de alimentos, pagamento de contas)?
- 75.** Há divisão de tarefas? Se sim, o que cada um faz?
- 76.** Quais ensinamentos, que aprendeu com seus pais, você transmite aos seus filhos?
- 77.** Seus filhos têm liberdade para sair com amigos?
- 78.** Seus filhos têm liberdade para namorar?
- 79.** Você dá conselhos sobre namoro aos seus filhos?
- 80.** Você acredita que os pais devem educar meninos e meninas de formas diferentes (se sim, de que maneira)?
- 81.** Como os filhos homens devem ser criados? E como as filhas mulheres devem ser criadas?
- 82.** Você dá (ou dará) conselhos profissionais aos seus filhos (quais)?
- 83.** O que você aprendeu com seus filhos?

## APÊNDICE E – ROTEIRO ENTREVISTA PERCEPÇÕES DE GÊNERO

**Instrumento:** PERCEPÇÕES DE GÊNERO (CASAMENTO – PATERNIDADE – MASCULINIDADE – CORPO)

**Entrevistado:**

**Data:**

**Local da entrevista:**

**Duração:**

### CASAMENTO

1. O que muda na vida do homem depois de casado?
2. Quais são as melhores coisas do casamento?
3. E quais são as piores coisas do casamento?
4. Quais são as maiores qualidades e “defeitos” de sua esposa?
5. O que você acha dos homens que decidem não casar?
6. E o que você acha das mulheres que decidem não casar?
7. O que você acha da infidelidade no casamento?
8. Na sua opinião, quais seriam os motivos que levariam uma mulher a trair um homem?
9. Esses também seriam os motivos para um homem trair uma mulher (ou haveriam outros)?
10. Você concorda com a afirmação de que existem mulheres que são para casar e mulheres que são apenas para “diversão”?
11. Se sim, qual seria a mulher ideal para casar?
12. E qual seria a mulher apenas para “diversão”?
13. Você acredita que casais de pessoas do mesmo sexo devem ter os mesmos direitos que os demais?
14. Você acha que casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família?
15. O que você acha da frase: “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher”?

### PATERNIDADE

16. Você acredita que a relação com a esposa muda após o nascimento dos filhos?
17. Para você, foi difícil cuidar dos filhos pequenos (se sim, quais foram as maiores dificuldades)?
18. Como você avalia a sua participação na criação de seus filhos?
19. Quais tarefas você desempenhou no cuidado com os filhos?
20. Você acredita que a educação dos filhos é um assunto que diz mais respeito ao pai, a mãe ou a ambos (por quê)?
21. Na sua opinião, deve haver papéis definidos (papel do pai e papel da mãe) na criação dos filhos (se sim, quais são os papéis que cada um deve ter)?
22. Você acredita que exista um maior responsável em casos de gravidez indesejada?
23. Qual a sua opinião sobre o aborto?
24. O que mudou na sua vida depois da experiência da paternidade?
25. Você teve que abrir mão de alguma(s) coisa(s) quando se tornou pai?
26. Quais são as melhores coisas de ser pai?
27. E quais são as piores coisas de ser pai?

28. O que você acha de mulheres com condições biológicas que decidem não ter filhos? (Quais as razões seriam as razões)?
29. E o que você acha de homens que não querem ter filhos? (Quais seriam as razões)?

### MASCULINIDADE

30. Para você, o que é ser homem?
31. Quais as melhores coisas de ser homem?
32. E quais são as piores coisas?
33. O que sua família lhe ensinou sobre ser homem?
34. Você já se sentiu pressionado pela família ou pelos amigos a provar sua coragem?
35. Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre homens e mulheres?
36. Você acredita que já nascemos com essas qualidades ou aprendemos a ser assim?
37. Para você o que é uma mulher bem feminina?
38. E o que é um homem bem masculino?
39. Você acredita que é da natureza do homem ser mais violento do que a mulher?
40. Você acredita que o homem seja naturalmente menos sentimental do que a mulher ou ele é educado para não demonstrar seus sentimentos?
41. O que você acha de homens que choram?
42. Você já chorou (em que momentos)?
43. Como você demonstra os seus sentimentos pelas pessoas que ama?
44. Quais são seus maiores medos?
45. Na sua opinião, qual deve ser a prioridade de um homem?
46. Você acredita que exista uma pressão social (família, colegas, amigos) para que o homem tenha logo sua primeira relação sexual?
47. O que você acha das mulheres que já tiveram muitos parceiros?
48. Na sua opinião, se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros?
49. Qual sua opinião sobre a homossexualidade?
50. Você se considera machista?
51. Para você, o que é o machismo (quais são os comportamentos de um machista)?
52. O que você acha das mulheres feministas?
53. Um exemplo de homem que você admira (e por quê)?
54. Um exemplo de mulher que você admira (e por quê)?

### CORPO

55. Quais são os cuidados que você tem com a saúde (alimentação, exercícios físicos, exames médicos preventivos)?
56. Quais são os cuidados que você tem com a aparência (cabelo, pelos, unhas)?
57. Como você escolhe as roupas que veste?
58. Para você, o que é um homem vulgar?
59. E uma mulher vulgar?
60. E como é um homem elegante?
61. E uma mulher elegante?
62. Na sua opinião, como deve ser a aparência de um homem?
63. E como deve ser a aparência de uma mulher?
64. Na sua opinião, qual parte do corpo masculino mais atrai as mulheres?
65. E qual parte do corpo feminino mais atrai os homens?
66. O que você acha de homens que malham demais?
67. E o que você acha de mulheres que malham demais?



68. Você se considera um homem vaidoso?
69. Se pudesse, o que mudaria em seu corpo (por quê)?
70. Qual sua opinião sobre cirurgias estéticas (plásticas rejuvenescedoras, implantes de silicone, lipoaspiração)?
71. Qual a sua opinião sobre o envelhecimento?

## APÊNDICE F – ROTEIRO ENTREVISTA RITUALIDADE

**Instrumento:** RITUALIDADE (TELENOVELA)

**Entrevistado:**

**Data:**

**Local da entrevista:**

**Duração:**

1. Você se considera um fã de telenovela?
2. Você se lembra de quando começou a assistir às telenovelas?
3. Por que você assiste telenovelas?
4. O que mais gosta nas novelas?
5. E o que menos gosta nas novelas?
6. Quais novelas foram marcantes para você (e o porquê)?
7. Quais novelas você está assistindo atualmente?
8. Você sabe dizer do que tratam as telenovelas que você assiste?
9. Qual foi (ou quais foram) a cena(s) de telenovela que mais lhe marcou? Por quê?
10. Com quem você costuma assistir telenovelas?
11. Com quem costuma comentar sobre telenovelas (e em quais ocasiões)?
12. Você procura se informar sobre o que irá acontecer nas telenovelas (onde)?
13. Em qual parte (cômodo) da casa você costuma assistir às novelas?
14. Você costuma realizar atividades paralelas enquanto assiste às novelas?
15. Por que alguns homens têm receio de dizer que assistem novelas (e o que você acha disso)?
16. Você acredita que a telenovela retrata a realidade?
17. Quais são as personagens cujas trajetórias são mais realistas da novela?
18. E quais personagens são menos cujas trajetórias são menos realistas da novela?
19. Você já vivenciou alguma situação que foi retratada em uma telenovela?
20. Na sua opinião, a telenovela pode influenciar no comportamento das pessoas?
21. Você se lembra de a telenovela ter lhe ajudado a refletir sobre alguma coisa (valores, família, relacionamento)?
22. Você se lembra de a telenovela ter lhe ajudado a sonhar com algo?
23. Você acredita que a telenovela ajuda a pensar o homem que você é?
24. O que você já aprendeu e ou aprende com a telenovela? (Perguntar sobre a educação dos filhos, relacionamento, sexualidade [gênero], diferença de classe, racismo, diferença de geração)?
25. Como os homens são retratados nessa novela?
26. E as mulheres, como são retratadas?
27. Comente sobre um personagem que você considere um bom pai.
28. Comente sobre um personagem que você considere um mau pai.
29. Comente sobre um personagem que você considera uma boa mãe.
30. Comente sobre um personagem que você considera uma má mãe.
31. No que se refere à paternidade, você se identifica com qual personagem da novela?
32. Você se identifica com algum personagem dessa novela (qual e por quais motivos)?
33. Quais são os personagens masculinos com quem você menos se identifica (por quê)?
34. E de outras novelas, quais foram os personagens que mais lhe chamaram atenção (por quê)? Você se identificava com eles (ou com as histórias deles)?
35. Quais são os personagens masculinos da novela atual que você mais gosta (por quê)?
36. E quais são os que menos gosta (por quê)?
37. Quais são as personagens femininas que mais gosta (por quê)?

38. E quais são as que menos gosta (por quê)?
39. Você acha importante que as telenovelas representem casos de violência doméstica (por quê)?
40. Qual sua opinião sobre o modo como as cenas de sexo são representadas na novela?
41. E o que você acha da questão da infidelidade que é tratada na novela?
42. Qual personagem masculino você considera elegante (por quê?)
43. Qual personagem masculino você vulgar (por quê?)
44. Qual personagem feminina você acha elegante (por quê?)
45. Qual personagem feminina você acha vulgar (por quê?)
46. Você já se inspirou no penteado, tipo de barba ou roupa de algum personagem de novela?